



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (ICH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – FECAMPO

ALAN LEITE DA SILVA



“Quando abril chegar a agitação será permanente e a propaganda, cotidiana”
Juventude Sem Terra: Arte e Cultura no Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira
- Eldorado do Carajás-Pará

Marabá-PA
2019

ALAN LEITE DA SILVA

**“Quando abril chegar a agitação será permanente e a propaganda, cotidiana”
Juventude Sem Terra: Arte e Cultura no Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira
- Eldorado do Carajás-Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), como requisito para obtenção do grau de Licenciatura.

Orientador:
Prof. Dr. Jerônimo Silva e Silva

**Marabá-PA
2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa

Silva, Alan Leite da

“Quando abril chegar a agitação será permanente e a propaganda, cotidiana” Juventude Sem Terra: arte e cultura no Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira - Eldorado do Carajás-Pará / Alan Leite da Silva ; orientador, Jerônimo Silva e Silva. — Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Brasil). 2. Reforma agrária – Pará. 3. Juventude rural. 4. Assentamentos humanos. 5. Artes e juventude. 6. Cultura. I. Silva, Jerônimo Silva e, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 333.318115

Elaborada por Alessandra Helena da Mata Nunes - CRB2/586

ALAN LEITE DA SILVA

**“Quando abril chegar a agitação será permanente e a propaganda, cotidiana”
Juventude Sem Terra: Arte e Cultura no Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira
- Eldorado do Carajás-Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura com habilitação em Linguagens, Letras e Artes.

Data da defesa: Marabá – PA, 19 de novembro de 2019.

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientador

Dr. Jerônimo da Silva e Silva
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Membro 1

Me. Maria Célia Vieira da Silva
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Membro 2

Me. Maria Suely Ferreira Gomes
Instituto Federal do Pará –CRMB

Membro 3

Me. Me Hermes de Sousa Vêras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Membro 4

Lic. Maria Raimunda César de Souza
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

À Juventude Sem Terra, pela bravura, pelos sonhos, que a cada tempo se coloca a disposição das lutas populares por igualdade social...

...Eu dedico minhas escritas a

Juventude que ousa lutar...

Meus sinceros agradecimentos...

Primeiramente a Deus pela força e determinação.

A todos os Trabalhadores e Trabalhadoras que compõem o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, que nos levam a lutar por um mundo igualitário e a nos construirmos enquanto educadores populares.

Aos meus familiares, principalmente aos meus pais Joacy Pereira e Deuzelina Leite, que mesmo distantes me impulsionaram forças para escrever e ultrapassar os obstáculos com que me deparei.

As Mulheres guerreiras da Coordenação Política Pedagógica (CPP).

Ao Professor orientador Jerônimo Silva e Silva, e ao colegiado de Educação do Campo.

Aos Amigos das madrugadas de sono do curso.

Aos meus Amigos (as) da Tuma de Licenciatura com Habilitação em Linguagens, Letras e Artes.

Ao Coletivo de Juventude do MST.

Não poderia deixar de lembrar, a força que o companheiro Zezé Cunha me proporcionou nos últimos momentos de meus escritos.

Aos irmãos e camaradas que sempre estiveram ao meu lado nessa jornada: Wildianey Celiniclis, Thiago Oliveira, Aline Silva e Nieves Rodrigues.

De 10 a 17 de abril Chuva com fortes ventos fazem nosso alvorecer, com delicadeza dona Maria (sobrevivente do massacre de 17 de abril- PA) acorda o sol no preparo do forte e cheiroso café.

Nosso dia começa encharcado assim como redes, lençóis, barracas e roupas, As meninas e meninos vão aos núcleos de base, abrem com inquietação as pastas indo aos poucos se recompondo, mastigando bem, degustando e repetindo os textos do tempo leitura, após, teimam em pôr seus pertences as raras e ardentes presença do sol... É acampamento!

Atravessam a curva mais perigosa e mais amorosa desse pedaço da memória que assombra os pesadelos dos cães de guarda do Estado e da fazendeirada da região, e acolhe carinhosamente com o riso da dona Rita (a vizinha posseira e moradora da curva) cheios de graça tocando tambores e tocando os corações das pessoas.

A Amazônia talvez em protesto esquento o asfalto e tudo a sua volta nas idas e voltas da curva, como se não bastasse os 892 km da Estrada de ferro Carajás, que liga Pará e Maranhão ou vice-versa o grande capital também leva e traz a miséria pela curva há mais de 3 décadas. Todos os dias mata bioma, povos tradicionais, comunidades, aldeias, assentamentos e periferias transformando varedas em BR's para explorar mulheres e homens e já abril nosso peito de bala em abril, e continua sim escravizando nossos corpos e sonhos fazendo com que o preço da vida seja mais barato, mais desumano, mais violento! Matando, mutilando e enlouquecendo e... A plenária foi boa.

Euforia no abraço, na fala na dança das colheres ritmando sobre pratos e bacias na fila do almoço, eiiiiita. É acampamento!

A equipe de cozinha temperou minuciosamente a história das coisas, pois se alimentem meninx é hora de reunir os setores ou trabalhar nos Nb's: avaliar, ouvir, falar, construir, avaliar, construir de novo. É acampamento!

Nas oficinas, pulem, pintem, cantem, dancem, recitem poesias de combate, amor e guerra já que HÁ TEMPO PARA AMAR NAS TRINCHEIRAS. Tomem água e enxuguem o rosto, tragam no íntimo foices, bandeiras, facões, lona, terra, faixas e música. Alertaaa! Pois dois lados da pista estão floreados. Ousadia! É nossa vez de revidar com graça, a Imoral dos covardes.

Vão! Em nome da continuidade com o punho esquerdo, pela esquerda da curva em posição de combatentes como as castanheiras, filhas e filhos de trabalhadores, soltem do meio do peito, do fundo da alma, da preferência dos sonhos: O HINO NACIONAL DO MOVIMENTO SEM TERRA! É Acampamento!

*(De 10 a 17 de abril)
Vanessa Pinheiro – Palmares II
Fevereiro chuvoso de 2015*

Resumo

A presente pesquisa intitulada “*Quando abril chegar a agitação será permanente e a propaganda, cotidiana*” *Juventude Sem Terra: Arte e Cultura no Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira - Eldorado do Carajás-Pará*, busca analisar os elementos artísticos culturais existentes no acampamento pedagógico Oziel Alves Pereira. Com isso, a análise tem como foco, compreender como são desenvolvidos os momentos de Arte e Cultura e a interação dos jovens no acampamento da juventude Sem Terra da regional amazônica (Pará, Tocantins, Maranhão e Roraima). O acampamento acontece no mês de Abril para lembrar o Massacre de Eldorado desde 2006 na Curva do S. A partir de então, entende-se que a juventude do MST, constrói as práticas pedagógicas do acampamento através da vivência coletiva, da cultura Sem Terra e persistência durante 14 anos. Elementos como: o estudo, a luta por direitos, a denúncia dos assassinatos no campo, a diversidade, a arte e cultura estão explícitos nos três capítulos dessa pesquisa, realizada através da observação de campo entre 10 a 17 de Abril de 2019, e também uma sistematização a partir de nove anos de vivência do pesquisador (Alan Leite) no acampamento.

Palavras Chaves: Juventude Sem Terra, Curva do S, Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira, Arte e Cultura.

Lista de Figuras

| | |
|--|----|
| Foto 1 - Sepultamento dos sem-terra mortos no massacre de Eldorado do Carajás, Curionópolis, 20 de Abril. | 38 |
| Foto 2 - Dados prévios da CPT N° de mortes por conflito de terra em 2018 | 40 |
| Foto 3 e 4 – Apresentações de mística durante o Acampamento Nacional da Juventude Sem Terra..... | 48 |
| Foto 5 e 6 - Pannel que retrata o monumento e uma nova história: ciranda, o futuro do MST através do homem, mulher, os sem terrinha, plantações e um acampamento (Glauco Brito - 2011), e Pannel construído com sementes, que retrata Oziel Alves, construído pela juventude do assentamento 26 de março para a casa da memória | 49 |
| Foto 7 e 8 - Chamada para o 14° Acampamento e mesa “Fascismo e a Ameaça a soberania dos Povos”..... | 50 |
| Foto 9 - Mística dos Movimentos aliados do MST no 14° Acampamento | 51 |
| Foto 10 - Espaços e deslocamentos da Juventude..... | 57 |
| Foto 11 - Monumento das Castanheiras..... | 60 |
| Foto 12 - Casa da Memória..... | 61 |
| Foto 13 - Roda de Leitura do Jornal Sem Terra..... | 66 |
| Foto 14 e 15 – Ao lado esquerdo, a juventude cantando o hino durante o encerramento do ato na rodovia, e no lado direito, concentração dos jovens na rodovia durante o ato. | 67 |
| Foto 16 - Mística no Ato Político Cultura em 2018..... | 68 |
| Foto 17 - Apresentação Mística na Curva do S..... | 77 |
| Foto 18 - Apresentação Mística dos estados Maranhão e Tocantins | 81 |
| Foto 19 - Pannel construído na Oficina de Artes Plástica, 2015 | 84 |
| Foto 20 e 21 – Arte construída no acampamento e Arte construída para o acampamento | 85 |
| Foto 22 e 23 - Materiais para a oficina e Resultado da oficina (2019). | 86 |
| Foto 24 – Roda de conversa LGBT | 94 |
| Bandeira do MST | 96 |

Lista de Siglas

CEBs - Comunidades Eclesiais de Bases

CPP - Coordenação Política e Pedagógica

CPT - Comissão Pastoral da Terra

CUT - Central Única dos Trabalhadores

CVRD - Companhia de Mineração Vale do Rio Doce

DH - Direitos Humanos

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FM - Frente de Massa

IFPA – Instituto Federal do Pará

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros

LPJ - Levante Popular da Juventude

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

MAM - Movimento pela Soberania Popular na Mineração

MASTER - Movimento dos Agricultores Sem Terra

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NB - Núcleos de Base

PC do B - Partido Comunista do Brasil

PNRA - Plano Nacional de Reforma Agrária

PROEX - Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

RAP - Reforma Agrária Popular

STR - Sindicatos dos Trabalhadores Rurais

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação

UDR - União Democrática Ruralista

ULTABE - União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil

UNIFESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Sumário

| | |
|--|-----|
| Introdução | 12 |
| 1. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST: Contexto histórico e dinâmica social | 21 |
| 1.1. A gestação do MST 1979 – 1984 | 25 |
| 1.1.1. Luta pela terra no Sul e Sudeste do Pará e a consolidação MST-PA | 27 |
| 1.1.2. Da raiz às folhas - O MST/PA..... | 31 |
| 2. Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira: Relatos, imagens e organicidade | 44 |
| 2.1. A organicidade do Acampamento Pedagógico: | 53 |
| 2.1.1. Coordenação do acampamento pedagógico | 55 |
| 2.1.2. Coordenação Política Pedagógica (CPP)..... | 56 |
| 2.1.3. Espaços: | 57 |
| 2.1.4. Monumentos | 60 |
| 2.1.5. Trabalho a partir da coletividade e sua dimensão pedagógica | 63 |
| 2.1.6. Estudo e Formação | 65 |
| 2.1.7 Atos Políticos e Culturais | 67 |
| 3. Educação, Cultura e Política | 74 |
| 3.1. A juventude e o mergulho nas artes para formação política e cultural..... | 76 |
| 3.1.1. A Mística como ação fundamental da arte Sem Terra..... | 77 |
| 3.1.2. Noites Culturais | 90 |
| 3.1.3. Biblioteca Antonio Candido | 93 |
| 3.1.4. Diversidade, arte e cultura. | 94 |
| Considerações Finais | 98 |
| Referências Bibliográficas | 101 |

Introdução

O presente trabalho intitulado “*Quando abril chegar a agitação será permanente e a propaganda, cotidiana*” *A Juventude Sem Terra: Arte e Cultura no Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira - Eldorado do Carajás-Pará*, tem por centralidade analisar os elementos artísticos culturais existentes no acampamento pedagógico Oziel Alves Pereira, realizado na Curva do S no mês de Abril. O presente estudo pretende sistematizar como a juventude do MST no Pará usa a arte e cultura para transformar o local onde ocorreu o Massacre de Eldorado do Carajás, em um lugar de memória cultural transfigurado em beleza e construção pedagógica.

A pesquisa é proeminente para a região por buscar compreender como após duas décadas, ocorrido o massacre de Eldorado do Carajás, a juventude se coloca nessa história construindo seu próprio espaço de formação artística, política e cultural, assumindo a perspectiva de construção, enquanto militantes do movimento sem terra, fortalecendo a luta engajada nos meios artísticos e pedagógicos.

Iniciado em 2006, o acampamento pedagógico Oziel Alves Pereira hoje é um dos principais atos do MST, no quesito formação política para a juventude dos estados Tocantins, Pará e Maranhão e no âmbito nacional, posto que além de renovar a memória das violências perpetradas pelo poder público no conhecido “Massacre de Eldorado do Carajás”, pretende reescrever o episódio como um ato de rememoração coberto pela formação de novas gerações, fazendo memória, arte, cultura e lutas sociais.

Os 10 anos que se seguiram, o episódio foi retomado como um esforço propositivo do movimento para fortalecer a consciência da juventude. Desde então, anualmente, o acampamento iniciado em 2006 acontece no período de 10 a 17 de abril até a presente data. No intuito de nomear o acampamento em nome de uma figura que representasse o perfil da juventude do MST, o movimento batiza o espaço com o nome de Oziel Alves Pereira, um jovem de 17 anos que ergueu a bandeira do movimento até nos últimos minutos de sua vida, quando do massacre de Eldorado do Carajás.

O acampamento pedagógico se coloca como um espaço de resistência que fortalece a juventude Sem Terra através dos princípios do MST, que instiga formar para além da escola, bons cidadãos críticos que se interessam pelo todo de sua formação, seja ela acadêmica, política, ideológica ou artística. Além do mais, o acampamento se coloca como um lugar de rememoração da violência no campo e de enfrentamento aos crimes agrários na região através

do potencial de denúncia da juventude pelo meio da cultura Sem Terra. Segundo Caldart, a relação entre as demandas sociais de luta por uma Reforma Agrária de base popular e as práticas artísticas do universo cultural foram elementos que permitiram ao MST construir um olhar ampliado de desenvolvimento em povos do campo:

São conquistas de uma luta coletiva na qual muitas pessoas também perderam sua vida, seja no dia a dia da violência do latifúndio, seja em massacres mundialmente divulgados, como o caso de Eldorado dos Carajás, no Pará, em 1996. É assim que o MST vem ajudando a recolocar na agenda política brasileira a questão da Reforma Agrária: fazendo a luta pela terra e afirmando, em suas iniciativas, a possibilidade de novas relações sociais, e de um novo projeto de desenvolvimento para o campo, e para o país (CALDART, 2001, p. 208).

De acordo com a autora, o “caso de Eldorado do Carajás” em 1996 e a transformação da memória pós o episódio em processos pedagógicos inerentes à cultura são desdobrados pelo MST. No âmbito desta pesquisa, no intento de compreender como a juventude usa as linguagens artísticas em forma de enfrentamento aos seus opressores, na efervescência de luta de seus antepassados, a exemplo de Oziel Alves Pereira que ousou enfrentar o latifúndio da região e a desenhar uma trajetória para a Reforma Agrária na região de Carajás.

Assim, esta pesquisa nasce das seguintes problematizações: como o MST usa as linguagens artísticas: música, poesia, encenação e o teatro para denunciar, afrontar, na batalha corpo a corpo e na batalha das ideias, na perspectiva de formarem jovens críticos? Quais as imagens construídas pela juventude do Acampamento Oziel Alves Pereira a partir das memórias de luta?

Do ponto de vista teórico e metodológico adotamos um referencial dos estudos sobre movimentos sociais do campo, particularmente dos postulados da Educação do Campo. Uma educação que engloba identidade, trabalho, cultura e a realidade dos sujeitos do campo, Caldart (2012), afirma que “esse projeto de educação pensada para os camponeses têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de políticas públicas de formação humana”.

Também, em diálogo com determinados referenciais metodológicos da pesquisa de campo antropológica que estuda a cultura, a saber, a imersão no campo de atuação, anotações de diário de campo, entrevistas e fotografias para apreender a forma de organização do acampamento, seu cotidiano, dinâmica e representações sob as perspectivas dos jovens.

Embora não se pretenda fazer um histórico ou uma reflexão teórica sobre a Educação do Campo, é válido destacar que por se tratar de uma proposta monográfica nesta

área, utilizaremos métodos baseados no “Tempo-Comunidade”¹ e no amadurecimento do processo descritivo desenvolvido na confecção de relatórios e socialização de pesquisa nas etapas formativas do curso na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (MALHEIRO; RIBEIRO, 2014, pp. 23-51). Assim, quando nos propomos a refletir sobre o papel da juventude no Acampamento Oziel Alves pereira, tínhamos no horizonte, além do vínculo social com a presença dos movimentos pela reforma agrária nesta região conflituosa, a percepção de que a maioria dos jovens em áreas do campo circunvizinhas faziam-se presentes neste Acampamento. Portanto, pensar a juventude neste recorte significa pensar a relação entre o processo formativo da Faculdade de Educação do Campo e as dinâmicas sociais in loco.

Pesquisas de campo realizada em assentamentos, vicinais, acampamentos e comunidades diversas desvelam como ações de luta pela terra se cruzam com experiências educativas dentro e fora da escola dita institucional, na medida que envolvem à lida cotidiana e a prática política. As sociabilidades e o próprio processo formativo dado pelas memórias de enfrentamento pelo direito à terra e a construção de um pensamento crítico que leve em consideração a vivência no campo, exigem imersão não apenas na história nacional e regional dos conflitos agrários, mas que tais memórias sejam recompostas ou recontadas a partir e com as narrativas dos povos do campo, que sejam protagonistas de suas lutas (ANJOS, 2014, pp. 101-123).

Ao compreender o vínculo entre realidade social e formação educacional crítica, o debate dos autores da Educação do Campo se fundamenta teoricamente no entendimento de que os processos de dominação são objetivamente econômicos mas também culturalmente impostos por ideias falseadas da ordem social, fazendo com que a desigualdade seja naturalizada, conforme sinalizou Paulo Freire:

Os oprimidos, que introjetam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando a expulsão desta sombra, exigiria deles que “preenchessem” o “vazio” deixado pela expulsão com outro “conteúdo” – o de sua autonomia (FREIRE. 2018, p. 46)

A preocupação com a forma como determinados segmentos sociais introjetam valores morais e políticos sobre outros grupos, fazendo uso de poder econômico, constitui

¹ “O Tempo Localidade (Tempo Comunidade) é o tempo das práticas de pesquisa social e educacional, configurando-se como momento de investigação acadêmica sobre o cotidiano pedagógico das escolas rurais e das comunidades em que elas se situam”. Disponível em < https://fecampo.unifesspa.edu.br/images/arquivos/PPC-EDUCAO-DO-CAMPO_2014.pdf < Acesso em 11 de dezembro de 2019.

uma das preocupações da Educação do Campo, isto é, buscar compreender as relações de dominação no campo e refletir formas de enfrentamento de tais mecanismos de controle, atravessam de um extremo a outro as relações econômicas e o papel da cultura. Estudar a juventude no recorte do Acampamento Oziel Alves significa também compreender o deslocamento na prática entre a dominação e a resistência, e suas estratégias no movimento.

No contexto do sul e sudeste paraense a noção de “jovem do campo” se apresenta a partir de uma elaboração oriunda das ações políticas de movimentos sociais, sindicatos e outros agentes açambarcando as palavras “jovem” e “campo”, e embora a noção de “juventude” seja analisada nos capítulos da pesquisa, não é possível negar como as lutas pela posse da terra tem como bandeira imprescindível de renovação as atividades nos coletivos do “jovem do campo” (MARINHO, 2016, pp.45-50).

A capacidade de mobilização dos movimentos sociais no Sul e Sudeste do Pará agregam percepções vinculadas a uma determinada noção ou compreensão de campesinato² e também vazam para outras formas de atuação da juventude. Portanto, outras formas de viver com a diversidade de saberes e a atuação em processos formativos elaborados pelos próprios trabalhadores rurais mobilizam um paradigma do conhecimento:

Esta neoconcepção educacional não está sendo construída para os trabalhadores rurais, mas por eles, com eles, camponeses. Um princípio da Educação do Campo é que sujeitos da educação do campo são sujeitos do campo: pequenos agricultores, quilombolas, indígenas, pescadores, camponeses, assentados e reassentados, ribeirinhos, povos de florestas, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, bóias-frias. A Educação do Campo é um novo paradigma que vem sendo construído por esses grupos sociais. Esse paradigma rompe com o paradigma da Educação Rural, que tem como referência o produtivismo, ou seja o campo somente como lugar da produção de mercadorias e não como espaço de vida (FERNANDES; MOLINA, 2006).

A pluralidade de saberes e o lugar deste paradigma educacional viabilizado pela Educação do Campo ultrapassa o economicismo que abriga a interpretação do campesinato brasileiro e permite florescer uma compreensão que exige práticas pedagógicas no campo da cultura voltadas para multiplicidade de jovens camponeses e suas percepções de mundo.

A adoção dos aportes metodológicos da pesquisa de campo antropológica se articula com a pesquisa na medida em que permite o processo de observação das atividades desenvolvidas, desde as canções, oficinas, gritos de ordem, composição dos Núcleos de Base

² “Campesinato é um conjunto de famílias camponesas existentes em um território, que constitui relações sociais”. Carvalho (2012) & Costa (2012), In Dicionário da Educação do Campo.

até a divisão de atividades, disciplina e princípios organizativos. O Acampamento tornara-se um lugar de observação como um cenário de registro de atos, afetos e representações dos envolvidos, o que certamente não significa uma descrição objetiva das pessoas e suas práticas, mas uma construção de um ponto ou perspectiva de investigação que se assume enquanto lugar não imune de questionamentos (COSTA; GUALDA, 2010, p.925-937)

Entendemos que o lugar do pesquisador, sendo ele “próximo” ou “distante” do enredo da pesquisa ocorre num cenário de ambíguo que vai da pesquisa de campo e seus elementos até o processo da escrita e reflexão sobre os elementos apreendidos. Isso forma o que a literatura antropológica denomina de *etnografia*³. Assim, “Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo” (MATTOS 2001, p. 07). Situação limite que intencionalmente ou não permite ao pesquisador selecionar quais facetas deve valorizar.

Nesse sentido, esta monografia é ciente de que seus limites se dão pelo olhar do militante-pesquisador e pelo recorte temático que busca salientar, mas ao mesmo tempo, pelo jogo das relações de alteridade, cremos que guarda significativo potencial metodológico (PEIRANO, 2014).

Esse trabalho certamente se confunde com a história de seu autor. Eu, Alan Leite da Silva, 25 anos de idade e 11 anos no Movimento Sem Terra, me coloco como construtor dessa trajetória; após 09 anos consecutivos participando das construções coletivas do acampamento pedagógico Oziel Alves Pereira. Vejo-me na tarefa de pesquisador, educador e militante com o propósito de sistematizar minhas experiências e de tantos jovens que já passaram e acamparam ali no período de chuva para denunciar e mostrar sua indignação aos descasos dos nossos governantes para a reforma agrária da região.

A escolha por desenvolver esse trabalho referente ao Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira, se deu pelo fato de minha formação, enquanto educador militante, a partir das construções dos acampamentos pedagógicos e dos grupos de jovens do Acampamento Dalcídio Jurandir, localizado a 30 Km da Curva do S.

Percebo-me dentro do contexto da luta pela terra no ano de 2008, na Região de Eldorado do Carajás e me coloco a militar na luta pelas causas sociais nos anos posteriores de

³ “Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo” (MATTOS 2001, p. 06). Disponível em < <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf> < Acesso em 12/12/2019.

acordo com minha formação dentro do acampamento e nas atividades no Movimento Sem Terra. Embora eu sempre tenha vivido na zona rural, a ida para o MST despertou em mim o anseio de militar em prol da reforma agrária no estado do Pará, e sobretudo, buscar uma formação escolar que pudesse contribuir no desenvolvimento dos acampados e assentados da reforma agrária.

Por incentivo do meu pai, Joacy Pereira, passo a morar dentro de um acampamento em busca da terra como bem futuro. De cinco irmãos, fui o único que buscou estudar e se colocar diante das injustiças contra os trabalhadores rurais da região. De tal modo, que com o passar do tempo passei a coordenar o coletivo de juventude do acampamento Dalcídio Jurandir e assim me encontrar dentro das atividades de arte e cultura e de grupos de estudos que o movimento⁴ proporciona para seus jovens.

Meu perfil jovem não era diferente de muitos, que enxergava o campo como um local sem perspectiva de futuro. Eu, por ser sempre morador de zona rural me via em um campo amplo de negação de direitos, desde ir e vir, educação, e sobretudo da Arte. Em 2010 começo a entender a arte internalizada em mim a partir da minha participação no Acampamento Pedagógico; começo a desconstruir imaginários através das oficinas de arte e cultura, e a perceber que a cultura e a arte não são movimentos uniformes. Como enfatiza Barbosa “A arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e é conteúdo” (BARBOSA, 2009, p. 04).

Esse conteúdo que Barbosa fala, é o que caracteriza a arte dentro do acampamento pedagógico. Uma arte que me fez perceber um mundo distante e ao mesmo tempo tão perto, mas com o sentido agitador. Ou seja, a partir de minha relação com os sem-terra, começo a ter contato com uma cultura e arte na perspectiva de formação humana.

O contato com dirigentes jovens que tinham relação com a universidade, com a mística⁵, teatro, a poesia, as danças nas oficinas e fora delas, foi um marco para me tornar um jovem atuante na militância do movimento sem terra, e buscar romper com a dicotomia de que a arte era restrita a poucos. Então pude perceber que *Arte e Cultura podiam ser feitas/firmadas onde existia gente com vontade de fazê-las*, e esse era o caminho para me tornar uma pessoa mais politizada através do ensino e linguagens artísticas.

⁴ “Quando se escreve Movimento com letra maiúscula refere-se ao MST. Essa opção advém do fato do MST se inserir na luta pela terra como um movimento social distinto, nesse sentido, optou-se em não generalizar o termo “movimento” para se tratar do MST” (COELHO, 2017).

⁵ Para BOGO (2013) “Os movimentos populares compreendem a mística como expressões da cultura, da arte e dos valores como parte constitutiva da experiência edificada na luta pela transformação da realidade social, indo em direção ao *topos*, a parte realizável da utopia”.

Para o MST, um coordenador de juventude ou um possível dirigente deveria estar estudando para assumir tal cargo. Em 2010 decidi ampliar minha formação através da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na escola do Acampamento Dalcídio Jurandir; terminei meu ensino fundamental e fui cursar o ensino médio na cidade de Eldorado do Carajás, um período em que fiquei impossibilitado de participar das atividades do movimento devido a escola ser na zona urbana, e não dialogar com as práticas dos movimentos sociais da região.

Porém, considerava o acampamento da juventude importante para minha formação enquanto jovem do campo. Sempre priorizava minha participação mesmo que ficasse devendo trabalhos na escola, na tentativa de conciliar militância e estudos. O incentivo e exemplo de militantes que já tinham contato com o mundo acadêmico era estimulante. Em 2015 ingressei na Faculdade de Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Como acadêmico passei a conhecer melhor o campesinato da região e entender de fato meu lócus de moradia, o movimento no qual eu faço parte e também expandir minha militância.

Com a externalização, passo a conhecer espaços importantes das linguagens artísticas. Então aprofundo minha formação no viés da mística e do Teatro. Em 2016, passo a participar do Grupo de Teatro Banzeiros⁶, que foi criado para reproduzir a peça *A farsa da justiça Burguesa*⁷ que girava em torno dos 20 anos do massacre de Eldorado. De tal modo, passo a coordenar o grupo e no ano posterior assumo o Coletivo Estadual da Cultura do MST, com a responsabilidade de ampliar minha formação e pesquisar sobre os espaços artísticos que instiga a cultura e a pedagogia sem terra. Com isso, não poderia deixar de falar do Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira como espaço que me fez chegar até aqui.

Portanto, são as vivências de quase uma década em contato com o Acampamento pedagógico e com a juventude do MST que me levaram a sistematizar a presente pesquisa, que se coloca como importante tanto na minha trajetória de formação, política, artística e acadêmica, quanto para o Movimento Sem Terra no estado do Pará.

Desta forma, estabelece como objetivo geral da pesquisa: Analisar os elementos artísticos culturais existentes no acampamento pedagógico Oziel Alves Pereira. Deste destacam-se os objetivos específicos:

⁶ Em 2016, 20 anos depois do massacre, surge o Coletivo Banzeiros, do MST do Pará. Grupo de teatro formado por jovens militantes de vários acampamentos e assentamentos do Sudeste do Pará nasce para montar uma nova versão da peça *A farsa da Justiça Burguesa* com bonecos gigantes. Passa a surgir com apoio de um militante da Brigada Nacional de Teatro do MST de Santa Catarina, Révero Ribeiro.

⁷ *A farsa da justiça burguesa* é uma peça teatral criada pelo Grupo de teatro do MST de São Paulo, Filhos da Mãe... Terra em 2005 em parceria com o Diretor Sérgio de Carvalho do Cia. do Latão. A montagem faz referência ao massacre de Eldorado do Carajás.

Sistematizar vivências de arte e cultura no acampamento;

Compreender os espaços culturais e seus significados para a formação da juventude Sem Terra.

Entretanto, a pesquisa é uma sistematização da vivência que aconteceu de 10 a 17 de Abril de 2019, entrelaçada com minha experiência dos anos anteriores. Assim, para o desenvolvimento da pesquisa, realizei quatro entrevistas com diferentes sujeitos (as): Clívia Regina, Jorge Luís, Aline Silva e Gessica Veloso. O processo descritivo se deu através de apropriação do material de pesquisa desenvolvido no Tempo Universidade e Tempo: do planejamento do pré-projeto de pesquisa⁸ na disciplina “Tópicos Avançados em Projetos de Pesquisa”, no segundo semestre de 2018. Em seguida realizei uma pesquisa documental referente ao acampamento Pedagógico e, por fim, realizei coleta de dados e informações: Narrativas, fotografias, depoimentos, etc. a partir da pesquisa de campo. Me dispus a observar e contribuir com o ambiente de estudo de 10 a 17 de abril.

Com isso, para falar da pesquisa participante, trago autores como Brandão (1984) estudado durante o V Tempo Comunidade. Para quem:

Não há modelo único nem uso normativo da pesquisa participante, ela é um instrumento dentro da ação popular, o mediador deve estar atento às decisões e às necessidades comunitárias, a fim de disponibilizar para a comunidade instrumentos do seu saber e de sua profissão (BRANDÃO, 1984, p.223-252).

Identifico-me com a fala do autor, quando ele coloca que a ação se dá espontaneamente, vai se transformando minuciosamente com a vivência do sujeito no lócus da pesquisa. Apesar de que não fui á campo com intenção de mudar algo que já estava em curso, me via na Participação/ação, quando ajudava a preparar a mística, a pensar o sarau literário, a fazer a animação entre outras atividades que cabia a mim enquanto militante e pesquisador.

Contudo, para além de Carlos Brandão (1984), apresentamos os demais aportes teóricos que fizeram parte dessa construção, contudo para compreendermos o Movimento Sem Terra e a estrutura fundiária no Brasil buscamos dialogar com Caldart (2012); Fernandes (2000, 2001, 2012); Stedile (2001, 2014); Filho (2006); Gomes (2009); Kolling (2012); Vargas (2012); Morissawa (2001); Movimento (2005); Pereira (2013, 2015, 2017); Rocha (2015); Nepomuceno (2007); Rosa (2012); Velho (1972); Welch (2012); Priore (2006);

⁸ Projeto de pesquisa: Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Linguagens, Letras e Artes.

Miranda (2017); Guerra (2001); MST (1992, 2005, 20015, 20016) com finalidade de abrangermos a mística e os princípios culturais e artísticos no MST buscamos conversar com Silva (2004); Netto Vargas (2007); Movimento (2018); Mittelman (2006); Barborsa (2009); Bogo (2006, 2012); Coelho (2017); Peloso (1994); Lowy (2000); Higuier (1984); MST (2018); entendermos o conceito juventude e o acampamento pedagógico De Lima (2006); Marinho (2016); Castro (2016); Sposito (2003); Aparecida (2009); Sousa (2006); na visão dos meios de comunicações, através de pesquisa documental: Brito (2016); Brasil de Fato (2016); Com os princípios da educação do/no campo e educação popular: Makarenko (2010); Anjos (2014); Malheiro & Ribeiro (2014), Caldart (2000, 2001, 2010, 2017); Fernandes (2019); Molina (2019); Freire (2018); Kolling (2012); MST (2001, 2005); e por fim o campo antropológico descrito através dos autores Castells (2000); Mattos (2001); Costa & Gualda (2010); Hall (2003); Hébette (1979); Acevedo (1979); Peirano (2014); Pollak (2009).

O Trabalho está organizado em três partes: O primeiro capítulo deste trabalho faz um resgate da luta pela terra no Brasil desde a década 50 com as Ligas Camponesas, a ULTABE (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil) e o MASTER (Movimento dos Agricultores Sem Terra), posteriormente a criação do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra); a reprodução do campesinato e o enfrentamento da oligarquia do latifúndio a partir da luta pela criação de novos assentamentos na Região Sudeste do Pará, sobretudo o surgimento do MST nos anos 1990 no estado e seu enraizamento após o massacre de Eldorado do Carajás.

O segundo capítulo percorre a parte histórica do acampamento e como se dá a organicidade da Juventude do MST desde 2006. Buscamos especificar o ambiente da pesquisa desde os horários, os espaços dentro da programação e os princípios organizativos;

Por fim, o terceiro capítulo analisa a parte cultural do Movimento Sem Terra e seu fazer-se no Acampamento. Adentra os momentos de arte e cultura: oficinas, noites culturais, cinema, sarau, entre outros elementos que tecem interpretações dos relatos, fotografias e expressões artísticas a partir do olhar da juventude. O ato de lembrar os processos de luta emerge na cultura como decisivos para a fomentação das ações formativas.

1. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST: Contexto histórico e dinâmica social.

*Pisando na terra
Plantando a semente
Ninguém mais segura
Rompeu-se a corrente
Nem cerca nem lei
Segura essa gente
Lutar pela vida
Olhando pra frente...
(Ademar Bogo)*

O poema citado de Ademar Bogo, além de interpretado para sinalizar práticas de resistência no contexto agrário brasileiro, pode ser lido com o sentido de explicitar uma relação bastante antiga entre a organicidade da terra, plantas e animais com os conflitos e dramas vividos pelo homem do campo ante às leis e as formas de controle que impõe limites à melhores condições de vida e trabalho do camponês. “Semente”, “terra” e “vida”, no contexto nacional, opõe-se à “corrente” e “lei”, não somente nas palavras do poeta, mas fundamentalmente em todo o processo de ocupação do território nacional desde o contexto colonial.

Analisar como se construíram tais relações em nossa história, partindo de uma breve consideração acerca dos conflitos no campo, do surgimento do movimento sem-terra e sua presença no sul e sudeste do Pará é o objetivo deste capítulo. Compreender o contexto das lutas e sua historicidade nesta pesquisa não se justifica pela necessidade retórica de um “capítulo de contextualização” muito comum em monografias, e sim por sinalizar alguns acontecimentos que serão rememorados pelo autor e narradores e ações do Acampamento Oziel Alves Pereira no decorrer dos capítulos. Não são informações vagas dadas à esmo, e sim cenas revividas que edificam certa interpretação do presente.

Segundo a historiadora Mary Del Priore (2006) determinadas formas como representamos o mundo agrário brasileiro, ou a “vida no campo”, como se queira, deita compreensões no processo de ocupação brasileiro. A noção de natureza intocada e misteriosa evocada por cronistas e navegadores nos séculos XVI e XVII remonta uma concepção

paradisíaca de natureza, que no decorrer dos séculos se fundiu com certa visão de “natureza infernal” ou de que a colônia do Brasil seria um tipo de “purgatório” na terra. Não sendo o objetivo da pesquisa investigar detalhadamente tais compreensões, mas somente demonstrar que parte de tais visões guardam origem na presença violenta, contraditória e espoliatória que portugueses, indígenas e afrodescendentes construíram no Brasil (DEL PRIORE, 2006).

Escravos, vendedores ambulantes, fármacos, barbeiros, indígenas catequizados, religiosos, funcionários da coroa e grandes proprietários de terra exerciam atividades voltadas para duas grandes determinações do governo português: ocupação territorial e extração de riquezas minerais e vegetais para os cofres do reino de Portugal.

Com base em tais princípios estava fundada a mentalidade do que viria a se tornar o “mundo agrário” no Brasil, quer dizer, uma forma de ocupação caracterizada e privilegiada pelo modelo de latifúndio, e pelo vínculo do proprietário de terras com o poder da coroa, sendo, em linhas gerais, pessoas de origem portuguesa com posses familiares antigas. Tal seria, portanto, a mentalidade que demarcaria o papel da elite agrária pátria, formada após o processo de emancipação política de 1822 no âmbito da política externa e fortalecida com a Lei de Terras promulgada na metade do século XIX, esta responsável por facilitar a grilagem e ocupação ilegal de terras, em detrimento das dificuldades impostas aos escravos alforriados, população pobre em geral e povos indígenas (DEL PRIORE, 2006).

Se por um lado o processo de abolição da escravidão e os fluxos migratórios contribuíram para semear as lutas por melhores condições de vida da população pobre brasileira, por outro, dada a estrutura agrária e o coronelismo, os laços de dominação e cooptação entre latifundiários e poder público se amalgamaram no final do século XIX e decorrer do século XX.

Os conflitos sociais no campo não apenas se reproduziram, mas intensificaram-se de tal modo que na metade do século XX dezenas de movimentos de reivindicação social, como as Ligas Camponesas, no espaço do nordeste brasileiro, criaram novas formas de ação e estratégia na luta pela terra. A situação insuportável de desigualdade no campo não foi refreada pelo Regime Militar (1964-1985), ocasionando a multiplicação da violência e um modelo de reforma agrária precário e inclinado para a manutenção do latifúndio, entretanto, não pode-se olvidar a relevância das experiências das Ligas camponesas ao influenciar na composição de outros movimentos do campo nas décadas de 1970 e 1980, tal como o MST (WELCH, 2012).

A organização dos trabalhadores rurais sem-terra inicialmente acontece no Sul do país e mais tarde expande por todo país na década de 80. Além de dar aos marginalizados o direito ao acesso à terra, essa organicidade⁹ prevalece um confronto direto contra o estado brasileiro, sobretudo a concentração fundiária existente naquele período.

A mercantilização da terra e dos bens naturais durante o regime militar no Brasil trouxe à tona questões não favoráveis para moradores dos subúrbios das grandes e pequenas cidades brasileiras, desempregados e pequenos agricultores. Essa desvantagem levou os trabalhadores rurais e não rurais a se questionarem qual era a verdadeira utilidade da mãe terra.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nasce sobre faísca do regime militar no Brasil, sobre o modelo de reforma agrária proposta pelo governo de João Goulart, o tal modelo conhecido como “Revolução Verde”, ou seja, molde de mercantilização da agricultura, onde os planos do governo eram explorar a terra seja por máquinas (substituindo a mão de obra humana) ou grandes projetos de “desenvolvimento”.

Nessa perspectiva, MORISSAWA (2001 p. 120):

Ao mesmo tempo, grandes hidrelétricas foram construídas, como a de Itaipu, no Paraná, desapropriando muitos pequenos proprietários que viviam e produziam nas áreas atingidas pela inundação das represas (...) para muitos trabalhadores rurais, a solução foi migrar para as fronteiras agrícolas, onde o governo federal implantou projetos de colonização. Foram principalmente para Rondônia, Pará e Mato Grosso. Mas eles já eram acostumados à agricultura familiar, produzindo arroz, feijão milho etc. no Sul do país.

Por diversos fatores sociais, a organização dos camponeses em todo Brasil, veio de uma necessidade concreta para dar função social à terra, assim, outros movimentos sociais nasce para consolidar a luta pela terra que antecedeu outros movimentos do campo que faziam resistência a partir da década de 50, como: as Ligas Camponesas, a ULTABE (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil) que contava com apoio do Partido Comunista e o MASTER (Movimento dos Agricultores Sem Terra), apoiado pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), partido do presidente João Goulart.

Portanto, STEDILE; FERNANDES (1998), destaca que:

No Sul tivemos, antes do golpe, a experiência do Movimento dos Agricultores Sem Terra (Master). Mas o ressurgimento da luta, ou especificamente, o surgimento do MST no Sul não tem muito a ver com a memória histórica do Master. Até mesmo porque ele foi um movimento

⁹ Indica a organização dos trabalhadores e trabalhadoras (acampamentos, assentamentos e outros espaços) no MST, seja nos grupos, setores ou frentes para melhor tomada de decisão ou encaminhamento das coisas, onde estabelece uma simultaneidade com o todo do movimento.

derrotado politicamente em 1962, não em 1964, quando veio o golpe militar. A decadência da MASTER começou quando Leonel Brizola saiu do governo, em janeiro de 1963, e porque ele não conseguiu se construir como um movimento social autônomo. Estava muito vinculado ao antigo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). De maneira geral, de 1962 a 1964, o PTB assumiu a mesma orientação da União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB) e passou a organizar sindicatos. Já as Ligas, não. Estas se mantiveram mais independentes com base na bandeira de luta “Reforma agrária na lei ou na marra”, e, mais do que os sindicatos, se construíram como a referência da luta pela reforma agrária (STEDILE; FERNANDES, 1998, p.19).

Como destaca Mançano e Stedile a maioria dos movimentos sociais que antecederam a ditadura militar, estava ligados a algum partido político partidário, faltando a autonomia política em tomadas de decisões para concretizar suas ações. Pós-regime militar o MST surge com autonomia de atuação se colocando como um importante movimento social na luta pela reforma agrária no Brasil, como já dito ele é fruto de outros movimentos, igualmente oriundos do trabalho de conscientização feito pela igreja católica, através da Teoria da Libertação¹⁰. As CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) são entidades fundamentais na organização dos camponeses no Brasil, sobretudo consolidação do Movimento Sem Terra no Brasil. Em entrevista a Mançano, Stedile destaca a importância do trabalho feito pela igreja católica para organizar os camponeses e conscientizar que a terra era um bem comum para todos.

Os padres, agentes pastorais, religiosos e pastores discutiam com os camponeses a necessidade de eles se organizarem. A igreja parou de fazer um trabalho messiânico e de dizer para os camponeses: “Espera que tu terás terra no céu”. Ao contrário, passou a dizer: “Tu precisa te organizar para lutar e resolver os teus problemas aqui na terra”. A CPT fez um trabalho muito importante de conscientização dos camponeses (STEDILE; FERNANDES, 1999, p.22).

Baseado no depoimento, a mística herdada pela igreja permeia o movimento sem-terra, por meio da organização política feita através da comunicação realizada nos princípios da teologia da libertação, princípios de uma organicidade focada na libertação da consciência dos povos subalternos. “Nesses micros espaços, era desenvolvido o conceito de autonomia e libertação a partir de leituras de passagens bíblicas e da análise da problemática social na qual os integrantes estavam inseridos” (SILVA, 2004, p. 47).

¹⁰ A teologia da libertação é, ao mesmo tempo, reflexo de uma práxis anterior e uma reflexão sobre essa práxis. Mais precisamente é a expressão de um movimento social que surgiu no começo da década de 60, bem antes dos novos escritos teológicos (LÖWY, 2000, p.56).

Em constante luta contra os projetos capitalistas de mercantilização da terra com abertura da fronteira agrícola¹¹, nos quais a terra tinha uma única função, elevar ao máximo o lucro através de produtos primários. A organização dos movimentos populares na luta contra os projetos implantados para o alto desenvolvimento do país, forçaram a criação do primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) em 1985. O Programa implantado pelo Presidente José Sarney visava melhorar a destinação de terra no país e tinha como meta assentar mais de um milhão de pessoas.

1.1. A gestação do MST 1979 – 1984

O MST surge na perspectiva de contrapor as condições impostas ao campo, na perspectiva de implantar um modelo de reforma agrária no país que desmontasse os ruralistas que usam a terra para a exploração de seus bens. Dentre alguns de seus objetivos: “Lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar pela transformação da sociedade” (DIOGO; ESTEVAM; STÉDILE, 2014, p. 35). Essa era a aposta do MST para dar rumo à produção agrícola, qualidade para agricultura e quebrar com o agronegócio e seus produtos industrializados impostos pelo governo através da implantação do PNRA.

O Movimento Sem Terra teve quatro anos de experimentação antes de se oficializar e se nacionalizar. No período entre 1979 a 1984 houve um processo de gestação: organização do povo, reuniões, ações no sul e sudeste do país, surgindo as primeiras ocupações de terra. Assim, os trabalhadores sem terra começam a se organizar desde 1979 no Sul do país. No entanto, a primeira ocupação massiva, com mais de 7 mil pessoas acontece em 1984 na Fazenda Annoni, no Rio Grande do Sul.

Após vários anos de ações, o Movimento é oficialmente criado em Cascavel, no estado do Paraná em 21 de janeiro de 1984, no 1º Encontro Nacional dos Sem Terra. O evento contou com Lideranças Sem Terra, Centrais Sindicais, Comissões Pastorais entre outras entidades e organizações de doze estados. O intuito era promover uma análise sobre a questão agrária no país implantado pelo governo e, sobretudo apoiado pela igreja, a projeção de um movimento que além da organização os trabalhadores rurais, dialogassem com todas as camadas da sociedade (FERNANDES, 2012).

Oficializado na década de 1980, em Cascavel, no Paraná, com objetivo de lutar pela terra e pela reforma agrária, consolidando uma estratégia política de força na sociedade. Portanto, a materialização do nome do movimento que incorpora esse diálogo com o todo da

¹¹ Termo utilizado para indicar o avanço da agropecuária/agronegócio no meio rural, bem como o avanço da unidade de produção capitalista em “terras cultiváveis e terras de agricultura familiar”.

sociedade, buscava mostrar a urgência da organização dos trabalhadores para fazer a reforma agrária no Brasil e acabar com o monopólio do latifúndio.

Vale ressaltar que essa organização dos camponeses parte de um processo de construção de identidade. Uma identidade camponesa que se expressa principalmente pelo trabalho na agricultura, gritos de ordem, bandeira, músicas e lemas que sempre perpassa pela aprovação coletiva em reuniões, seminários e nos congressos nacionais do movimento.

Os congressos nacionais do movimento ocorrem a cada 5 anos e é de suma importância, pois permite reunir trabalhadores de todo Brasil e convidados internacionais no intento de projetar estratégias de luta, reafirmar seus princípios e valores, entre outras coisas. Assim, os trabalhadores criam seu lema que permeia durante e após o congresso, que chamados pelos trabalhadores de “grito de ordem”¹², reflete a projeção de luta até o próximo congresso.

No período de 29 a 31 de janeiro de 1985 o MST realizou o 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem Terra. O congresso reuniu cerca de 1.600 pessoas no estado do Paraná, objetivando oficializar o maior movimento de trabalhadores do campo no Brasil. A ocasião também reuniu vários grupos que lutavam pela terra, além de unificar força e montar uma estratégia unitária para quebrar as estruturas fundiárias do país. Os movimentos tinham o objetivo de denunciar a violência no campo que não parava de crescer. Outro ponto forte do congresso foi o lançamento da primeira versão do documento “Assassinatos no campo: Crime e Impunidade (1964/1985). Em dois anos, de 1982 a 1984 foram assassinados 277 trabalhadores rurais” (FERNANDES, 2000, p.89).

Para MARISSAWA (2001), Já no início da gestão de Itamar Franco, o MST decidiu não fazer aliança com o Governo. Os trabalhadores com a palavra de ordem: “*Ocupar é a única solução*” estavam convictos que a aliança com o governo os impediria de fazer grandes ações para realizar a tão sonhada Reforma Agrária. No intuito de avançar e se nacionalizar, o MST promoveu diversas ocupações em mais de 11 estados e acampou mais de 11 mil famílias em todo território nacional.

¹² Palavras de ordem de acordo cada Congresso Nacional do MST:

1985 - “Sem terra não há democracia”

1990 - “Ocupar, resistir, produzir”

1995 - “Reforma agrária, uma luta de todos”

2002 - “Reforma Agrária: Por um Brasil sem Latifúndio”

2007 - “Reforma Agrária, por justiça social e soberania popular”

2014 - “Lutar, Construir Reforma Agrária Popular”

Palavras de Ordem ou Gritos de Ordem são palavras rimadas, faladas coletivamente, em uma maneira de se identificar ou se manifestar coletivamente (em outras palavras, “Grito de Guerra”).

Com a expansão do MST, além dos gritos de ordem que são criados a cada congresso, os trabalhadores decidiram criar sua bandeira de luta e o hino¹³ dos trabalhadores sem-terra, também decidiram formar lideranças no âmbito estadual e fortalecer as alianças estaduais e nacionais com sindicatos e centrais sindicais e política partidária.

Com a palavra de ordem “Ocupar é a única solução”, o MST expande por todo Brasil após seu 1º Congresso Nacional que aconteceu em 1985. No período entre 1984 a 1990 o Movimento dos Trabalhadores estava organizado em 19 estados. O movimento cresceu enfrentando diversos obstáculos. Seja pela repressão da polícia a mando do governo ou dos próprios fazendeiros que nesse período criaram a UDR (União Democrática Ruralista) com intuito de organizar os fazendeiros para impedir os sem terras de ocupar áreas das quais se proclamavam donos; a articulação se dava dentro do governo ou até mesmo matando as lideranças para intimidar os sem-terra.

Ao contrário de outros movimentos que antecederam a luta pela terra no Brasil, o MST se tornou um grande movimento pela soberania popular, conhecido nacional e internacionalmente. Um movimento autônomo que luta pelo direito de todos e de direção coletiva, mantém suas decisões organizativas nos encontros estaduais, reuniões nacionais e Congressos Nacionais que ao todo já foram sete entre 1984 e 2014 (ROSA, 2012).

1.1.1. Luta pela terra no Sul e Sudeste do Pará e a consolidação MST-PA

Conforme analisado, a sociedade brasileira não apenas vivenciou o processo de ocupação marcado pela violência na década de 1980, como também, ainda nesta esfera, os praticou de maneira diversificada. A presença das políticas de Estado na Amazônia Oriental foi caracterizada por fluxos migratórios associados às atividades econômicas que se coadunavam aos interesses do Estado e de alguns grupos econômicos.

Em pesquisa de campo realizada na cidade de Marabá e arredores no início da década de 1970, o antropólogo Guilherme Velho apreendeu as diversas atividades econômicas que contribuíram para moldar os processos de ocupação nesta área, denominando de “frentes de expansão”¹⁴, atividades como extração da borracha, coleta da castanha, pecuária, extração mineral, dentre outras. Para o autor a penetração dessas atividades esteve vinculada a uma proposta de desenvolvimento macroeconômico arquitetado pelo regime militar, o que não

¹³ O hino e a bandeira do MST estão situados na página 96.

¹⁴ O alargamento do desenvolvimento econômico de um território. Em outras palavras; “É a abordagem pelo ângulo das relações sociais de produção” (VELHO, 1972). Ver em <https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_s0034-75901973000300014.pdf> visitado em 15/12/2019.

apenas impulsionou investimentos na região como foi decisiva para perpetrar o trabalho escravo, chacinas e todo tipo de arbitrariedade praticada pelos grupos enriquecidos locais sob o auspício dos militares (VELHO, 1972).

Este limiar entre o discurso de “progresso”, “ocupação” ou “desenvolvimento” e as violências praticadas em tais atividades econômicas são interpretadas por Guilherme Velho para designar o termo de “fronteira” no contexto amazônico. Para o autor além das péssimas condições de vida do campesinato em formação no sul do Pará, as representações no cotidiano, moral e religião se imbricam conferindo especificidade em relação ao uso do termo “fronteira”, tal como cunhado por Turner no caso dos Estados Unidos (VELHO, 1972).

No final da década de 1970 os empreendimentos estatais e privados se adensam com a construção da Transamazônica, atividade mineralógica, e posteriormente com a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, alimentando a tensão entre a massa camponesa deslocada por esses movimentos compulsórios às forças de espoliação social (HEBETTE & ACEVEDO, 1979).

No âmbito dos movimentos sociais e sindicais a partir da década de 1980 a presença de migrantes motivados pelo garimpo e terras produziu uma massa de pessoas desempregadas, à mercê de péssimos salários e violências que não tardaram a produzir revoltas e formas de organização específicas.

Para se contrapor ao latifúndio, ao aparelhamento do poder público com a falsificação de documentos pela elite fundiária e para o descaso da polícia com as barbaridades perpetradas, tivemos o fortalecimento de sindicatos e das ações dos posseiros¹⁵, homens e mulheres que no processo de deslocamento na região passaram a ocupar terras públicas, griladas ou sem atividade produtiva. Conforme veremos, embora a ação dos posseiros fosse fundamental para o posterior fortalecimento do MST, não se pode esquecer que há especificidades em seus marcadores de atuação (PEREIRA, 2017).

A luta pelo território no Sul e Sudeste do estado Pará, desde muitas décadas atrás se caracteriza através da resistência e organização dos camponeses frente às atividades dos latifundiários, onde há muito tempo essa resistência tanto dos grileiros¹⁶ quanto dos fazendeiros era permeada através da arma de fogo. A disputa pela terra através da ação posseira que existia na região por muito tempo era denominada como guerrilha. Termo esse,

¹⁵ Aquele ou aquela que ocupa terra devoluta ou abandonada e passa a cultivá-la. Tomando posse para si e tirando dela seu meio de sobrevivência. Para Guerra (2001, p. 18), “É um camponês a caminho de seu reconhecimento social”.

¹⁶ Pessoas que forjam documentos para conseguir a posse de determinada extensão de terra.

que fazendeiros, polícia e a mídia utilizavam para desqualificar a organização dos trabalhadores, com o intuito de impedir que a reforma agrária acontecesse nessa região.

Para Airton Pereira, (2015, p. 291) “O discurso da volta da guerrilha armada, no sul e sudeste paraense, funcionou como justificativa da violência policial e de pistoleiros contra trabalhadores rurais que lutavam pela terra”. Ou seja, As organizações de trabalhadores rurais na região de Marabá tiveram dificuldades de se fortalecer enquanto grupo por ser uma região militarizada, nesse contexto, a ideia era impedir as organizações do campo para que não voltasse uma nova Guerrilha do Araguaia. Com esse discurso disseminado, fortalecia a opinião popular principalmente através da mídia, que não se podia lutar por terra nessa região. Assim, com grandes extensões de terras nas mãos dos fazendeiros da região, os mesmos exerciam atividades como: a exploração de madeira e da castanha-do-pará e atividades de criação bovina, tornando a região de Marabá a maior produtora de castanha-do-pará.

Com o passar do tempo outros elementos apareceram para disputar a terra na região, o surgimento de empresas mineradoras, por exemplo, entre a década de 1960 a 1980. Com a expansão do capital, o estado passa a ser explorado buscando o crescimento econômico, gerando lucro para empresas multinacionais. Neste sentido, a disputa por espaço na região ganha mais concorrentes. As atividades minerárias, por exemplo, geraram conflitos principalmente com indígenas que habitavam nessa região, e posseiros que buscavam a concretização da reforma agrária “na lei ou na marra” na década de 1980.

Vale ressaltar que a região sudeste, com a instalação das empresas minerárias (ascensão da mineração), foi alvo de um grande fluxo de pessoas em busca de melhores condições de vida. Pereira (2013, p. 154), na mesma linha de raciocínio afirma que “Milhares de trabalhadores rurais empobrecidos de diversas partes do Brasil, principalmente do Nordeste, chegaram ao sul e sudeste do Pará atraídos pela propaganda do Governo Federal que prometia terras e facilidades para viver na Amazônia”.

Os trabalhadores, em suma maioria analfabetos, acostumados apenas com trabalho braçal; na falta de oportunidade de trabalho nas mineradoras, a maioria deles ou era escravizado por fazendeiros, ou se tornava posseiro para conseguir sobreviver. Portanto, no período da expansão do capital no sudeste paraense, faz-se perceber que tinha emprego para muita gente e que também tinha “muita terra para pouca gente”.

No período várias corruptelas se formaram, como a cidade de Curionópolis, onde situava o garimpo de Serra Pelada¹⁷, foco do processo migratório que desemboca na formação dos assentamentos dessa região. Conhecido como “Formigueiro Humano” logo após a paralisação da extração, muitos garimpeiros que não conseguiam emprego nas fazendas passam a ser posseiros e começam a lutar contra os grandes latifúndios para ter seu pedaço de chão.

Ainda na década de 1980, período conflituoso, devido às muitas ocupações de terra, os trabalhadores vêm a necessidade de se organizarem, e passam a criar os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR) para melhor resistir na briga pela terra (Pereira, 2013). Importante frisar que além dos sindicatos, entidades passam a ter um olhar mais crítico para os métodos de demarcação de terra no Pará. Através das missões da igreja católica a CPT passa a ter grande participação na organização dos trabalhadores rurais, em busca de amenizar os conflitos nessa região.

Pereira (2013) enfatiza que:

Os anos compreendidos entre 1983 e 1987 são avaliados como os mais violentos dessa década. Estes cinco anos abrigaram 245 assassinatos, com destaque para o ano de 1985 que, sozinho, contabilizou 108 mortes. Esses dados permitem verificar que o maior número de assassinatos em razão dos conflitos agrários, no sul e sudeste do Pará, se deu quando a problemática em torno da posse e do uso da terra se avolumou durante os últimos anos do período da ditadura civil-militar e no espaço de tempo da Nova República, quando as ocupações de terra, por parte dos trabalhadores rurais, e os debates sobre a reforma agrária se intensificaram no cenário nacional (PEREIRA, 2013, p.117).

Por ser uma região diversa e conflituosa, faz surgir os meios organizativos dos trabalhadores através dos sindicatos, acompanhados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Os trabalhadores que por sua vez disputava a terra através da luta armada, isso fazia com que a região ganhasse esse caráter conflituoso. No fim da década de 80, surge o MST, utilizando um novo método de ocupação, rompendo a lógica que só os homens são protagonistas da luta pela terra. Contudo, o Movimento Sem Terra incorpora a família como protagonista da luta pela terra.

¹⁷ “Serra Pelada foi uma grande mina de ouro localizada no estado do Pará, no Brasil, que durante seu auge foi considerada não apenas a maior mina de ouro ao ar livre do mundo, mas também a mais violenta”. Disponível em <<https://www.hipercultura.com/serra-pelada-historia-e-fotos/>> Acesso em 15/12/2019.

1.1.2. Da raiz às folhas - O MST/PA

O MST no estado do Pará nasce a partir de influência da Central Única dos Trabalhadores (CUT) na capital do estado, (PEREIRA, 2015, p. 292) explica que:

(...) O Movimento recebeu uma sala, na sede da CUT em Belém, para instalar a sua secretaria, mas além de não contar com recursos financeiros e pessoas para o “Trabalho de Base”, grande parte dos sindicalistas paraenses, mesmo aqueles que haviam participado dos encontros do MST, não estava entusiasmada com a expansão do Movimento no estado, visto que sua forma de organização era distinta da estrutura sindical apoiada na luta dos posseiros.

Para o MST se ramificar pelo estado foi necessário sair do escritório da CUT que existia na capital em 1989 e se estabelecer no campo onde se tinha terra para colocar seu método organizativo em prática. As dificuldades eram vigentes nos primeiros anos de experiência para implantar o método organizacional defendido pelo movimento sem terra, porque eram procedimentos diferenciados dos demais movimentos que atuava com posseiros nessa região.

As regiões sul e sudeste do estado já eram dominadas pelo método organizativo desenvolvido pelos posseiros. Eram provavelmente homens armados que ocupavam a terra, iam para o enfrentamento, demarcava seu lote e denominava seu. Por outro lado, o MST com seu método de trabalhar com as famílias a conquista da terra, ou seja, ficar acampados às margens das rodovias, fazer plantações coletivas, esperar a decisão judicial para desapropriação da terra etc. teve muitas dificuldades para implantar sua prática baseada no método da coletividade disseminado pela igreja católica.

Gomes (2009, p. 67) destaca que a ideia do movimento sair do escritório na capital e ramificar no Sul do Pará não agradou a Central Única dos Trabalhadores (CUT) que temia ser perigoso e nem a Comissão Pastoral da Terra que já organizava os posseiros nessa região e temia que o MST forjasse seu espaço de atuação. Segundo Gomes (2009, p. 69) “A equipe foi montada de apenas três pessoas, que começaram a organizar e planejar as ações. O trabalho de mobilização foi realizado nos municípios de Orilândia do Norte, Tucumã e Pau D`Arco”. Nessa perspectiva os militantes em parceria com STR de Conceição do Araguaia ajudaram a organizar a primeira ocupação na Fazenda Mutamba, na época distrito de Xinguara, em 31 de agosto 1989.

A participação dos militantes sem-terra junto ao STR serviu como um momento de experimento. As famílias que tomaram a área não conseguiram permanecer, oito dias depois a Polícia Militar os tirou da área.

O fracasso da primeira ocupação do MST serviu para mostrar que não ia ser fácil a inserção do movimento nessa região. A expulsão das famílias segundo Gomes (2009, p. 70), ocorreu principalmente pela falta de organização na segurança do acampamento. Por outro lado a primeira tentativa de ocupação fez perceber que o movimento e os militantes precisavam de reforço para implantar a organização do povo sem-terra na região.

Após a primeira tentativa de ocupação de terra, o MST cria uma secretaria estadual em Conceição do Araguaia, para servir de base para os sem-terra, estrutura o quadro de coordenação, e tentar moldar seu método de trabalho. Com a decisão de se instalar onde recebia apoio do STR, o movimento decide se fortalecer. (BRITO, 2006, p. 02) ressalta que:

Ainda no ano de 1989, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra realizou o 1º Encontro Estadual que elegeu uma Executiva com 9 (nove) componentes constituídos por: Daniel, Meire, Abel, Galvão, Maurílio, Onalício Barros (Fusquinha), Zequinha, Roberto e Zenaide. Após o 1º encontro, o MST instalou sua primeira Secretaria Executiva no estado, localizada na cidade de Conceição do Araguaia.

Com a nomeação da executiva, começa o trabalho de base na cidade de Conceição do Araguaia e cidades do entorno para uma segunda tentativa de ocupação. O trabalho realizado pelo conjunto de militantes consegue cadastrar 95 famílias. Com esse número de famílias cadastradas, eles então decidem fazer a ocupação da Fazenda Ingá em 10 de Fevereiro de 1990 no município de Conceição do Araguaia.

Após a desapropriação, as famílias não acostumadas com os métodos do MST, a maioria, não aceitaram a proposta de ficar acampadas e viver em coletivo. No entanto a sugestão do movimento era ficar no acampamento e trabalhar com as famílias a organicidade, o trabalho coletivo, sobretudo mostrar que para os sem-terra terem a terra teriam que conquistá-la.

Nessa perspectiva Brito (2009, p. 02):

Neste momento duas propostas passaram a se confrontar. A proposta, apresentada e defendida por parte das famílias, que foi a tática utilizada pelos posseiros. Consistia em realizarem a divisão da terra e passarem a morar nela para depois o INCRA oficializar o trabalho realizado pelos posseiros com as famílias já localizadas nos seus lotes. A outra proposta apresentada às famílias, defendida pela militância do MST, era a de não realizar a divisão dos lotes, e as famílias permanecerem acampadas,

discutindo a forma de utilização da terra e estruturação do assentamento até o INCRA realizar a demarcação da área, para depois localizar as famílias nos lotes.

Das 95 famílias cadastradas, apenas 17 não foram para o lote e seguiram o método organizativo do movimento. O conceito do movimento era discutir com as famílias o modo do uso da terra e esperar a decisão do INCRA. A terra não deu para todos. O INCRA então decidiu remover uma parte dos sem-terra para a fazenda Guarantã no município de Redenção. Com as contradições de ideias entre militantes dentro do território, os que eram do MST se retiraram e buscam novas estratégias de luta.

Com a não conquista da área, a avaliação do MST foi sair do Sul do Estado do Pará e se instalar na região sudeste para dar visibilidade às lutas feitas pelo movimento. Entendendo que a luta estava apenas começando, resolveram, então, travar uma luta no sudeste do Pará, instalando uma secretaria estadual no município de Marabá (GOMES, 2009 p. 72).

Devido ser uma cidade de referência na busca por emprego, sobretudo, por homens que não tinham mais trabalho nos garimpos, a região de Marabá já era foco de outros movimentos por ser um local estratégico para trabalho de base, articulação política com parlamentares e com outros movimentos sociais. Com o objetivo de se fortalecer, o movimento dos Sem Terra busca fazer alianças com instituições de ensino, sindicatos e movimentos sociais em Marabá e logo começa o trabalho de base para a primeira ocupação na região.

Pereira, (2015, p. 290) pontua que os trabalhos de mobilização não pararam, com cerca de 3.000 famílias mobilizadas para a ocupação da Fazenda Ponta de Pedra localizada no município de São João do Araguaia. No entanto, a ação foi interrompida devido a uma atuação da polícia. Sem mandado judicial a polícia fechou a secretaria estadual, apreendeu arquivos e sete integrantes que estavam em reunião de alinhamento da ocupação. A secretaria ficou fechada por dois meses e os sem-terra ficaram mais de três meses na prisão. Com o acontecido, outros membros ativos buscaram alianças políticas para libertar as lideranças. O acontecimento trouxe visibilidade para a luta do MST na região, pela ilegitimidade da prisão.

Na repercussão que ganhou o fato da prisão dos militantes em Marabá, o MST apostava que as ocupações de terra iriam ganhar mais forças através da massa popular, por que a ação não tinha legitimidade e o movimento e os aliados expressavam que os militantes eram presos políticos.

Com a liberdade das lideranças presas, três meses depois o MST decidiu não envolvê-los no novo trabalho de base por questão de cuidados. Já em 1992 a coordenação do

movimento decide focar seu trabalho na região de Parauapebas e internos, região onde os garimpeiros estavam abandonando as atividade garimpeira por não estar dando lucro na extração do ouro.

O MST conseguiu envolver mais de 500 famílias no município de Parauapebas para a nova ocupação. Uma ocupação massiva¹⁸ na Fazenda Rio Branco, com área 12.500 hectares. Um dia após a ocupação, as famílias foram despejadas pela polícia e jagunços¹⁹ a mando dos fazendeiros da região. No mesmo dia da ação de despejo os sem-terra se organizaram e acamparam na prefeitura de Parauapebas. Conseguiram transporte e foram protestar no Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) de Marabá.

Com o intuito de pressionar o governo e dar visibilidade à luta pela terra na região, os trabalhadores ficaram acampados na sede do INCRA por cinco meses. Em negociação com o INCRA, os sem-terra conseguiram negociar os 11.939 mil hectares para assentar 251 famílias no ano de 1993. Mais uma vez o movimento não conseguiu implantar seu método organizativo junto às famílias assentadas. Filho (2006) destaca que:

No trabalho de organização e desenvolvimento do Assentamento Rio Branco não houve interferência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, porém, houve divergências de concepção na organização e estruturação do assentamento ocorrido entre a militância que veio do Maranhão com militantes que já atuavam no Pará (FILHO, 2006, p. 07).

Com a saída de boa parte dos coordenadores eles não conseguiram organizar as famílias de acordo com as propostas do movimento, porém todos foram assentados.

Por mais que o movimento não conseguisse consolidar seu método organizativo, a conquista da fazenda foi um impulso para continuar ocupando terras na região. O período serviu para o MST se estruturar internamente, a partir de então foi eleita a primeira direção estadual. Houve a necessidade de funcionamento da secretaria estadual para fortalecer o quadro de militantes através da formação política a partir dos cursos que eram feitos para constituir militantes.

Com a conquista da Fazenda Rio Branco o MST via que a luta podia seguir a todo vapor na região, a quantidade de gente que participou da ocupação anterior podia ser triplicada, para uma nova ocupação mais próxima da cidade de Parauapebas. De fato, como enfatiza Filho (2006),

¹⁸ Muita gente em uma ocupação.

¹⁹ Homens fortemente armados, que atuam como milícias para proteger uma propriedade.

O Trabalho de base foi realizado nos meses de maio e junho de 1994 nos municípios de Parauapebas, Curionópolis e garimpo de Serra Pelada. E no dia 26 de junho, 1.500 famílias, realizaram a ocupação da área do Cinturão Verde da Companhia de mineração Vale do Rio Doce - CVRD”. (FILHO, 2006, p. 10).

Observa-se que a partir de então o movimento busca dar referência à luta, para além da ocupação de terras dos grandes latifúndios. A ocupação da Fazenda Cinturão Verde com mais de 1 milhão de hectares, onde continham 511 mil hectares da Vale, demonstra que o MST buscava expor para a sociedade que a terra não podia ser monopolizada, nem pelo latifúndio, nem pelas grandes empresas. Nessa perspectiva o movimento ganha mais “um inimigo na região”.

Apesar de serem despejados um dia após a ocupação, a repercussão do fato possibilitou o movimento ganhar visibilidade e sobretudo, fazer com que as entidades que apoiavam a luta pela terra se movimentassem em prol da causa. Com o despejo, as famílias mais uma vez acampam no INCRA de Marabá, passando cinco meses em marabá buscando negociação com os órgãos competentes à pauta fundiária.

Vale ressaltar que a área da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) já antecedia de uma ocupação de posseiros que as famílias foram remanejadas para uma área que não favorecia os ocupantes. Muitos deles desistiram da área desfavorecida e participaram da nova ocupação junto aos sem-terra.

Percebendo que as negociações não iam ser favoráveis ao movimento, os sem-terra deixam o escritório do INCRA de Marabá após cinco meses. Segundo Miranda (2015, p. 220). “Logo voltaram para Parauapebas para ocupar a portaria da Vale, com o apoio da CUT (Central Única dos Trabalhadores), sendo novamente repreendidos violentamente pela polícia que chegou a prender algumas lideranças e machucar alguns sem-terra”. Com intuito de pressionar as autoridades municipais, o acampamento foi transferido para frente da Câmara Municipal de Parauapebas até o primeiro mês de 1995.

Para sair da Câmara de Parauapebas, a prefeitura arrumou uma área para as famílias se alojarem por três meses até concluir a vistoria na Fazenda Cinturão Verde. Ao sair a vistoria, comprova que a área era de preservação ambiental. Ao buscar solução junto as famílias o movimento decide ocupar a outra parte da Fazenda Rio Branco. Na tentativa de acelerar os processos o movimento decidiu fazer negociação com o INCRA na capital e também montou uma comissão com cerca de 100 militantes para pressionar a superintendência do INCRA em Brasília.

Por falta de resposta dos órgãos competentes a se fazer reforma agrária, o MST começa a esquematizar uma caminhada com destino à Capital. O início da marcha seria em Curionópolis após um ato público com autoridades, inclusive o INCRA representado pelo seu presidente Francisco Graziano Neto. No ato que aconteceu em 05 de novembro em Curionópolis, Graziano anuncia que o órgão tinha adquirido a área da Fazenda Rio Branco para assentar as famílias. Com isso, Gomes (2009) afirma que, “Foi justamente na entrega da fazenda Rio Branco que o presidente encontrou as famílias já preparadas para ocupar o Complexo Macaxeira de Plínio Pinheiro Neto. Que resultou no Massacre de Eldorado dos Carajás”.

Todos acamparam na entrada da cidade de Curionópolis para seguir em marcha para reivindicar a Fazenda Macaxeira. Mas, com o anúncio do INCRA Nacional que a Fazenda Rio Branco estava comprada para assentar famílias do MST, metade deles que seguiam rumo à capital retornam para a fazenda e montam acampamento dentro da área.

Essa foi a segunda ocupação do MST no município e a segunda conquista. O assentamento Palmares II foi criado definitivamente em 1996. Foi o primeiro território que o movimento conseguiu implantar de fato sua organicidade, porém como nas outras ocupações houve divergências na escolha do local da vila, uma pequena parte (333 famílias) optou em morar mais próximo da cidade, onde se denominou vila Palmares Sul e as outras (517 famílias) decidiu se aproximar dos lotes para exercer as atividades na agricultura, assim, batizou a Agrovila de Palmares II. Importante enfatizar que Palmares Sul não seguiu a organicidade do Movimento Sem Terra.

Vale ressaltar que o presidente do INCRA não era favorável ao MST ocupar a Fazenda Macaxeira. Como resalta Morissawa (2006, p.1993) “O então presidente do INCRA, Francisco Graziano, esteve na região e prometeu fazer a história da fazenda, desde que os sem-terra não ocupasse”. Os sem-terra continuaram fora da fazenda, porém dando pressão no Instituto, o laudo comprovou que a fazenda era produtiva e apesar do total abandono não podia ser destinada para reforma agrária.

De acordo com Nepomuceno (2007, p.128) “Havia um clima de franca euforia entre os mais de 10 mil invasores da Macaxeira, naquele 5 de novembro. Começou ali, naquele instante, o que seria uma nova etapa de uma dura negociação entre sem-terra e governo federal”. Observa-se no discurso de Nepomuceno que o MST contraria o pedido do presidente do INCRA e ocupa a fazenda.

Depois de esperar pela “vistoria”, que segundo a coordenação do MST, “não teve legitimidade”, no início de 1996 o movimento volta aos poucos para a entrada de Curionópolis, com medo de ameaças de fazendeiros; e em seguida concretiza a ideia da marcha rumo à capital para reivindicar créditos, estrutura básica para as famílias morar. Por mais que o laudo comprovasse que a terra não podia ser distribuída, o ponto chave da caminhada era a obtenção da Fazenda Macaxeira.

Acampados em um posto de gasolina na entrada de Curionópolis, a coordenação busca fazer negociação de alimentação e outros objetos necessários com o Governo do estado e com o INCRA para iniciar o trajeto da marcha. Os órgãos não quiseram negociar com o MST, negando tudo que era solicitado. Com necessidade de arranjar alimentação, os sem-terra fazem uma interdição da PA 275 no dia 9 de abril e saqueia um caminhão de alimentos. O ato amedrontou a população, que já se viam incomodados com o acampamento na entrada da cidade. Isso também incomodou o governo e fazendeiros da região.

A ponto de decidirem o rumo da reforma agrária do estado, o MST se organiza para cobrar agilidade nos processos de distribuição de terra e no dia 10 de abril inicia a marcha de Curionópolis a Belém. Com cinco dias de caminhada os marchantes chegaram em Eldorado dos Carajás e acamparam na Curva do S. A coordenação tentava negociar tanto com a prefeitura da cidade, alimentação e remédios para as famílias enquanto descansavam, quanto na capital com o governador, em busca de estrutura para as famílias acampadas.

Com o passar do tempo, as negociações não avançavam. O MST decidiu mudar a pauta e reivindicar ônibus para levar os sem-terra até Marabá. O governador do estado decide não fazer negociação com o movimento, e, sobretudo ordena que a segurança pública desmobilizasse a marcha a todo custo. Enfatiza Nepomuceno, (2007) que: “Num gesto calculado para elevar ao máximo a pressão sobre o governo do Pará, no final da tarde da terça-feira, 16 de abril de 1996, os sem-terra fecharam a rodovia PA-150, na altura da Curva do S”. Essa ação tomada pelo MST despertou a fúria da população local e chamava a atenção nacional para o sudeste do estado Pará, e o bloqueio da rodovia chama com tudo a atenção da força policial.

A luta dos sem-terra se intensificava e ganhava outro cenário a partir da decisão do governo de não negociar. A decisão de colocar pressão pela estratégia de bloquear a rodovia, ocasionou uma articulação não só do governo, mas também dos fazendeiros da região e a Mineradora Vale que necessitava da PA para locomover seus equipamentos.

Em 17 de abril de 1996 as negociações andavam a todo vapor, entre o movimento e entidades. Dias antes do massacre, a suspeita dos marchantes era que existia uma lista de militantes do movimento para serem executados. Com isso todos estavam alerta sobre quem transitava entre os manifestantes, mas não deixavam de intimidar o governo. Colocaram um caminhão atravessado na rodovia e uma barricada de alimentos para os carros não ultrapassar a manifestação.

Na tarde do mesmo dia os sem-terra foram cercados por policiais vindos de Curionópolis, Parauapebas e Marabá. Mesmo cercados os militantes não paravam de animar sua base com gritos de ordem. Entre esses animadores estava o jovem Oziel Alves Pereira de 17 anos que comandava a marcha e o ato de ocupação. Jovem destaque alvo da polícia.

Às 17 horas, a polícia prepara para avançar, do lado de Marabá, no comando Coronel Mário Pantoja com a tropa de 85 policiais e do lado de Eldorado do Carajás, Major Oliveira e seus 68 homens subordinados e no meio cerca de 2.500 sem-terra. Tudo orquestrado para desobstruir a PA. Às 17 horas os policiais avançam para cima dos sem-terra, que exaltados, tentavam resistir aos tiros de fuzis com ferramentas e pedaços de paus.

A data entrou para a história, 17 de Abril passou a ser Dia Internacional de Luta Camponesa e Dia Nacional de Luta por Reforma Agrária. Foram 19 mortos a sangue frio pela polícia, entre eles estava Oziel, que fazia parte da suposta lista dos marcados para morrer. Presença marcante entre aqueles que encabeçavam a marcha quando a violência foi deflagrada, Oziel Alves era um dos principais alvos do episódio. Arrastado pelos cabelos de dentro da capela onde estavam escondidas mulheres e crianças, foi obrigado a gritar o nome do movimento enquanto era espancado implacavelmente, até os últimos segundos de sua vida (NAPOMUCENO, 2007).

O “estopim” de 19 corpos sem-terra tombados e 69 feridos pela mão do Estado na curva da estrada em Eldorado, não foi um fato isolado; “O Massacre de Eldorado dos Carajás” ganhou o mundo, porque foi o maior massacre de trabalhadores do campo com tamanha crueldade por parte das “autoridades”. Ali o movimento presenciou um acontecido raro na história da luta pela terra no Brasil. A violência deixou de ser mediada por jagunços e pistoleiros clandestinos e passa a ser friamente executada diretamente pela mão do Estado, através porém já tinha rastros de outros massacres que antecediam a história da reforma

agrária, como o Massacre de Corumbiara²⁰ onde policiais e jagunços mataram 10 sem-terra em 1995 em Rondônia.

Foto 1 - Sepultamento dos sem-terra mortos no massacre de Eldorado do Carajás – Curionópolis, 20 de Abril



Fonte: João Roberto Ripper (Imagem da internet)²¹

Depois do massacre, a pauta da reforma agrária ganha outro rumo, não só para o MST, mas para todos aqueles que buscava uma resposta das autoridades sobre a obtenção da terra. Apesar do MST ter perdido 19 trabalhadores em confronto com a polícia, o movimento não desistiu de ocupar terras no estado. Pelo contrário, um ano após o massacre o movimento conquista a Fazenda Macaxeira e assenta 690 famílias no Assentamento 17 de Abril. No ano seguinte, além de mais ocupações, cerca de 8 mil sem-terra acampam novamente no INCRA de Marabá para cobrar créditos para os assentados e mais terras para assentar famílias Sem Terra. Em 1998 a direção do MST decide ampliar o movimento ocupando a Fazenda Bacuri no município de Castanhal.

Percebe-se que esse período foi crucial para fazer jus o grito de ordem usado pelos Sem Terra: “Quando a força mata cem, vêm mil e substitui”, o MST passa a ganhar força a

²⁰ O massacre de Corumbiara foi o resultado de um conflito violento ocorrido em 9 de agosto de 1995 no município de Corumbiara, no estado de Rondônia. O conflito começou quando policiais entraram em confronto com camponeses sem-terra que estavam ocupando uma área, resultando na morte de 10 pessoas, entre elas uma criança de nove anos e dois policiais. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Corumbiara < Acessado em 18/06/2019).

²¹ Ver em <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Memoria/17-de-abril-as-marcas-de-ummassacre/51/43908> < Acesso em 29/10/2019.

partir do Massacre de Eldorado. Apesar da perda, o movimento foi em frente, teve conquistas significativas e não deixou de lutar pelos seus direitos com o intuito de se multiplicar. Os desafios eram muitos, e o movimento propôs-se a expansão de sua territorialização e não recuar. O MST decide voltar de onde veio, ou seja, não para o escritório da CUT em Belém, mas sim fazer ocupação de latifúndios no Nordeste Paraense. Como enfatiza Rocha, (2015, p. 58), “Em novembro de 1998 as/os Sem Terra ocuparam a fazenda Bacuri/Tanary no município de Castanhal, distante 70 Km da capital (...)”. Além de ocupar terras na região nordeste do estado, o movimento viu a necessidade de criar um escritório na capital para facilitar as relações políticas.

O MST Pará cresce com uma base expressiva e se faz presente em mais de 15 municípios, compreendido pelo MST em quatro regionais: a primeira, Regional Carajás, que compreende a região de Parauapebas; depois a Regional Araguaia que abrange Marabá e entorno; logo depois, Regional Cabana, localizada no Nordeste Paraense e por fim a Regional Eldorado que antes fazia parte da Regional Carajás.

Neste sentido, MST (2019) destaca que:

No Estado do Pará o MST está territorializado na região metropolitana, nordeste, sul e sudeste, sendo 4.080 famílias assentadas em 23 projetos de Assentamentos e 3500 familiares acampadas em 16 acampamentos, localizados em 19 municípios do estado do Pará. Nesses territórios têm em funcionamento 25 escolas de ensino fundamental, sendo que algumas atendem ao ensino médio.

Destaca-se que no atual período o movimento vem constituindo amplas relações com diferentes setores da sociedade, principalmente com as instituições de ensino, e também parlamentares. Com intuito de estabelecer uma relação campo/cidade que assegure alianças políticas e no campo epistemológico para a construção da reforma agrária e visibilizar os conflitos no campo.

Vale ressaltar que mesmo após conflitos que sensibilizaram a opinião pública no Estado do Pará é comum intimidações e assassinatos de lideranças de movimentos sociais, presidentes de associações, lideranças de comunidades tradicionais etc. Outro fator que merece destaque em tom de denúncia no estado do Pará é que, assim como Eldorado do Carajás sempre tem uma lista de pessoas para morrer que defendem a liberdade da terra, e isso acaba em assassinatos de lideranças, que maioria das vezes, o escalavro fica como forma de aviso aos demais que resistem no campo.

A disputa pela terra que ocasionou no Massacre de Eldorado e outros, nos mostra que a luta por território, sempre foi um combate sangrento, a destituição da identidade camponesa vem ganhando força desde a Revolução Verde, que abre espaço para a máquina e não para o homem. A disputa que antes era só entre homem e homem, a partir de então ganha outro cenário: “Homem X Máquina e Agricultura Familiar X Industrializados”. Com esse fator, a população aumenta nas favelas das cidades e os que resistem no campo sentem a necessidade de conquistar um pedaço de chão, principalmente para sustento da família.

Ainda hoje a concentração de terras no estado do Pará leva camponeses que buscam um pedaço de terra para produzir, entrar em conflito com os grileiros que usurpam a terra para a morte e não para a vida. Percebemos que ainda há uma necessidade concreta de auto-organização dos sem-terra para construção dos sujeitos do campo; o ato de resistência tem que perpassar da conquista da terra. Essa disputa com o agronegócio, com as empresas e latifundiários no estado do Pará vai para além do espaço físico, é uma luta árdua de afirmação da identidade, de acordo com as dinâmicas de transformação/modificação do movimento.

Vale ressaltar que apesar do Movimento dos Trabalhadores ser alvo dos muitos conflitos agrários, ele vem se reinventando de acordo às causas sociais urgentes que surgem no país. A organização dos trabalhadores, a luta pela conquista da terra, abolir os agrotóxicos das lavouras e praticar a agroecologia são tarefas necessárias para a construção da identidade do povo do campo. Para, além disso, o MST constrói com demais movimentos, alianças para fortalecer e dinamizar as ações prioritárias na luta pela terra. Assim, viu a necessidade de fortalecer a juventude da cidade, sendo criado em 2012 o Levante Popular da Juventude que visa organizar a juventude nas escolas secundárias e universidades. Outra decisão encabeçada pelo MST foi a criação do MAM, também em 2012. Ambos os movimentos que constroem os princípios de organização do povo brasileiro seguindo a concepção do Movimento Sem Terra.

Com várias ações que trazem opiniões da sociedade em geral no país, hoje o MST é um dos maiores e mais importante movimento camponês do Brasil e da América Latina. Ele está ramificado em 24 estados e estima-se que são mais de 2 milhões de pessoas que compõem suas estruturas, em uma média de 350.000 famílias em todo o território distribuído em mais de 700 municípios.

Nessa perspectiva, a construção social do Movimento Sem Terra busca contrapor a lógica da sociedade capitalista e opressora à classe minoritária. Entre os objetivos MST destaca-se a construção de outro projeto social para o país, que mude as estruturas e minimamente a sociedade se torne igualitária. Importante lembrar que o movimento aponta

que essa transformação estrutural da sociedade só se dará com união/organização da classe trabalhadora através da formação da consciência e da luta permanente por direitos. E que estes possam ser de assegurados e garantidos constitucionalmente pelo Estado brasileiro.

2. Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira: Relatos, imagens e organicidade

*Oziel está presente,
Porque a gente até sente,
Pulsar o seu coração.
(Zé Pinto)*

O Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira é um ambiente que simboliza resistência, formação e diálogos da juventude do MST, tendo como legado a memória dos 19 trabalhadores sem terra que foram brutalmente assassinados pela polícia militar em 17 de abril 1996. O espaço de auto-organização da juventude que acontece anualmente também incide na organicidade dos grupos e setores nos acampamentos e assentamentos do Movimento Sem Terra do estado do Pará.

O Acampamento da Juventude acontece desde 2006, quando o massacre de Eldorado completou 10 anos. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do estado do Pará promove desde então um acampamento de 07 dias construído pela juventude, de diferentes acampamentos e assentamentos com o objetivo de homenagear e edificar o legado deixado pelos mártires²³ de Eldorado, e, dentre estes, o legado do jovem militante Oziel Alves Pereira de 17 anos que foi animador da marcha interrompida em 17 de abril de 1996.

Desde então, essa construção coletiva tem como objetivo fazer com que a história do Massacre de Eldorado do Carajás não caia no esquecimento, que seja retomada de maneiras distintas pelas gerações de jovens e redimensionada, via memória, para o ambiente de fortalecimento da cultura política dos grupos e movimentos participantes.

É importante destacar que, para além do ato de lembrar, a composição das memórias na dinâmica do referido acampamento se relaciona com um processo educacional baseado na forma de transmissão, na vida cotidiana e no frequente exercício de narrar a si e aos outros. Isto é, os relatos orais colhidos através da pesquisa de campo, demonstram que as transmissões dos saberes através da oralidade, por exemplo, se conjugam em espaço que privilegia a circulação dos acampados.

²³ A utilização do termo “mártir” tem como objetivo, segundo dados da pesquisa de campo, destacar que a morte dessas pessoas é um ato de sacrifício virtuoso, uma ação de coragem extrema para o enfrentamento das desigualdades sociais no campo. Reitera-se ainda a noção de que o mártir entra para a história não como uma pessoa morta do passado, mas principalmente alguém de passa a reviver nos espaços de rememoração, uma pessoa que se multiplica entre os vivos. Notas da pesquisa de campo.

O espaço construído pelos jovens tem papel de formar, mas também vem se colocando como ação de denúncia da violência no campo e apontando o descaso da justiça brasileira ao deixar impunes os assassinos da luta pela terra, como relatado no primeiro capítulo.

O ambiente se tornou referência nacional de mobilização da juventude Sem Terra, em específico na Regional Amazônica. Construído com propriedade da militância jovem do MST, vem se tornando um espaço de projeção de novos militantes para o Movimento Sem Terra e outros movimentos de esquerda. Em que pese o processo participativo, o ato contempla não apenas a Regional Amazônica, mas também o cenário brasileiro e internacional.

Segundo Oliveira (2010), dentre as experiências formativas defendidas pela juventude do MST, podemos observar, primeiramente, a noção de “educação para o trabalho e cidadania”, que consiste no vínculo entre a prática do trabalho no cotidiano do campo associado aos princípios de divisão de tarefas, de tal modo que sirvam de princípio pedagógico para espelhar a aprendizagem da política nas bases sociais.

Estes postulados estão indissociados da noção da vida em comunidade, quer dizer, no exercício de atividades laborais ancoradas nas demandas de seus pares, fazendo da defesa do dito “tempo comunidade”, não como um tempo que separa a vida comunitária da escolar, mas principalmente pela valorização dos princípios de sociabilidade do movimento com outros espaços de vivência.

Outra noção fundamental para a análise dos dados de campo e das narrativas no contexto funcional do acampamento é a definição e interpretação do conceito de “juventude”. Em consonância com Sposito (2003), pensamos a juventude não como um termo generalizante e essencialista que dê conta de amplos enredos culturais. A percepção do que denominamos de “jovens” está ancorado em pertencimentos e representações próprias das aspirações e demandas sociais no jogo entre os agrupamentos.

Então, ser “jovem”, para além da crença num tipo de “frescor” psico-fisiológico, vitalismo físico ou de uma demarcação etária nos quadros comparativos dos estudos de população, significa, no caso do contexto da pesquisa e dos relatos desdobrados no correr das páginas: a) um pertencimento a um projeto de renovação de lutas e ideais que perpassam a luta histórica dos trabalhadores do campo; b) a sensação de fazer parte de um momento de semeadura, isto é, de ser uma “semente” que colabora diretamente o tempo do “futuro”, tido como tempo do porvir, do advento de algo melhor; c) ao mesmo tempo, e pelo jogo das

imagens construídas diante de si por adultos ou grupos de outras faixas etárias, os jovens também enfrentam a fragilidade de “não terem experiência suficiente”, “de estarem longe dos ideais de luta do passado praticado pelos velhos” ou mesmo de “não terem a mesma disciplina” das gerações anteriores, sendo portanto, em alguns casos, vistos como signo de decadência e retrocesso (SPOSITO, 2003).

A formação da juventude nesses quadros é repleta de dinâmicas que vão desde as representações sobre a juventude, conforme visto acima, até o percurso construído pelo MST a respeito do processo formativo enquanto aprendizado político. Longe de ser visto como um acúmulo de informações e dados científicos disciplinares, os processos educativos devem ser orientados para uma interpretação crítica do mundo, ou seja, que as informações devem ser lidas para demonstrar como as contradições sociais são dadas e de que forma são ocultadas pelos interesses de determinados grupos econômicos para manifestar a opinião pública.

De um lado, este procedimento exige um conhecimento das informações e fatos históricos, e por outro, uma apropriação teórica da realidade que desvele os processos de alienação social e política, fomentando assim, simultaneamente, um ciclo de aprendizagens políticas, alargando a politização dos jovens, possibilitando um projeto marcado pela educação permanente da juventude, uma formação contínua (APARECIDA, 2009).

A formação sucessiva pressuposta acima exige que o acampamento pedagógico trabalhe a necessidade organizacional da juventude dentro dos acampamentos e assentamentos de reforma agrária, fortalecendo a linguagem dos jovens para discutirem questões que afetam diretamente a juventude do campo, tendo como enfoque principal a estratégia da continuidade da luta pela terra no estado e fortalecendo um projeto de campo. Destaca Castro (2016), “A identificação da presença de jovens em movimentos históricos que propunham transformações sociais reificava a ideia de que é da “natureza da juventude” atuar politicamente”.

Nesse sentido, a pertença ao Movimento Sem Terra e a relação com os jovens é um componente político importante para o MST, na medida em que a renovação das lutas e do quadro de jovens militantes depende de uma apropriação da história do próprio movimento e das lutas sociais.

Portanto a experiência do acampamento nos possibilita perceber que, a “identidade Jovem” ganha outra dimensão, os critérios de participação que poderia ser dentro da “perspectiva de juventude” (15 a 29) ganha outro volume, independentemente de idade o impotente e ter contato “original com a herança social e cultural que forma o sujeito” Sousa

(2006). Os adultos que contribuem no acampamento deixa de lado a idade como critério de participação e coloca importância no fortalecimento da luta dos Sem Terra jovens. Entretanto, o público que constrói o a mística do local são atuantes nos acampamentos e assentamentos dos estados que compõem a região amazônica (Pará, Tocantins e Maranhão)²⁴, e jovens que moram em comunidades não pertencentes ao MST. Porém, se identificam com a luta pela reforma agrária.

Assim, ao realizar a pesquisa documental, tabulei que os jovens participantes no 14º Acampamento foram: 193 inscritos, 109 eram do sexo masculino e 84 eram do sexo feminino. Dentre estes, 42 se enquadram no público LGBT. Do MST são 139, e não pertencentes, 54. No que diz respeito a formação escolar do público, 33 jovens estudam ou já concluíram o ensino fundamental, e a maioria está cursando ou já cursaram o ensino médio (84 jovens) e 76 deles estão no nível superior.

Um número significativo para o MST que desde 2006 fortalece a formação política dos seus jovens e estabelece a bússola de conscientização a reforma agrária; algo que vem sendo almejado há mais de uma década, a juventude Sem Terra acampa no espaço para estudar questões estratégicas para formação da consciência na luta de classe: “Análise de conjuntura”, “Educação”, “Reforma Agrária”, “Cultura Popular”, “Impactos da Mineração”, dentre outros, são temas debatidos que são recorrentes no cotidiano dos acampados e assentados, ou seja, a reflexão sobre o presente, associado à memória que levou a criação do ato, é uma forma de planejar táticas dentro do movimento social do campo mais conhecido nacionalmente, por debater um projeto popular.

O acampamento da juventude Sem Terra constitui uma visão ampla do que é pedagogia em movimento, ele foca nos processos educativos da juventude, construindo ações que se aproximam e se distanciam criticamente das práticas de ensino escolar, vinculando a educação no acampamento e a “Luta Popular”. Nessa perspectiva,

O que educa os sem terra é o próprio movimento da luta, em suas contradições, enfrentamentos, conquistas e derrotas. A pedagogia da luta educa para uma postura diante da vida que é fundamental para a identidade de um lutador do povo: Nada é impossível de mudar e quanto mais inconformada com o atual estado de coisas mais humana é a pessoa. O normal, saudável, é estar sempre em movimento e não parado (MST, 2005, p. 237).

²⁴ Na concepção organizacional do MST, a Regional Amazônica é composta pelos seguintes estados: Pará, Tocantins, Maranhão e Roraima.

Esse movimento constituído de pedagogia, durante 14 anos, tem contribuído para ocupação da juventude nos territórios do MST, e para além disso, a seguir observaremos que esses momentos vêm incentivando a juventude do MST a se empoderar enquanto sujeitos do campo que tem suas particularidades; a tarefa de animar o acampamento tem sido como apropriação cultural permanente da juventude. Cantar o hino, emitir palavras de ordem todos os dias após o café da manhã que vem das mãos dos seus pais que ficaram lá na base plantando, carrega um significado da própria elaboração da cultura, apresentando-a como um movimento circular, que reconcilia trabalho e cultura sob o chão da coletividade.

Com isso, como se cumpre o papel de Acampamento Pedagógico? Clívia Regina de 43 anos, Educadora do assentamento Palmares II enfatiza que:

O acampamento pedagógico da juventude cumpre seu papel, primeiro a juventude é desafiada a pensar aquele espaço, a pensar o quê que foi o massacre de Eldorado dos Carajás (...) então a juventude é colocada primeiramente para pensar, depois sistematizar o que se quer com o acampamento pedagógico a cada período histórico. Então a juventude vão se desafiando a elaborar o que quer e depois do pensar, depois do planejar é colocar em prática isso e depois é conquistar mentes e corações de outros jovens a partir do protagonismo da juventude, ai é que acho que é por que dá tão certo por que é jovem falando para jovem, jovens coordenando outros jovens(...). É um espaço muito importante para o MST do estado do Pará nessa perspectiva mesmo da formação da juventude. É responsabilidade, só da juventude? Não, é responsabilidade do conjunto da organização. Então é um espaço de formação para o movimento sem-terra do estado do Pará. (Clívia Regina, 43 anos, Educadora e Militante do MST, entrevista concedida em 10 de Maio de 2019).

Segundo o relato de Clívia Regina, além da memória, o espaço do Acampamento Oziel Alves tem o objetivo de ampliar o processo formativo na direção, primeiramente, da formação política, aprendizado teórico-reflexivo, bem como, nas oficinas e lida cotidiana promover a habilidade dos jovens em comunicar-se entre si a multiplicação das imaginações e chamamento de outros jovens. Não se trata, portanto, da mera reprodução de ideias, e sim de um saber elaborado no diálogo, levando em consideração o contexto de luta e conquista de direitos dos jovens.

Formar um espaço de (de)embate e reflexão cultural implica, a partir do relato acima, dinamizar momentos de socialização e sistematização feitos pela juventude, atravessando momentos artísticos e culturais, como podemos visualizar nas imagens a seguir.

Foto 3 e 4 – Mística durante o Acampamento Nacional da Juventude Sem Terra.



Fonte: Setor de Comunicação do MST (2016).

Conforme as imagens, não se tratam apenas de uma reunião ou encontro de jovens, mas da construção de um clima, um ambiente que produz participação em torno das temáticas. Podemos ainda ressaltar que estes momentos não são singulares de um ou outro acampamento, mas de um longo processo de amadurecimento nos últimos 14 anos. O corpo crivado de balas e marcas de facão representado em pinturas se alterna com os corpos de camponeses de pé dando palavras de ordem, em posição de resistência, compondo uma espécie de jogo em que oscila, por meio da arte, a relação entre vida e morte.

Ainda nesse sentido, se atentarmos para as imagens a seguir, veremos através da produção de artes plásticas de jovens, formas de lembrar o massacre de Eldorado e os monumentos construídos para lembrar a violência do poder público na ocasião. Capturadas pela lente do fotógrafo Glauco Brito (2011), o tripé com os microfones e instrumentos musicais defronte o painel na figura 5, denotam uma representação da arte enquanto potência capaz de legitimar a memória ou trazer a voz dos trabalhadores silenciados no dia 17 de abril.

Foto 5 e 6: Paineis que retratam o monumento e uma nova história: ciranda, o futuro do MST através do homem, mulher, sem terrinha, plantações e um acampamento (Glauco Brito - 2011), e Painel construído com sementes, que retrata Oziel Alves. Construído pela juventude do Assentamento 26 de Março para a casa da memória.



Fonte: Brito (2011)



Fonte: Arquivo Pessoal (2017)

Como se vê, o contraste entre as cores e o processo descritos nas pinturas nos aparecem como um tipo de “linha do tempo”, onde o massacre é sucedido pelos monumentos (vide as castanheiras e o memorial de Oscar Niemeyer) e o renascimento das lutas, expresso na vivacidade das cores e no afloramento de plantas, como que anunciando a renovação das lutas. Sobre a elaboração da memória a partir dos espaços da arte, a pesquisa de campo permitiu observar como muitas pinturas, performances e atuações teatrais foram concebidas entre os espaços das oficinas, das reflexões, das atividades culturais noturnas e até mesmo nos primeiros momentos da manhã, quando muitos jovens se dedicam a refletir sobre as experiências vividas a partir dos momentos de vivências de uma prática militante.

Importante ressaltar que o caráter pedagógico do acampamento gira em torno das programações que são construídas através de temáticas baseadas na conjuntura atual. Este ano (2019) a coordenação do acampamento o construiu com a seguinte temática: “Juventude do Campo e Cidade: contra o fascismo em defesa da soberania dos povos”, a programação que abrangeu diversas temáticas e linguagens, contemplou a formação dos jovens acampados e visitantes, na qual a temática era compreender o fascismo e como ele se coloca na estrutura eleitoral brasileira atual e como os povos tradicionais, trabalhadores estão postos na conjuntura.

Observa-se a seguir algumas imagens que demonstram como os jovens acampados expressam o tema do acampamento.

Foto 7 e 8 - Chamada para o 14º Acampamento e mesa “Fascismo e a ameaça a soberania dos Povos”.



Fonte: Arquivo Secretaria Estadual do MST (2019)



A busca por unificar a luta de jovens do campo e cidade denota como os jovens têm percepções estruturais da sociedade, quer dizer, tem a compreensão de que os processos de luta e conquista de cidadania passam pela extensão das demandas sociais e da unidade de pessoas de distintos territórios, para além do espaço agrário. Ao mesmo tempo em que o acampamento pretende honrar a memória dos mortos e daqueles que tombaram na luta pela terra no curso recente da história brasileira, ele garante ações propositivas a favor da “Soberania dos Povos”, isto é, a programação do acampamento aglutina na noção de “Povos”, diversas comunidades ou povos tradicionais atingidos direta ou indiretamente pelas ações do que denominam de “grande capital”, atividade extrativistas e financeiras que dilapidam a dignidade, a soberania e os modos de vida. Assim, o MST (2019) afirma que: “Sendo assim, o acampamento pedagógico da juventude deste ano (2019) terá como tarefa debater o papel da juventude frente ao atual momento político, formação da juventude frente à necessidade de construir lutas e reforçar o projeto de campo dos camponeses”.

Assim, na dimensão social que agrega a luta, o MST é o movimento do campo que mais buscar estabelecer alianças populares com demais movimentos, a partir das lutas conjuntas e através dos processos de formação que engloba a educação do campo. Com a estratégia de se construir ideologicamente, o movimento constrói suas escolas, oficinas, seminários etc. e o acampamento pedagógico hoje é fonte básica de pesquisa para entendermos como a juventude do MST constrói essa relação com as instituições acadêmicas no Sudeste Paraense.

Foto 9 - Mística dos Movimentos aliados do MST no 14º Acampamento



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Pode-se observar que o acampamento proporciona incentivo para os jovens ocuparem as salas de aula, movimentos estudantis nas escolas estaduais de ensino médio, fóruns, coordenações de acampamento e a universidade. Esses espaços apropriam os jovens sem-terra de uma linguagem acessível aos povos camponeses, para que haja um retorno aos territórios pertencentes ao movimento.

As alianças, as relações de construções dos acampamentos pedagógicos tem se ampliado a cada ano. Um elo que merece destaque são as parcerias com outros movimentos populares do campo, da cidade e instituições. O acampamento recebe contribuição e participação de movimentos como: Movimento pela Soberania na Mineração (MAM), Pastoral da Juventude (PJ), Levante Popular da Juventude (LPJ), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), além de Centros Acadêmicos de Universidades, sindicatos etc. assim, tornando-o uma troca de experiência com pedagogias fora do movimento sem terra.

A organicidade de tais movimentos, místicas, oficinas e debates tem ainda o objetivo de envolver distintas temáticas e demandas sociais, não para separá-las ainda mais, e sim estimular à juventude a capacidade crítica de compreender os problemas sociais como correlacionados. Portanto, a temática do rompimento das barragens, os impactos da mineração e queimadas promovidas pelo agronegócio são discutidos como parte de uma estrutura que incide diretamente sobre o contexto do sul do Pará.

2.1. A organicidade do Acampamento Pedagógico:

Para entendermos a organicidade no MST, a nível nacional ele está estruturado da seguinte maneira, “O Movimento Sem Terra está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais” (MST, 2019).

Também, há as coordenações políticas nos acampamentos, assentamentos, estados e nacionalmente: Coordenação nacional, direção nacional, direção estadual, coordenação estadual, militâncias e coordenação de grupos nos acampamentos.

Assim, o Movimento Sem Terra enfatiza que a nível estadual “O MST está territorializado na região metropolitana, Nordeste, Sul e Sudeste, sendo 4.080 famílias assentadas em 23 projetos de assentamentos e 3.500 familiares acampadas em 16 acampamentos, localizados em 19 municípios do estado do Pará” (MST, 2019).

Essa composição organizacional do movimento também está ligada a setores de: Formação, Saúde, Finanças, Educação, Frente de Massa (FM), Direitos Humanos (SDH), Produção, Cooperação e Meio Ambiente; e coletivos: Juventude, Cultura e Coletivo de Relações Internacionais (MST, 2016).

Portanto, a organicidade do Acampamento Pedagógico é algo que a coordenação pedagógica preza para que tudo ocorra bem durante a programação. A forma de organização serve para o desenvolvimento das atividades propostas nos Tempos Trabalho, Educativo e Cultural do Acampamento.

Para o MST (2015),

O acampamento é pensado e organizado para que a todos os momentos a juventude vivencie novos valores, uma forma de organização participativa e igualitária e momentos de estudo e formação política que nos proporcione a criação de NOSSO próprio PONTO DE VISTA sobre o mundo, na construção de uma prática revolucionária.

Portanto, como o MST destaca, é a partir de organização/organicidade que o MST vem se construindo enquanto movimento social de enfrentamento consolidado, esse método serve para que os militantes Sem Terra tomem decisões objetivas e na coletividade. Assim para entendermos organicidade, Caldart (2004, p. 256-257 grifos da autora) enfatiza que,

[..] a expressão *organicidade* indica no Movimento o processo através do qual uma determinada ideia ou tomada de decisão consegue percorrer, de forma ágil e sincronizada, o conjunto das instâncias que constituem a organização, desde o núcleo de base de cada acampamento e assentamento

até a direção nacional do MST, em uma combinação permanente de movimentos ascendentes e descendentes capazes de garantir a participação efetiva de todos na condução da luta em suas diversas dimensões.

Igualmente, no interior da organicidade as formas organizativas do acampamento se materializam nos *NB (Núcleos de Base)*²⁵. Como já citado, é de costume o MST fazer a organicidade das pessoas em NB (grupos) para facilitar os processos organizativos e as tarefas, na perspectiva de uma convivência mais unitária e despertar no próximo o ato de ser solidário com o outro.

Assim, na experiência do acampamento esse tipo de organicidade facilita o manuseio das atividades da programação, e proporciona ao grupo conhecer mais sobre a diversidade participante no acampamento. Outro aspecto que aflora entre os jovens assim como destaca De Lima (2006) é o conhecer o outro, se doar ao outro. Ou seja, construir relações de valores.

O grupo se torna, então, formador do interesse pela vida social, de valores éticos, da necessidade de intervir nos fatos, da consciência crítica diante da vida. A consciência transforma o indivíduo e o grupo, desloca o indivíduo de si próprio e o transporta para o universo do outro. (DE LIMA, 2006, p. 109).

A dinâmica que constitui a formação dos participantes a partir da vivência coletiva nos grupos, faz parte do primeiro dia da programação. A coordenação faz com que a juventude se misture e formem os núcleos de base, estabelecendo uma conexão com os demais movimentos e estados para proporcionar trocas de experiências, isso se dá através de uma dinâmica, onde a ideia é mesclar e logo da dinâmica que os grupos estão formados, cada grupo faz uma roda de apresentação para delinear os próximos passos de convência.

Cada núcleo de base tem a tarefa de se organizar para as atividades que são designadas durante o acampamento. Para que haja uma coordenação dentro do núcleo, é obrigatório que tenha dois coordenadores (um homem e uma mulher), um relator ou relatora, e os demais do NB se somam às equipes de trabalho para conduzir as atividades que cabem ao quadro. Para, além disso, o NB tem que ser nomeado, e os componentes tem que criar uma Palavra de Ordem (grito de guerra) para representá-los durante a conferência dos núcleos, conforme observado na tabela a seguir.

²⁵ Segundo GOMES (2009) O núcleo de base aparece com o caráter primeiro de substituir os grupos de famílias que, até então, existiam. O MST lança um manual de organização dos NB's definindo o seguinte: "os núcleos devem ser criados para responder às deficiências e necessidades que temos dentro da organização do MST" (MST, 1992).

| <i>NBs (2019)</i> | |
|-------------------|-----------------------|
| Hugo Chaves | Deca Presente |
| Todos por Oziel | Guerrilha do Araguaia |
| Marielle | Paulo Freire |
| Maria Zezuita | Ulisses Manaças |

Como visto no quadro a cima, a juventude dá significado aos núcleos a partir de lutadores ou fatos históricos que inspira o movimento ir à luta.

2.1.1. Coordenação do acampamento pedagógico:

Neste sentido, a coordenação do acampamento é composta pela Coordenação Política e Pedagógica (CPP), pelos Coordenadores e Coordenadoras dos NB, e muitas vezes por educadores (as) de escolas do MST, que se propõe a contribuir.

Para o MST (2015) a função da coordenação é:

- a) Centralizar e descentralizar as informações; b) Fomentar as discussões nos Núcleos, possibilitando que as decisões sejam tomadas pelos mesmos; c) Cuidado coletivo; d) Garantir a implementação das linhas políticas e princípios organizativos do MST; e) Coordenar os núcleos para o cumprimento das diferentes atividades e funções, garantindo o empenho e participação de todos/as Militantes; f) Primar pela imagem do MST, do Acampamento e da Coletividade; g) Buscar sempre a Unidade interna; h) Coordenar os processos de reflexões matinais com toda coletividade; i) Acompanhar, planejar, e fazer acontecer o Trabalho doméstico; j) Coordenar as atividades diárias no decorrer do encontro.

Assim sendo, também é de responsabilidade de todos os jovens que não estão na coordenação dos núcleos, nem na CPP, se colocarem como coordenadores do processo de luta que está proposto. Como diz De Lima (2006),

Ser jovem nos movimentos é, também, ter condições políticas de coordenar o processo da luta e da organicidade e, mais do que isso, é assumir-se como sujeito de seu processo de aprendizagem, cultivando valores e princípios de quem se educa em coletivo (DE LIMA, 2006 p. 103).

Na perspectiva do autor, receber a tarefa de coordenar o acampamento, é se colocar a disponibilidade de ser o jovem exemplar para os demais, que deve sempre estar nas atividades que praticam, nas plenárias, como a militância do MST enfatiza: “Ser o primeiro no trabalho e o último no almoço”. Ser coordenador dos processos organizativos, é também, mesmo não sendo adepto de movimentos populares, militar em defesa de um projeto para juventude.

2.1.2. Coordenação Política Pedagógica (CPP):

*“Estudo, Trabalho
e Luta permanente,
a causa socialista
ninguém tira da gente”
(Grito de ordem da CPP)*

A Coordenação Política Pedagógica traz a função de garantir os processos pedagógicos e os princípios organizativos do acampamento, acompanhar o todo da programação, bem como, seguir o desempenho dos NB.

Assim, o MST (2015) destaca que as principais tarefas da CPP são:

A) reconhecer os militantes e as militantes enquanto sujeitos, interagindo e estimulando o processo coletivo, a partir das contradições emergentes, tendo o papel de problematizadores; b) Atuar no sentido de garantir a implementação das linhas políticas e princípios organizativos do Movimento; c) Buscar sempre a participação de todos e todas; d) Manter o contato com os assessores e garantir a execução da programação; e) Preparar e acompanhar os estudos e momentos de estudo; f) Avaliar e discutir o processo pedagógico com a turma; g) Realizar o acompanhamento Pedagógico em todas as dimensões do ser humano.

Essa coordenação tem o dever de fortalecer os princípios educativos, as relações humanas e transmitir valores militantes, além de planejar e coordenar atividades conforme planejadas. Expressamos a rotina dos acampados no quadro a seguir:

| | | |
|--------------|---|--|
| 5:30h | 1º tempo – Despertar dos participantes acontece com músicas e poesias | Alvorada |
| 6:00h | 2º tempo – O espaço é destinado para tempo leitura nos Núcleos de Base | Vivência de uma prática militante |
| - | 3º tempo - | Reunião da CPP |
| 7:00h | 4º tempo | Café |
| - | 5º tempo – Acontece com a necessidade do espaço | Tempo Trabalho |
| 8:00h | 6º tempo | Formatura (Hastear a bandeira do MST) |

| | | |
|---------------|-----------|--------------------------------|
| | | e fazer a conferência dos NBs) |
| 9:00h | 7º tempo | Plenária |
| 12:00h | 8º tempo | Almoço |
| - | 9º tempo | Organização individual |
| 13:30h | 10º tempo | Reunião da coordenação dos NBs |
| 15:00h | 11º tempo | Vivência da Arte Cultura |
| 17:00h | 12º tempo | Ato na Pista |
| 18:00h | 13º tempo | Dança Junina |
| - | 14º tempo | Organização individual |
| 19:00h | 15º tempo | Jantar |
| 20:00h | 16º tempo | Programação Cultural |
| 00:00h | 17º tempo | Silêncio |

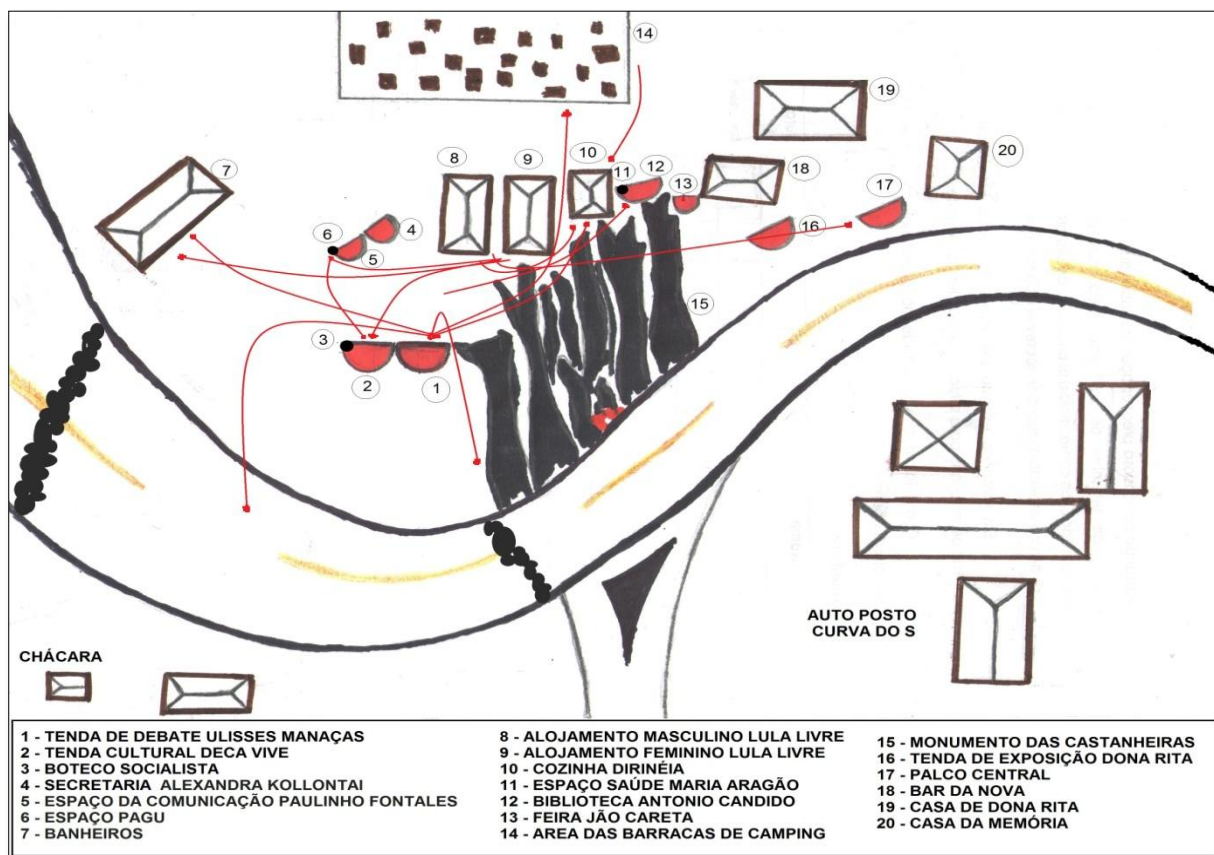
Como de costume, o MST tem a prática de demarcar seus territórios, desde a construção do acampamento na área do latifúndio, e a disciplina é fundamental para que as atividades saiam como planejada. Como vimos movimento também usa sua organicidade para definir suas programações, bem como horários e metas a serem alcançadas através dos “tempos” em cada espaço planejado.

2.1.3. Espaços:

A pesquisa de campo também é um momento de compreensão dos espaços da cultura dotado de significados. O ambiente da alimentação, a fila do almoço e a execução de atividades práticas se expressam no ir e vir dos acampados. Diante dessa dinâmica e na tentativa de capturar tal configuração demonstro um desenho visto do alto do acampamento e seus ambientes, uma panorâmica do lugar, uma representação de como interpreto o deslocamento da juventude.

Nessa mesma miragem a juventude nomeia os espaços que são erguidos no local, com nomes de lutadores e lutadoras que marcaram a luta pelos direitos humanos e pela reforma agrária no país. A dinâmica de nomeação dos espaços acontece de acordo com a escolha da CPP, porém é comum o espaço ser nomeado com o nome de um mártir recente ou pessoa que contribuiu com a classe trabalhadora, conforme exposto no demonstrativo do Acampamento Pedagógico de 2019.

Foto 10 - Espaços e deslocamentos da Juventude



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Quando vemos o acampamento de cima, compreendemos a dimensão pedagógica de seus espaços e significados para as dinâmicas do dia a dia da juventude durante o acampamento. Como mostra a ilustração, a Curva do S vai se transformando com novas estruturas, a exemplo disso são construções de espaços permanentes: posto de combustível, chácaras, banheiros, cozinha e alojamentos são espaços fixos recentes construídos que integra o deslocamento da juventude. Já os representados por meia lua a cada ano são modificados por serem tendas ou barracos de palha.

Entretanto, buscamos representar os locais e suas nomeações de acordo com a vivência de campo 2019.

| ESPAÇO | NOME | SIGNIFICADO |
|---------|----------|--|
| Cozinha | Dirinéia | Militante do MST, moradora do Assentamento Palmares II, merendeira da Escola Salete Moreno, falecida em 2018 |

| | | |
|-------------------------------|-----------------|---|
| Biblioteca | Antônio Candido | Antônio Candido foi um sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor brasileiro, figura central dos estudos literários no Brasil. |
| Espaço da Saúde | Maria Aragão | Maria Aragão foi uma médica e professora brasileira de São Luís Maranhão de ideologia comunista que defendia os direitos das mulheres. (1910-1991) |
| Feira | João Careta | João Careta era militante do MST e fazia parte da direção do MST-PA, coordenava o Acampamento Helenira Resende (Marabá). |
| Tenda de Exposição | Dona Rita | Moradora da Curva do S muito antes do massacre de Eldorado, Dona Rita era considerada “Vozinha” da juventude desde 2006. A moradora sempre contribuiu com os acampamentos cedendo espaço. |
| Alojamento Feminino/Masculino | Lula Livre! | Lula, Ex Presidente da república, preso no ano de 2018. Assim a esquerda aderiu a campanha “Lula Livre” porque acredita que Lula é preso político. |
| Plenária | Ulisses Manaças | Ulisses Manaças, era Dirigente Nacional do MST – PA. Símbolo da Comunicação e Frente de Massa do Movimento, analisador de conjuntura, Ulisses Faleceu ainda quando era dirigente (2018). |
| | | Morador do Acampamento Hugo Chaves, referência no “Agit |

| | | |
|------------------|---------------------|--|
| Tenda Cultural | Deca Vive | Claus”, fazia parte do coletivo estadual da juventude do MST Pará, Francisdécio faleceu no ano de 2018. |
| Secretaria | Alexandra Kollontai | Alexandra Kollontai líder revolucionária russa, que lutou durante a Revolução russa em 1917, lutava pelas causas feministas. |
| Espaço de beleza | Pagu | Mulher do movimento modernista brasileiro, Escritora, jornalista, diretora de teatro, poeta etc. ativista política presa no governo de Getúlio Vargas. |
| Comunicação | Paulinho Fonteles | Ex-vereador de Belém pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B). Lutador pelos Direitos Humanos, faleceu no ano 2017, em Belém do Pará. |

Vale ressaltar que durante o acampamento placas com os nomes são fixadas em cada espaço. Tendo em vista, assim como os NB, essa escolha de nomes é dinâmica e pode mudar a cada ano. Porém, as novas escolhas tem que trazer significados para as lutas e movimentos populares.

2.1.4. Monumentos

Os monumentos fixos existentes são espaços importantes na construção da memória e da resistência do campesinato na região. Os 19 troncos de castanheiras, cravados no coração da curva do S para representar os sem-terra assassinados, tem formato do mapa do Brasil, para simbolizar que a questão agrária e principalmente a violência no campo é problema nacional. Ivagno Brito, 37 anos, ressalta que:

Em 99 nascia uma necessidade de construir algo que pudesse redimensionar a curva do S, e que pudesse representar todas as formas de assassinatos, de repressão, de violência contra a classe trabalhadora, em um monumento. O

monumento foi construído em 1999, e as castanheiras representavam para nós naquele momento conjuntural, todas as formas de massacres: massacres dos garimpeiros, genocídio dos índios, a degradação da nossa biodiversidade, porque as castanheiras é isso (Informação verbal)²⁶.

O monumento das castanheiras foi pensado pelos sem-terra, em especial pelos moradores do assentamento 17 de abril que fica em torno de 20 Km do local, onde ainda hoje residem a maioria dos mutilados, representados por 69 pedras, e na composição do tronco menor que representa Oziel Alves. A construção de 17 dias com a participação de mais de 800 pessoas foi idealizada pelo Coordenador artístico-pedagógico Dan Baron.

O monumento, a partir do relato acima de Ivagno Brito, transcende o episódio de Eldorado do Carajás, passando a agregar o que designa de “monumento conjuntural”, isto é, uma série de massacres, chacinas, ataques ao meio ambiente e violência contra diversos grupos sociais nas últimas décadas. A noção de “conjuntura”, tal como elaborada no decorrer do Acampamento diz respeito a uma interpretação geral do quadro político e social brasileiro, indo desde as transformações sociais regionais, enlances de grandes corporações e associações ou deslocamentos de setores da geopolítica internacional.

Foto 11 - Monumento das Castanheiras



Fonte: Arquivo Pessoal (2012)

Nesta acepção o monumento seria uma fotografia ou representação da “conjuntura” na qual os movimentos do campo estão inseridos. O monumento central do espaço tem sua simbologia permanente, como enfatiza Ivagno Brito (2019):

²⁶ Fala durante o 14º Acampamento pedagógico pelo militante MST, Ivagno Brito, em 12 de Abril de 2019.

O pessoal dizem que o monumento feio depois de alguns anos, castanheiras caídas, mortas, que sentidos têm essas castanheiras para esses trabalhadores? Para nós estar aí a mensagem: Que se misture à terra de sangue e de corpos humanos, a natureza e os homens (Informação verbal, Ivagno Brito).

Neste segundo excerto, a mensagem de sentido é a intercessão entre carne, sangue e terra, numa relação umbilical entre natureza e cultura. Na pesquisa de campo, não poucas foram às vezes em que foram rememorados a frase de policiais militares enquanto espancavam e perfuravam os corpos dos trabalhadores com armas brancas: “tu quer terra, então toma!”.

Lançar os corpos ensanguentados em terra, dando-lhes um sepultamento homicida não deixa de ser uma violação e inversão das relações requeridas pelos homens e mulheres do campo. Quer dizer, o que era um vínculo de trabalho cotidiano, tornara-se, pela força policial, uma relação compulsória, via violência policial marcada não pelo cultivo da terra, e sim pelo cultivo da morte, do corpo morto aprisionado na terra.

Outro monumento que se tornou símbolo memorial é a “Casa da Memória”, ela foi utilizada no dia 17 de abril de 1996 por mulheres e crianças para se esconderem na hora do massacre. A casa que era uma capela de tábua que já existia no local, servia como igreja para os moradores da localidade. No ano de 2016, quando se completou 20 anos do massacre, foi reconstruída e serve como uma espécie de museu aberto à visitação.

Foto 12- Casa da Memória



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Embora, retratar o massacre de Eldorado seja o foco da casa da memória, literalmente podemos notar outros episódios de violência exposto em fotografias dentro da casa, indo desde o massacre da Fazenda Ubá em 1985 e outros casos de violências aos trabalhadores que lutaram pela terra nessa região, como por exemplo, imagens dos episódios relacionados a Fusquinha e Doutor, ambos militantes do MST assassinados por jagunços em 1998 na região de Parauapebas; José Claudio e Maria do Espírito Santo, sindicalistas assassinados em Nova Ipixuna Pará , assim como retrata o assassinato da missionária norte-americana Dorothy Stang, assassinada com seis tiros em fevereiro de 2005, Anapu (PA).

Ou seja, para além do massacre dos 19 sem-terra, os espaços têm a função de lembrar outros massacres acontecidos no ceio da região mais conflituosa do Estado. Há ainda um simbolismo no espaço, posto que as fotos estão diante de si frontalmente, como que olhando para as outras, posicionando cenas de barbárie que se encaram, refletindo o testemunho sombrio umas das outras, como que tecendo o diálogo do enlutamento.

Vale ressaltar que o projeto de lei 8.856 sancionado pelo Governador Helder Barbalho tornou a Curva do S Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Pará em 22 de abril de 2019.²⁷

2.1.5. Trabalho a partir da coletividade e sua dimensão pedagógica

O trabalho na visão do movimento tem que andar em parceria com a forma pedagógica, estabelecendo uma formação unilateral que educa o ser humano na perspectiva do trabalho para a sobrevivência e não como mercadoria. Neste sentido, MST (2005) coloca que:

O trabalho envolve um conjunto de processos e de ações que transformam a natureza, constroem e reconstroem a vida em sociedade. Através do trabalho, as pessoas, coletivamente (ninguém trabalha sozinho, sempre se relaciona com alguém), garantem a vida e as condições objetivas de seu desenvolvimento, num determinado tempo e espaço social. (MST, p. 90, 2005)

O trabalho na perspectiva do acampamento se desenvolve como elemento educativo, as tarefas que se integram aos tempos educativos da programação do acampamento tem a função de uma formação da consciência. A concepção de mundo do trabalho ensinado pelo

²⁷ Reconhecido como patrimônio histórico e cultural do Estado do Pará, o espaço denominado de “Curva do S”, Diário Oficial Nº 33879. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/1xAq8sXjDc-rmWSE6tJaPGMfZFzcQIkzG/view>> Acessado em 01/12/2019.

MST interage ao mundo dos jovens que tem o contato com o campo, com a terra, com a agricultura. Sobretudo, sobrepõe que é necessário o trabalho para a própria subsistência da família no lote.

Nesse sentido, as equipes de trabalho que se verá a seguir, além de serem uma forma para organizar as atividades do acampamento, representam o espelhamento da ação e identidade coletiva dos jovens, de acordo com os princípios de (MAKARENKO, 2010, p. 20), para quem “o trabalho só se tornará um instrumento eficaz da educação comunista se for integrado ao conjunto da organização do processo educativo”. Essa relação com o trabalho permite a juventude Sem Terra entender que o trabalho também tem a tarefa de educar, e ele não se dissocia do projeto de movimento que o MST vem construindo ao longo de sua trajetória, o trabalho é o que sustenta a base social acampada e assentada no MST.

Dentro desta mesma linha de raciocínio o trabalho no acampamento é desenvolvido a partir da organicidade dos núcleos de base e constitui uma relação de educar na coletividade. As equipes são compostas por todos os participantes que não estão na relatoria e coordenação. Assim sendo, as equipes são responsáveis pelas tarefas específicas que cabe a cada uma:

Saúde: Responsável por cuidar da saúde dos participantes, expor orientações básicas de saúde, e cuidar do ambiente;

Segurança: Responsável pela segurança do acampamento, das atividades externas e autoridades/convidados;

Secretaria: Responsável por cuidar dos materiais pedagógicos, credenciamento dos participantes, organizar os agradecimentos dos expositores e fazer a memória do evento;

Cultura e Mística: Realiza a ornamentação do acampamento, pensa as atrações culturais, acompanha os NB quando for realizar mística pensa as aberturas das atividades culturais e agradecimentos.

Comunicação: Faz os registros fotográficos, é porta-voz oficial dos meios de comunicação, responsável por montar e cuidar dos equipamentos de eletrônico e escrever as matérias relacionado a programação;

Infraestrutura: Equipe que pensa e monta o acampamento, busca condições materiais para que o evento possa acontecer, também responsável por suporte técnico quando precisar.

As equipes têm como responsabilidade maior dar vida ao acampamento através de conservação diária do ambiente e das atividades a serem realizadas. Têm como função, para além do trabalho, aprofundar os valores próprios da organicidade.

Garantir um ambiente educativo através da limpeza e cuidado do ambiente que possibilite aprofundarmos as questões de gênero e higiene do local. A intencionalidade de criar um ambiente de respeito a natureza e que traga felicidade para homens e mulheres. É uma forma de aprofundar o sentido da coletividade, da voluntariedade e da solidariedade (MST, 2015).

Como coloca o MST, o trabalho é um elemento educativo, que possibilita os jovens se contraiem enquanto camponeses que cultivam respeito e valores, junto à coletividade o trabalho coletivo exalta e empodera a materialização, ao mesmo tempo permite uma ligação do “homem” com a natureza para a produção do conhecimento.

2.1.6. Estudo e Formação:

A *formação* como processo mais importante do acampamento, desperta a proliferação da democracia, a participação social dos jovens em espaços que são seus por direito. Assim, colocando os jovens como sujeitos construtores de sua própria história, essa construção se dá a partir dos princípios organizativos do MST: Vinculação do militante com o povo, direção coletiva, disciplina, divisão das tarefas, planejamento, crítica e autocrítica e, sobretudo a ponte com o estudo.

Nessa perspectiva, a estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Gessica Veloso, 19 anos, destaca que os espaços de formação proporcionados pelo Movimento fazem uma ligação com os espaços de sua vida enquanto jovem camponesa e com sua formação acadêmica na universidade.

Tem tudo a ver com a minha formação, o que tem no acampamento pedagógico é a luta da nossa classe, é resistência, e a educação do campo é isso, é a alteridade dos povos do campo, porque a gente sabe como é visto os povos do campo, ele ainda é rotulado como sinônimo de atraso, e a gente tem que buscar, a gente tem que lutar, a gente tem que resistir, e para isso tudo acontecer a gente tem que se somar as atividades e tem que estudar. (Gessica Veloso, 19 anos, estudante da Licenciatura em Educação do Campo – IFPA, entrevista concedida em 15/04/2019).

Na perspectiva de Jéssica Veloso, o combate ao que denomina de “atraso” do olhar preconceituoso sobre os povos do campo deve ser enfrentado pela articulação da vivência no trabalho do acampamento com as experiências no mundo universitário. Isto é, de uma conexão entre uma certa forma de estar na vida a partir das reflexões na academia universitária com o compartilhamento das vicissitudes da dita organicidade da realidade do acampamento.

O MST, ou pelo menos determinados intérpretes deste Movimento associam ou corroboram que a formação de homens e mulheres também está interligada com a práxis, afirmando que:

Desde a compreensão de sua materialidade específica, o MST passou a expressar (fundamenta-se em) e a reafirmar uma concepção de educação que vincula a produção da existência social à formação do ser humano, considerando as contradições como motor, não apenas das transformações da realidade social, mas da própria intencionalidade educativa, na direção de um determinado projeto de sociedade e de humanidade. KOLLING; VARGAS; CALDART (2012).

As palavras dos autores (as) deixam claro que o processo de formação dos sujeitos na visão do Movimento Sem Terra, estabelece um diálogo entre a dimensão pedagógica acadêmica e práticas produzidas no dia a dia dos sujeitos.

Os momentos de estudos são compreendidos como ato de transformação do “antes” para uma possível construção de novos conhecimentos para a juventude sem-terra. Os momentos de vivência e troca de experiência entre os jovens, proporcionam a assimilação da informação e a alteração da realidade. Assim, o estudo se coloca como ato primordial de libertação da consciência.

Posso enfatizar que entre os jovens do campo, inseridos nos movimentos sociais, tem formações diversas, indo desde a busca da instrumentalização para a sua prática no cotidiano, até algo que lhes ajude a ser sujeitos capazes de construir novas relações para fora dela, de superação das necessidades básicas para se construírem enquanto sujeitos que lutam pela autonomia.

Foto 13 - Leitura do Jornal Sem Terra



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Temas que são norteadores nos debates do acampamento, fortalecem a formação política, que fortalecem as estruturas orgânicas dos acampamentos e assentamentos onde moram o público participante: 1. Juventude e trabalho; 2. Educação; 3. Política; 4. Arte e cultura; 5. Projeto popular; 6. Agroecologia; 7. Comunicação; 8. Gênero, raça, sexualidade; 9. Mineração; 10. Reforma Agrária Popular; 11. Saúde; 12. Violência no campo.

2.1.7 Atos Políticos e Culturais:

O acampamento pedagógico é marcado por dois atos Políticos e Culturais, que envolvem não só a juventude, mas também os sem-terra acampados e assentados da região, outros movimentos, instituições e a sociedade em geral.

Ato na Pista: Momento que envolve todos os participantes do acampamento. Cada dia um NB expressa através da mística o que aconteceu na época do massacre. A Juventude sem-terra ocupa a BR 155 todos os dias da semana às 17hs, por 21 minutos para dialogar com a sociedade, o ato que acontece no horário em que ocorreu o massacre, no ano de 1996, com o objetivo de denunciar a violência no campo, passar para a sociedade porque a juventude está ali acampada, e também, a BR serve como palco de apresentações artísticas e culturais.

Fotos 14 e 15 – Ao lado esquerdo, a juventude cantando o hino durante o encerramento do ato na rodovia, e no lado direito, concentração dos jovens na rodovia durante o ato.



Fonte: Arquivos Pessoais (2019)

Ato Político e Cultural – Dia Internacional de Luta Camponesa: O dia de mobilização nacional do Movimento Sem Terra, em 17 de Abril, é considerado um dia de luta pelos mártires de Eldorado do Carajás e pela reforma agrária. O ato do dia 17 de abril faz parte do encerramento do acampamento pedagógico, se colocando como um dia muito importante na programação e para o MST a nível nacional.

Esse dia, é um dos mais belos processos de mobilização massiva da nossa base das áreas e de fortalecimento das nossas alianças com outros movimentos populares. O Pará, e mais especificamente a Amazônia dar resposta de Organização e Resistência para contrapor o Grande Capital (MST, 2015).

O dia que tem capacidade de mobilizar todas as áreas do MST, sobretudo diferentes entidades da sociedade civil, mostra que a luta pela terra e pela memória daqueles que já se foram na peleja pela realização da reforma agrária, cada passo é lembrado e reivindicado por diferentes sujeitos e entidades que comparecem no local do maior massacre de trabalhadores Sem Terra.

Foto 16 - Mística no Ato Político Cultura



Fonte: Setor de Comunicação MST-PA, 2018

A imagem acima mostra o momento da mística realizada no ato político e cultural, através da encenação e da mística, a juventude eleva o tom cultural do ato, as falas e músicas exercem um papel de afirmação da identidade Sem Terra e afrontamento.

A juventude da regional amazônica compreende que a “garra e desempenho”, constrói a recepção para os trabalhadores e aliados do movimento sem-terra no ato político, que tem como caráter denunciar os massacres no campo, a impunidade do massacre de Eldorado, cobrar a reforma agrária e assistência para os assentamentos.

Para Vanessa Sousa de 21 Anos, militante do MST:

Sempre querem matar o sonho, a esperança, a ousadia, a indignação, a rebeldia, a solidariedade. Nosso compromisso é estar em alerta permanente em todo o país. Esse acampamento foi pensado para nos colocar em alerta para o que der e vier. Para que possamos cumprir nosso papel na história (Vanessa Sousa 21 Anos, entrevista concedida em 17 de Abril de 2016 ao Jornal Brasil de Fato).

A Militante assinala que o acampamento é um local para se manter em vigília, um espaço de alerta contínuo para as ameaças do presente, dessa maneira, o acampamento cumpre o papel de suscitar, a partir das lutas do passado, a confiança da juventude no seu papel de guardião das tarefas vindouras. Na mesma premissa que a entrevistada acima destaca,

Julia Iara, também do MST descreve momentos de tensão durante o acampamento que neste momento transcrevo:

“O coro da mística atravessou a pista e formou a primeira muralha do dia.

Com voz, ativa anunciaram:

“Aqui

persistimos,

como uma muralha

Famintos

Nus

Provocadores

Declamando poemas.

E estavam certos”.

Na quinta noite do acampamento, nossos inimigos passaram em frente à Casa da Memória e atiraram pra cima. Algozes do latifúndio usando a linguagem armada que tão bem conhece a Curva do S, era o recado hostil dos assassinos da região. No sexto dia, mandaram avisar a direção que pensassem bem no que diriam no ato do dia 17 de abril.

Eles ainda organizam o medo contra nós. Eles ainda pensam que 21 anos depois da perseguição daquelas famílias, podem nos ameaçar numa esperança de mordança. Eles não sabem nada sobre o nosso medo. Nosso medo organiza. Nosso medo é chumbo contra eles.

Pois que nos sentamos, no raiar alto da alvorada, e decidimos: vamos falar sim! Nos encarávamos tensos, nenhuma resposta estava pronta e pela tensão que andava sinistra pelas redondezas nos últimos dias, seria necessário pensar estratégias pra proteger nossos camaradas, dirigentes da Região Amazônica ameaçados de morte, durante a fala no ato, sabendo que a fala delimita a ordem do alvo da bala. Decidimos que a fala do movimento seria coletiva, como fizemos em Curionópolis nos jograis.

A ação nos espaços de conflito muda com qualquer sopro de perigo. Alteramos a ordem da mística e das falas de modo que houvesse sempre concentração de gente perto dos camaradas. Montamos espaço para falas de aliados e fizemos um coro de quinze declamadores jovens que acompanhasse os militantes da coordenação do ato. Era importante começar avisando.

‘Sem Terra medo não tem

*Pobre coragem possui
Quando a força mata cem
Vem mil e substitui...'*

Ao final do primeiro coro, passamos de 15 para 30. Maria disse: 'quanto mais gente melhor'. E ali, antes da notícia chegar, nós já nos colocamos como uma muralha humana no palco, a segunda do dia. Sérios. Tensos. E nunca tão firmes.

Quando passamos para 50 pessoas lado a lado, um camarada acenou lá de baixo, a expressão compenetrada:

- 'Diz pra Maria ir mais pra trás, tem dois armados de olho nela...'

Bastou isso. A conexão entre os dirigentes foi absoluta e imediata. Não tivemos medo de fazer a linha de frente. Nos olhávamos nos olhos e acenávamos nossos entendimentos. Se tínhamos medo? Tínhamos. Um medo da não ação. Cada vez que uma companheira ou companheiro se locomovia, nosso olhar procurava inimigos em volta e corria pra junto. Uma mulher, também militante, também dirigente, coordenava as falas sem vacilar nenhuma vez. Admiramos a coragem dela. O ar pesado, 'aquele ali de verde, tá armado', um camarada cochichou, atento. Passamos o recado pro companheiro de fileira, que passou pra próxima, que passou pra trás e adiante. Vigiamos lá de cima. E qualquer um entre os tantos observadores poderia ser suspeito pra nós. Insegurança. Incerteza.

Cercamos a liderança sob ameaça e nos colocamos imediatamente ao lado dos demais camaradas. A equipe de segurança rastreou seis armados, entre policiais e pistoleiros vestidos como nós, usando nossos símbolos. Denúncia óbvia e antiga do casamento entre o Estado e as elites, no fundo, todos capachos dos interesses do capital e da sua sempre propriedade privada.

- 'Isso é afronta ao nosso espaço, não podemos nos esconder' - Maria disse. - pega o microfone e denuncia a presença deles. Faz a fala.

Pensando juntos, achamos melhor não furar a atuação da segurança, colada lado a lado nos pistoleiros. E esperar até que eles controlassem a situação pra falarmos.

Em algum lugar na multidão, o militante, com todo aquele tamanho de gigante, olhou o policial disfarçado, de cima abaixo, com olhos duros e interpelou: 'Tá de serviço hoje?'

A equipe de comunicação, fez questão de apontar a câmera para a cara de todos os inimigos confirmados e também dos suspeitos, com a mesma audácia e ameaça com que eles nos filmaram durante toda a semana, nos caçando como animais.

O cara amarelou. Eles amarelaram. Olharam pra cima do palco, muita gente. Os Sem Terra "tavam" sabendo da presença deles e estavam preparados. Gente do Maranhão, gente do Tocantins... Um monte de jovem. Desconversou qualquer coisa, voz baixa.

Foram embora os seis. De certo, com ódio.

Nós permanecemos, cinquenta como um corpo único, fortaleza, até o fim do ato. Os cinco dirigentes com a tarefa das falas estratégicas fizeram as denúncias combinadas, com fúria renovada e a coragem de sempre. Improvisamos mais coros provocadores. E no fim, uma saraivada de gritos de guerra. Nos ali, de peito aberto pro perigo, protegendo uns aos outros, resistimos e vencemos o medo.

Quem não vive na Amazônia não sabe como o perigo nasce e descamba com o sol e vem ainda com a noite, cotidianamente.

Dançamos depois de vencer a ameaça da morte. Quando a música começou, nós nos procuramos e nos olhamos nos olhos, permitindo sorrisos e abraços. Dança. Amor. Um trago de fumo com um, com outro. Todo mundo se encontrando num "resistimos" de muitas palavras, as equipes contando como nos organizamos nas muitas frentes. Nos vendo de maneira diferente, profunda. Choramos. Bebemos. E nos recriamos.

Ninguém quis ir embora. Nosso desejo de permanecer juntos fim de tarde e noite a dentro, fez a despedida das delegações amarga. Não faltaram, no entanto, nem os beijos, nem a poesia.

Se temos medo? Temos. Mas nosso medo nos organiza. Nosso medo é chumbo contra nossos inimigos.

“Nenhum passo atrás, libertação ou morte!”

Por Julia Iara, 11º Acampamento Pedagógico 2017.

Como coloca a militante, o que está em jogo é a construção de uma história que muitas vezes já tentaram interromper com ameaça ou morte, mas como em todas as atividades realizadas no espaço, em sincronia, a juventude do MST afirma que “sem-terra medo não tem”, nos atos assim como na vigília pelos massacrados de Eldorado, soa como significado de afronta ao latifúndio da região, que ameaça através de gritos e xingamentos ao passar na BR, mas a juventude não revida, mesmo com ameaças e xingamentos eles mandam seu recado a partir da tenacidade de suas vozes, nas poesias, nos coros e nas músicas.

As linguagens artísticas: poesias, músicas, coros, o teatro entre outros elementos que são utilizados pelos jovens, para celebrar, se manifestar e denunciar, são objetos estratégicos. Embora seja um desafio para o MST manter a juventude engajada na luta pela terra e na

construção da identidade cultural do movimento, através dos espaços de formação para fora da escola, a juventude sem-terra vem construindo uma trajetória importante através da formação política coletiva com demais movimentos. O que é essencial para refletirmos a verdadeira importância da juventude rural nos espaços de formações, no trabalho, nas manifestações políticas e culturais.

No próximo capítulo, traremos algumas reflexões de como a juventude se constrói a partir da cultura sem-terra, da relação com as oficinas de arte e cultura e os momentos culturais, ambos constituindo um papel basal para a formação cultural dos jovens sem-terra através da arte. Nessa linha, MST (2015) destaca que: “A estratégia executada nas oficinas é a agitação e propaganda, para melhor nos expressarmos e aprofundarmos o debate de como se deu o processo das grandes revoluções que a classe trabalhadora já conquistou”.

Assim, as artes, que aparecem na programação como momento de lazer para a juventude também cumprem o papel de ferramenta para propagandear a cultura do movimento através das artes Plástica, Teatro, Danças Regionais, Percussão, Capoeira, Grafite/Stencil, *Agit Clown* (Palhaço), Artesanato, entre outras atividades que fortalecem a luta pela terra e o poder de denúncia aos crimes no campo a partir das linguagens artísticas.

3. Educação, Cultura e Política.

*A arte não é um espelho para refletir o mundo,
mas um martelo para forjá-lo.*

(Vladimir Maiakóvski)

O desafio do Movimento Sem Terra de se organizar e tornar-se um movimento autônomo que instiga a formação cultural do povo do campo, que vai contra a lógica capitalista, emerge desde o seu surgimento, ele vem se fortalecendo nas lutas populares e apropriando-se da arte e cultura como arma de enfrentamento ao latifúndio e ao agronegócio.

O MST é um movimento cultural desde sua gênese; e como em terra fértil, começa a pensar em 1994 o coletivo de cultura junto ao Setor de Educação. Esse coletivo começa a pensar o papel da educação e cultura dentro do Movimento Sem Terra e a partir daí várias atividades culturais começam a ser enraizada pelo Brasil.

Para Mittelman (2006):

A partir daí, várias atividades foram promovidas, como a Oficina Nacional de Música (1996), o seminário A Cultura e o MST (1998), o Seminário Nacional sobre Cultura (1999), o I Festival de Músicas da Reforma Agrária (1999), a Oficina Nacional de Artes e Comunicação (2000), as Oficinas de Artes das Grandes Regiões – Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-Oeste (2001), a 1ª Semana Nacional de Cultura Brasileira e da Reforma Agrária (2002), o 1º Encontro Nacional dos Violeiros (2003), a Oficina Nacional de Artes Plásticas e Música (2003), o 2º Encontro Nacional dos Violeiros (2004), a II Semana Nacional da Cultura e da Reforma Agrária (2004) e o I Festival Latino Americano de Música Camponesa (2004).

Percebe-se que a arte como apontamento para uma diferenciação da cultura nos movimentos populares do campo, inicia dentro do MST através dos cantadores²⁸. A oficina realizada em Brasília em 1996, onde músicos de várias regiões do País se encontram para marcar uma nova trajetória no movimento através da música. Com o passar do tempo, o MST passa a construir atividades que propõe debater a cultura a partir da vivência de cada região contra a lógica capitalista, a partir de sua organicidade.

Com a transformação em percurso, as manifestações artístico-culturais estabelecem um complemento à luta pela terra. Mais tardar outras linguagens incorpora aspectos da cultura do povo Sem Terra a partir da música, teatro, artes plásticas, literatura, áudio visual etc. Com

²⁸ Militantes animadores que cantam, utilizavam instrumentos musicais e suas vozes para alegrar o povo Sem Terra.

isso surge a necessidade de criar um coletivo de pessoas de norte a sul do País para compor o Coletivo Nacional de Cultura, com finalidade de acompanhar a parte cultural do Movimento Sem Terra. O coletivo é composto por dois dirigentes em cada estado e uma pessoa que responde na coordenação nacional, e uma direção nacional.

Esse artifício cultural do MST sobre os trabalhadores, institui a formação da consciência, em amplos sentidos, desde o cuidado com a natureza, cuidados com os espaços onde eles se desenvolvem, até a utopia dos novos valores, para se construir através da formação cultural, uma sociedade futura, mais justa e igualitária. Para o Coletivo Nacional de Cultura (2018, p. 22) “nossa criação será cultivar um novo camponês, uma nova camponesa, com valores e significados que a reforma agrária popular propõe”. Assim, como vimos o MST planta um projeto que busca mudanças, principalmente através da educação popular para transformar as estruturas sociais do País. Almeja instigar a formação cultural de homens e mulheres, crianças e principalmente jovens que se situam nos acampamentos, atuando como seres cultivadores da terra e de sonhos que dialogue com a reforma agrária popular.

Nessa perspectiva, João Pizetta (2006) destaca que o MST tem que buscar uma cultura que eduque as gerações e prepare o povo para enfrentar a cultura capitalista nos tempos atuais:

Precisamos produzir uma cultura, que seja capaz, já agora no presente, de criar outras relações com a natureza, que não aquelas impostas pela produção capitalista; uma cultura que propicie a vivência de novos valores, que contenha as sementes da nova sociedade socialista. Uma cultura que busque emancipar as pessoas, que desenvolva a sua capacidade criativa e imaginativa, capaz de inventar novos caminhos (Pizetta, 2006).

Essa cultura almejada por Pizetta que fortalecerá a luta pela identidade própria nos movimentos sociais, e servirá como resistência contra as formas de opressão na sociedade capitalista. Para o MST, as relações de poder que descaracteriza a identidade cultural e impede que o povo concretizar a cultura popular, vem principalmente através dos meios de comunicação, que tem grande relação com os interesses do agronegócio, produz uma compreensão errônea das lutas coletivas por identidade.

Para dialogar com o conceito de identidade cultural, principalmente para análise do chamado descentramento da concepção de sujeito, na visão de Hall (2003, p. 410) que preconiza que:

As identidades culturais seriam um posicionamento, onde há uma relação entre o essencialismo e o construtivismo, onde o primeiro tem um papel unificador em torno de uma cultura partilhada por um grupo étnico, social ou de gênero, e normalmente gera um caráter de resistência, e o segundo se vale

do uso das diferenças como forma de estabelecer “fronteiras simbólicas” entre as identidades das comunidades.

Assim a cultura coletiva exercida pelo MST é trabalhada como processo de consolidação de identidades que se desenvolvem na relação homem e terra para construir uma cultura forme os sujeitos, para que entendam que para além da terra e política é necessário autonomia, “[...] pondo em questão a própria concepção de arte e, o que é fundamental, a cisão que historicamente foi criada entre arte e trabalho, entre arte e vida cotidiana” (Caldart, 2017, p. 83). Ou seja, embora a luta pela terra seja elemento foco dos sem-terra, o fazer das artes e dos vários afetos que compõe o cotidiano da vida, como gênero, sexualidade, parentesco, dentre outros, terminam por imprimir toda a multiplicidade de percepções de mundo externalizadas para a concretude da reforma agrária no movimento.

Na ideia de construção de significados e apontamento para o futuro no processo de edificação da cultura Sem Terra, o MST aposta na juventude como esse novo homem e a nova mulher, que se constroem politicamente através das linguagens artísticas desenvolvidas interna e externamente aos acampamentos e assentamentos do movimento sem terra. Assim, para consolidar a formação cultural dos jovens no MST, tem feito com que o movimento propicie espaços interativos na perspectiva de chamar atenção desse público para dar continuidade nas práticas que constroem a identidade Sem Terra.

Ao prosseguimento aos princípios do movimento sem terra, no estado do Pará, a juventude do MST se organiza nos territórios, a partir dos coletivos de juventude, que tem como objetivo manter a organicidade dos jovens dentro dos acampamentos e assentamentos seja para desenvolver atividades práticas ou para estabelecer uma identidade própria de jovens do campo organizados. Esses coletivos são compostos por jovens que participam das atividades dentro e fora de suas localidades contendo um coordenador e uma coordenadora para conduzir o coletivo.

A juventude é parte necessária para o fortalecimento e renovação das lideranças do MST, na medida em que envolve, por um lado, a relação dos jovens com a Escola, e, por outro, sua articulação com a formação no campo da arte e cultura, estes, ponto estratégico para divulgação das ações do MST.

3.1. A juventude e o mergulho nas artes para formação política e cultural

O acampamento pedagógico Oziel Alves Pereira é de suma importância quando se fala em formação política e cultural da juventude sem terra na regional amazônica, os espaços

são pensados para acolher a vivência dos jovens e aflorar a construção dos jovens em diversas linguagens. São jovens que pensam uma cultura coletiva para desmistificar a cultura instruída do latifúndio. Em um território simbólico como os acampamentos, diversos saberes se cruzam e dá espaço a linha do conhecimento que fortalece o movimento e as atividades artístico-culturais propostas.

A arte e cultura como das fontes principal para cativar a participação da juventude nos acampamentos tem um significado de formação da consciência, uma arte que transforma o cotidiano da juventude e estabelecem relações sociais. Neste sentido, Vargas Netto, (2007) destaca que a arte na visão do movimento sem terra tem sentido de transformação:

A arte, então, deve ser encarada como forma privilegiada de expressão, crítica, denúncia, comunicação e partilha. As funções da arte: veículo da mística e da ritualística dos movimentos; arte simplesmente como celebração que dá sentido a existência com dignidade e gozo: a arte como dimensão do misterioso e do maravilhoso; arte como comunicação e expressão da consciência (VARGAS NETTO, 2007 p. 319).

Como explicita o autor em suas ultimas palavras, é a expressão significativa no fortalecimento da luta da juventude do MST. A capacidade de se comunicar através das linguagens artísticas: artes plásticas, da encenação cênica, da música, do teatro. Fortalece suas relações com diversos setores da sociedade. Para além da construção de relação com esses setores, há prosseguimento de uma vida; nos acampamentos e assentamentos as linguagens artísticas e educação é o que faz a juventude estar em constante movimento, seja usando esses elementos comunicativos para apresentar suas demandas para a sociedade ou se colocar na história como seres animadores de seu povo.

3.1.1. A Mística como ação fundamental da arte Sem Terra

A palavra *Mística* desemboca ao significado do “mistério, religioso, espiritual”. [...] “Quando falamos em ‘mística’, aludimos à apreensão do mistério ou ‘sagrado’, que são modos de aparecer do divino, sobrenatural ou transcendente” (HIGUET, 1984, p. 1984). Na concepção dos jovens da curva do S, ela se traduz em uma expressão real do momento e da memória. Ali, a mística se traduz a cada espaço, e se coloca como elemento de resistência. Porém, “para entende-la, e necessário senti-la e vive-la” como enfatiza (Bogo, 2002). Para compreender o real contexto místico produzido pela juventude é necessário coloca-la também como artefato de transformação, deste modo, ainda refletindo sobre o conceito de identidade, temos de considerar a diversidade na unidade das ações coletivas, como se observa na

abordagem fotográfica a seguir, um ato místico composto de corpos massacrados e um corpo coberto com a bandeira LGBT, representando os assassinatos motivados por homofobia no cenário nacional.

Foto 17 - Apresentação mística na Curva do S



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Às 17h do dia 16 de abril, o NB se prepara para entrar em cena, o palco era a BR 155, e a plateia era a juventude sem terra amazônica, carros enfileirados e gentes de vários lugares que esperam ansiosos para passar o bloqueio de 21 minutos, 21 minutos dividido para cada sem terra que escreveu uma nova história da reforma agrária brasileira em 1996. Cenário, são 19 troncos de castanheiras, a casa da memória, o acampamento e rumo à Marabá o projeto do capital, um posto de combustível para abrigar caminhões carregados de commodities. Treze jovens se organizam, e entram aleatórios no espaço imaginário de um palco, sobre o canto da música *Mãe, Eu te Sinto* (Claudiney Prieto)²⁹, jovens de que representa o perfil da juventude, negra, mulheres, travestis, camponeses etc. espantados se olham sem se reconhecer, ao final do canto, dois jovens no carro som começam a falar dados sobre o extermínio de jovens, a cada dado recitado um jovem caia na BR, quando

²⁹ Disponível em: <<http://bruxarianaserra.weebly.com/muacutesicas.html>>. < Acesso em 28 de agosto de 2019.

todos estão caídos, três jovens começam a recitar o poema *Me sufoca (Vitoria Maria)*³⁰, cada um recita uma estrofe, no fim da poesia, três jovens começam a cantar a música *Ciranda (El Fector)*³¹ para os jovens caídos levantarem e brindar o novo, eles convidam todos telespectadores a fazerem um abraço coletivo. No fim da música eles fizeram vários Gritos de Ordem. (Mística do NB Maria Zezuita, 16 de Abril de 2019).

A expressão dos jovens do NB se resume em um grito de socorro, expressa as necessidades das juventudes que luta pelo direito de ir e vir. Ou seja, a liberdade. Peloso (1994) destaca o sentido da mística no contexto das lutas sociais, instrumentalizada como utensílio de angariar novos sujeitos.

(...) a mística é uma motivação que está no coração de cada pessoa que abraçou a causa da justiça e da liberdade. Essa força que sustenta o militante pode se manifestar de forma simples ou solene, de forma individual ou coletiva. Mas é sempre uma convicção profunda experimentada e transmitida para reforçar uma luta e reunir muitos outros combatentes (PELOSO, 1994, p. 8).

Na descrição acima percebemos claramente que a mística tem seu sentido individual ou coletivo e expressa um sentimento para a massa que a presencia. A imagem acima retrata o momento de uma mística apresentada pelos jovens sem terra no ano de 2019, na Curva do S durante o 14º Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira. A imagem em questão traz uma intervenção a partir da vivência coletiva do Núcleo de Base (NB) Maria Zezúita.

A mística buscou retratar e, sobretudo alertar para os ouvintes através dos elementos, que essa juventude marginalizada está sendo exterminada, e como seu futuro é inseguro no governo atual de Jair Bolsonaro, que nomina o movimento sem terra, um movimento de impostores. Um perfil jovem diferente dos demais que irão participar na mística posterior, percebe-se algo comum entre as místicas, a violência e o medo.

Observa-se também que, mesmo que a juventude viva em meio a dados alarmantes de violência, o futuro sonhando por ele é o bem viver, no final da intervenção artísticas os jovens, acrescentam o elemento final através do canto:

³⁰ Disponível em: <<https://livrosdeamor.com.br/download/versando-rebeldia-5c9700e082623?hash=c68786fab54d1a13df10e3a3708b82ff>>. Acesso em 28 de agosto de 2019.

³¹ Disponível em: <https://www.google.com/search?ei=ov1IXbXLC6bX5OUIPOH8A0&q=Ciranda+%28El+Fector%29+letra&ogq=Ciranda+%28El+Fector%29+letra&gs_l=psy-ab.3...33i22i29i30.12911.15351..16005...0.2..0.196.969.0j6.....0....1..gws-wiz.....0i71.GULHB9F22Tg&ved=0ahUKEwi1pJCL2KTKAhWmK7kGHZT5Ad4Q4dUDCAo&uact=5>. Acesso em 27 de agosto de 2019.

*“Árvore que dá o fruto
Num processo tão bonito
Do fruto nasce a semente
E assim se repete o ciclo”
(El Fector)*

Através da música e do afeto, os jovens acrescentam o abraço para representar a união. No levantar após a morte (pode se baseado na *semente* da letra da música) percebemos claramente que a utopia se baseia na ressurreição, que dialoga muito com a palavra de ordem entoada no fim da mística: “*Sem Terra medo não tem, pobre coragem possuem, quando a força mata Cem, vem Mil e substitui*”, da ideia de um novo círculo, de renovação constante. Vem parecer algo plantado pelos jovens para ser colhido no futuro.

Uma história nem tão “distante” do que foi retratada na mística do NB Maria Zezuíta, a juventude do estado do Maranhão e Tocantins apresentou *uma experiência não vivida, mas sentida nos dias atuais*. Ou seja, os atuantes que irão retratar o período Cívico Militar no Brasil não viveram os momentos de tortura, porém enquanto integrantes do movimento Sem Terra se sentem silenciados pelo governo do presidente Jair Bolsonaro que ataca constantemente o MST.

Buscar tal fato histórico nos faz dialogar com as ideias de Michael Pollak (2009), o “resgate coletivo das memórias”, isso no movimento é muito comum ser expressado na mística: tortura, massacres, revoluções etc. que de certo modo o MST, vivência isso ao tentar concretiza a reforma agrária hoje no Brasil. Nessa linha, Coelho (2017) afirma que o resgate das memórias vem de um “fenômeno construído historicamente, o Movimento se preocupa em edificar sua memória, ou construir sua “memória histórica”. A mística, enquanto um momento significativo acaba se tornando fundamental neste processo.

Manhã de 11 de Abril, a juventude dos estados do Maranhão e Tocantins se prepara para entrar em cena, embora a concepção de mística na regional amazônica começa pelo mistério, no que diz respeito: “Mística não se anuncia e nem se descreve antes ou depois da apresentação”. Os Jovens se reúnem para os últimos detalhes, com flores, sacos plásticos, tecidos, garrafas, baldes, cadeiras. Organizam o cenário para passar ao público jovem ali presente, o que eles só viram em filmes, livros ou mesmo pela boca de quem vivenciou o período entre 1964 a 1984. Testa o som, mudam a ideia proposta inicialmente por uma mais eficaz e em minutos os jovens montaram um paisagem com cenas de torturas que levou a todos vivenciar o período da

ditadura militar no Brasil. Eram cenas muitos reais: um homem introduzindo uma garrafa na vagina da mulher, um jovem no pau de arara, um homem sufocando uma mulher vestida de vermelho, com um saco plástico e do lado esquerdo do cenário, um pedido de socorro vindo de outro jovem que suspirava ofegante quando sua cabeça era retirada do balde com água. Uma jovem de cor negra entra em cena cantando a *música de Chico Buarque de Holanda - Cálice*³², e ao entoar a música, as cenas de tortura se concretizavam. Ao terminar a música entram dois homens com o corpo de uma garota franzina, suja de sangue, e a joga no chão, no som de fundo surge um depoimento de *Eny Moreira*³³ falando da morte de Aurora Maria Nascimento Furtado (estudante de psicologia da Universidade de São Paulo vítima da ditadura militar). Enquanto o depoimento arrancava lágrimas de quem assistia, a garota franzina ali no chão que representava Aurora era coberta com um pano branco e muitas flores amarelas por um casal jovem, após terminar de organizar o corpo de Aurora com flores, os dois jovens recitam um texto adaptado da Companhia de Teatro Estudo de Cena: “- *Isto não é um teatro. E Tempo após tempo nossos inimigos organizam contra nós a morte, o silêncio das tumbas, o apagamento da memória. Ainda hoje, ainda agora. Quando eu penso em Aurora, eu penso no futuro. Futuro me lembra resistência. (fazer a dinâmica com o elenco) E você, resistência te lembra o quê?*

- *Viveremos ainda na era dos grandes levantes! Veremos erguer-se sobre o mundo uma imensa revolta! Uma revoada! Será? Será mesmo que os torturadores, os guardiões do velho mundo permitirão ainda a ousadia dos gritos insurgentes?*

- *Alguém ousará ainda um punho erguido contra a ordem? Alguém ousará ainda erguer os punhos cerrados contra os senhores e os seus fuzis? Alguém? Um punho erguido?*

- *Nos atreveremos ainda a gritar nas ruas, a erguer nossos cartazes e conjurar a resistência? Quem se atreverá a gritar, do meio da multidão, as nossas palavras de ordem?*

Sim! Viveremos ainda na era dos grandes levantes!

³² Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/musica-calice-de-chico-buarque/>>. Acessado em 28 de Agosto de 2019.

³³ Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=qyFnYNVlhFo><https://www.culturagenial.com/musica-calice-de-chico-buarque/>>. Acessado em 28 de Agosto de 2019.

E assim com muita indignação todo elenco desfaz as cenas e ecoa em uma só voz...

Resistiremos!

Paira um ar de silêncio por um instante, um jovem puxa um forte grito de ordem: “Se calarmos, as Pedras gritarão”, para logo em seguida envolver todos no cantar do hino nacional do MST. (Apresentação Mística dos Estados Maranhão e Tocantins, 11 de Abril de 2019).

Foto 18 - Mística dos estados Maranhão e Tocantins



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

A meu ver, ao realizar uma encenação mística com tanta vivacidade, significa que o momento traz o medo do retrocesso, o perfil da juventude que encena a violência no período cívico militar é o mesmo que encenou o extermínio de jovens no cotidiano através da mística do NB Maria Zezuita. Posso concluir dizendo que o caráter da apresentação, se traduz em o que todos jovens Sem Terra dizem em uma só voz quando se fala em ditadura naquele espaço: “Antes que se esqueça, para que nunca mais aconteça”.

Isso nos faz lembrar que acontecimentos que marcam a história do Brasil, massacres como: Candelária, Cabanagem, Guerrilha do Araguaia, Ditadura militar etc. são lembrados através da encenação mística. *Símbolos* também são incorporados, foice, facão, bandeiras, produção de alimentos. Nesses elementos, também se incorporam os símbolos materiais

existente no espaço, como é de costume nas exibições utilizar do monumento das castanheiras, a casa da memória e a BR 155 como palco ou pano de fundo.

Na perspectiva de que a Mística ganha varias dimensões e sentidos, Aline Silva 21 anos, Militante do coletivo de Juventude e integrante do Coletivo de Cultura do MST, destaca a importância dos elementos místicos para denunciar os conflitos agrários e enfrentar “os que ameaçam os Sem Terra”.

As nossas intervenções (Mística) parecem minuciosas na visão de algumas pessoas, mas a gente dá o nosso recado, a parti da nossa música, da nossa poesia, a partir do momento que a gente recita uma poesia em um ambiente onde se tem latifundiário, empresários, a gente deixa nosso recado. A gente acredita que a luta não se faz só no enfrentamento, nas falas políticas, mas a partir das poesias, das músicas, essa parte que a gente faz né? Recitar uma poesia e olhar na cara de quem nos assassina. Podemos dizer assim. É forte e eles entendem que é com eles que a gente está falando. Quando a gente está na BR e recita *Senhores Barões da Terra*³⁴ eles sabem que é para eles. Não precisa de falas, só com nosso olhar, nossa música e nossa poesia a gente está dizendo que eles não vão nos calar e cada vez mais vamos lutar. (Aline Silva, 21 Anos, Entrevista concedida em 19 de Julho de 2019).

Partindo dessa premissa, a interlocutora deixa claro que as apresentações místicas perpassam por diversos conceitos, seja retratada para comemorar as conquistas, um embate, uma derrota etc. no espaço vivenciado pela juventude do MST se intensifica como elemento de enfrentamento. Observamos que é corriqueira a juventude sem terra se colocar no papel de denunciador através da mística, inclusive trazem fatos que ainda incomodam a história do Brasil, quando se fala de lutas e conflitos populares.

Esse espaço de denuncia que é a Curva do S, que não se restringe só em lembranças do que aconteceu, e nem só em citações através de falas, como destaca a porta voz, a linguagem artística incrementa esse método de transmitir a denuncia através da música, poesias, gestos e outros.

Vale ressaltar que o *desenvolver* das linguagens artísticas não se restringe a determinados indivíduos, perpassa pelo coletivo, desde o pensar até as realizações. Mas, isso implica uma preparação, dedicação e responsabilidade de alguns indivíduos para acompanhar esse espaço tão importante durante o acampamento, um dos papeis de toda militância jovem do MST cuidar dessa “arma cultural”.

³⁴ Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/poesias-de-reflexao/4989636>>. Acesso em 28 de agosto de 2019.

No que diz respeito às orientações e acompanhamentos dos momentos culturais, existe uma equipe responsável por acompanhar e planejar junto aos NBs, com ocupação de pensar tudo que pese ser relacionado a cultura: mística, ornamentação e animação. A equipe composta por um jovem de cada NB e dois coordenadores que compõem a Coordenação Política Pedagógica, Incluindo os entrevistados Jorge Luis e Aline Silva; essa coordenação entende que os momentos de acompanhamentos aos núcleos de base se dão de total importância para fortalecer a cultura sem terra e animação durante o acampamento.

Para além da mística que se coloca como um processo de arte agitadora no percurso do acampamento, um dos elementos que cativa a participação e possibilita a juventude se encontrar como seres propagadores da cultura sem terra, durante suas realizações, são as oficinas de Arte e Cultura, que são momentos artísticos no acampamento que se relacionam com a juventude através das diversas linguagens.

Em acesso à primeira programação do acampamento, percebi que as oficinas de Arte e Culturas são presentes na programação desde 2006. Durante o acampamento, em diálogo com Jorge Luís, 22 anos, dirigente da cultura do MST no estado do Tocantins, participa do acampamento desde 2015, enfatiza a importância dos espaços para as consolidações dos coletivos, para além do acampamento.

Os espaços de arte cultura, são espaços muito interessantes para chamar a juventude para se organizar, o que mais funciona ainda é através da vivência da arte, das linguagens artísticas que a gente consegue trazer a juventude (...) formação direta é uma das formas que consegue ativar a juventude, consegue agarrar mesmo a juventude e a juventude tem um desejo de continuar na luta do movimento (Jorge Luis, entrevista concedida em 15 de Abril de 2019).

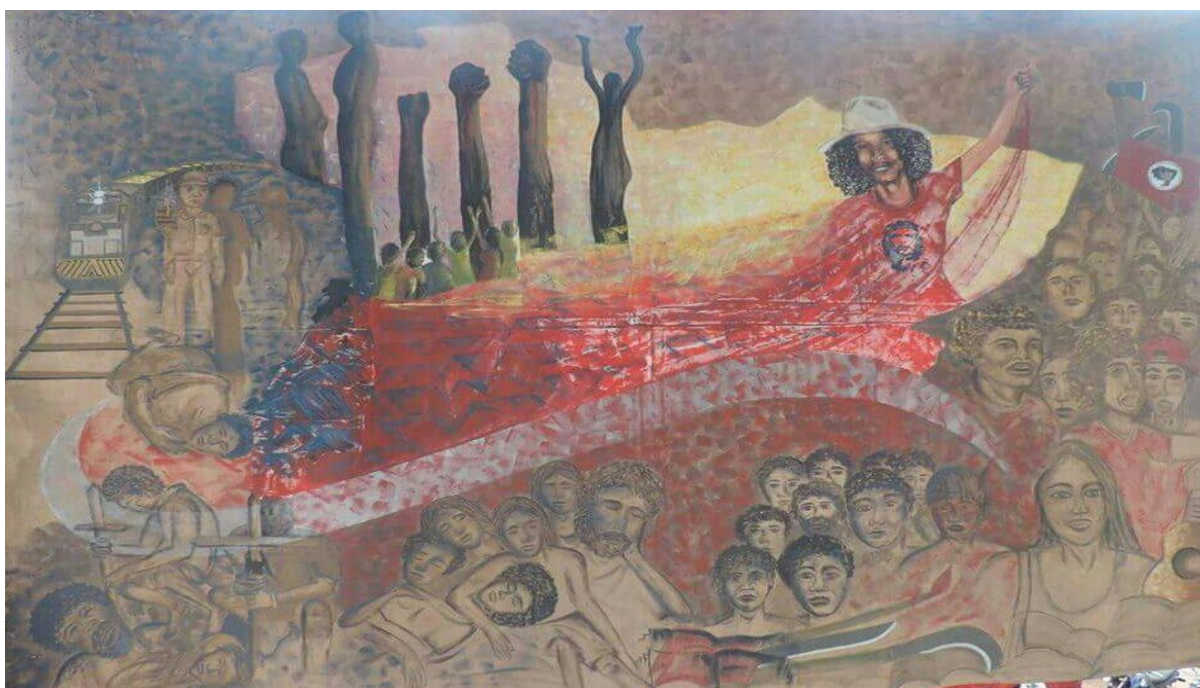
Percebe-se na fala do Militante, que a juventude se sente instigada a participar dos espaços do MST principalmente por conta dos espaços interativos que proporciona a cultura popular na perspectiva de fortalecer os coletivos de juventude fora do acampamento pedagógico, ou seja, o acampamento pedagógico da juventude Sem Terra é uma escola que produz cultura que cativa jovens para lutar e reivindicar seus direitos a partir da formação da consciência e artística.

A “formação direta” através das oficinas, geralmente ocupa três tardes da programação do acampamento e explora diversas linguagens, explorando um eixo temático. Para o MST (2016) “Em todas as edições é escolhido um tema para se trabalhar nos debates e uma atividade artística para se focar nas oficinas”.

Uma experiência histórica que se constitui em torno de uma temática, que o coletivo de juventude do MST cita na *Revista Formigueiro 1ª Ed. Ano 2017*. Esboça o experimento das oficinas em torno das artes plásticas ano de 2015, a experiência partiu da construção de materiais explorando as artes plásticas, que se idealizou na construção de um painel de 3x6 metros, pintado com a terra colhida da Curva do S.

O painel que retrata Oziel ainda em vida, empunhando a bandeira vermelha que ele respeitava e honrava quando militante, na ilustração, os jovens retratam o trem de ferro, na ideia de denunciar o saque das riquezas e o massacre de pessoas afetadas pela mineração e também através dos policiais atirando, para denunciar a violência no campo. Na perspectiva de luta permanente, eles também colocaram, na obra, sem-terra em luta permanente, livros, ferramentas e a bandeira sempre erguida.

Foto 19 - Painel construído na Oficina de Artes Plástica, 2015.



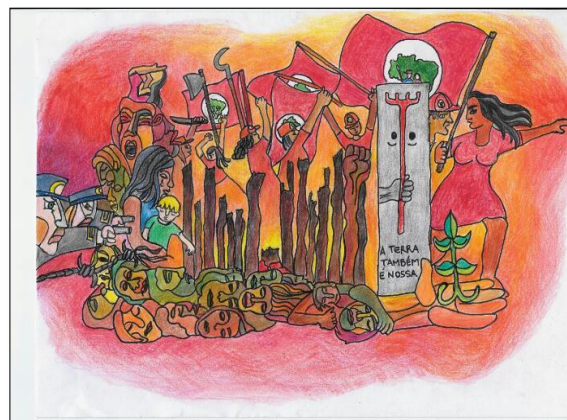
Fonte: Secretaria Estadual (2019)

A arte foi pensada pelo coletivo de militantes jovens do MST em auxílio da Brigada de Arte nacional do MST, que é formada por um coletivo que desenvolve o trabalho com as artes plásticas. Assim como na construção do painel as oficinas de arte e cultura se desenvolvem em um processo contínuo de três etapas: pensar, desenvolver e socializar.

Sobre as artes plásticas no acampamento pedagógico da juventude, parte essencial para trazer as simbolizações do movimento a partir da pintura, se fundamenta na estética do

espaço físico e da memória; ou seja, a construção das imagens idealizadas pela juventude baseadas ao acampamento se dá a partir de uma relação de construção absoluta. Observe as imagens a seguir.

Fotos 20 e 21 – Arte construída no acampamento (2011) e Arte construída para o acampamento (2016)



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Como vemos, as artes produzidas no contexto geral, seja a partir das vivências ou da memória, e se entrecruzam na perspectiva da relação espaço físico Curva do S. Observe a bandeira como uma das simbologias máxima do movimento, em ambas imagens sempre hasteada na perspectiva de luta.

A figura 20, construída pelo jovem Rafael do Assentamento Palmares II, participante do acampamento, traz uma segunda simbologia que representa o seu movimento de origem, a produção de alimentos, embora não tenham plantações na curva do S, apresenta o imaginário para enfatizar a importância da produção para o MST dentro dos acampamentos e assentamentos. Na figura 2, arquitetada pela Brigada de Artes do MST para os 20 anos do massacre de Eldorado, o coletivo faz um resgate do *Monumento Artístico Eldorado Memória* traçado por Oscar Niemeyer, em 1996, na ideia de denúncia à violência no campo representado por corpos no chão, mas também uma proposição do renascimento a partir plantação ao lado direito da imagem.

Assim, como já enfatizado os valores artísticos não se restringem a uma direção retilínea, cada ano as abordagens artísticas são exploradas de uma maneira diferente, o 14º acampamento (ano 2019) diferente dos anos anteriores, ganha outra dimensão por conta da conjuntura política nacional. As mudanças são notórias na programação, que implica na parte cultural.

Nessa direção, surge da necessidade de organizar um espaço para a juventude dialogar em torno da conjuntura política atual, para observar como os jovens se veem dentro dessa circunstância, que para as lideranças do MST, estamos vivendo uma ascensão do conservadorismo de direita e a perseguição aos direitos pela reforma agrária e posse da terra, sobretudo, um período de ameaça constante ao MST.

Fotos 22 e 23 - Materiais para a oficina e Resultado da oficina (2019).



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

A *Oficina Recortando e Colando a Realidade Brasileira*, buscou abranger a conjuntura política atual com o campo da arte. Com papel, tecido, notícias de jornais, cola, tesoura, TNT, tinta guache, jornais e outros materiais, a juventude do MST arquitetou após uma roda de confabulação sobre a situação política, uma espécie de painel com as realidades vividas em cada território.

O primeiro momento da oficina se deu na parte teórica, as educadoras fizeram uma esplanada do papel da arte na luta por direitos, conciliando com a análise de conjuntura realizada no período da manhã na programação. Posterior a isso, foram disponibilizados materiais pedagógicos para os jovens nos núcleos de base, e 40 minutos para os jovens leem as notícias dos jornais disponibilizados e idealizar o painel a partir das discussões nos grupos. Por fim, cada grupo expos seu painel no centro da plenária e cada grupo trouxe a discussão feita no grupo para os demais, exibindo suas artes pensadas na coletividade.

Assim, a estratégia de aprendizado no momento de Arte e Cultura, que buscou comunicação direta com criatividade e percepção dos jovens em analisar a conjuntura, também em conciliação com a dimensão artística para projetar para a sociedade, o que foi construída a partir da visão de cada núcleo de base.

Percebi durante a realização da oficina que a juventude se coloca dentro dessa história brasileira “recortada”, muitos preocupados com o futuro dessa construção histórica de

geração para geração dentro do MST. Nas falas de socializações observei reocupação em torno da educação, cultura, reforma agrária e pela soberania dos povos do campo como é a temática oficial do acampamento.

Um espaço não menos importante do acampamento, se concretiza pelo seu diálogo com as artes formativas, literalmente essa formação harmonizada que desperta o ser artístico dos jovens, também desperta o ser militante dos jovens que extrapola o espaço da timidez.

Jorge Luis (2019) enfatiza que:

Esse é um espaço de base que organiza a juventude, esse é um espaço que faz as pessoas sentir mais uma responsabilidade. Os que estão participando nas oficinas, a gente vê que conseguem ter mais a liberdade e a gente começa meio que quebrar a vergonha, aprender um pouco a se posicionar e a pessoa passa a ter coragem até de puxar uma palavra de ordem por exemplo (Jorge Luís, 21 anos MST Tocantins).

Na visão do entrevistado as oficinas também assumem um papel significativo na perda da timidez, contribuindo para a juventude saber se posicionar em determinado espaço. Embora essa Juventude se identifica dentro das oficinas como sujeitos na construção das linguagens, percebemos que uma oficina sobre a realidade brasileira, foi suma importância para os jovens se colocarem como sujeitos que contestam as engrenagens políticas que assolam o país.

Os resultados alcançados com essas atividades não ficam internalizadas no acampamento, o método que o MST usa para cativar a sociedade, a ter outra visão do movimento, é através da propaganda, que nos ditos dos militantes, essa prática de socialização dos fatos sociais através da arte, chame-se Agitação e Propaganda³⁵. Ou seja, a juventude do MST usa os princípios Russo para propagandear os princípios do Sem Terra. Esse espaço de propagandear para a sociedade em geral é através da voz, corpo, da mídia e do palco a céu aberto Curva do S.

Clívia Regina, 43 anos, Educadora e Militante do MST, considera que o espaço de 1996 não é o mesmo de hoje devido o potencial da juventude do MST.

Aqueles 19 minutos ali são expressões, são protestos, são expressões da Juventude que faz fala, que faz intervenções artísticas culturais, então aquele é um espaço assim, muito importante, muito belo também, que transmite esse vigor que a juventude tem em transformar aquilo que foi um palco do

³⁵ “A agitação e propaganda é um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos de transformação social”. (Levante Popular- MG). Disponível em <<https://levantedajuventudemg.wordpress.com/agitprop-2/>> acesso em 28 de Agosto de 2019.

massacre, que foi uma vergonha, em um espaço belo, místico e de denúncia (Clívia Regina, entrevista concedida em 10 de Maio).

A Militante (Clívia), bem como outros organizadores do acampamento, considera o potencial de fala dos jovens militantes e as socializações artísticas desenvolvidas por eles, durante o ato das 17h caracteriza a curva do S um novo espaço em contraposição ao passado.

Importante ressaltar que o público que presencia essas socializações das oficinas são de diferentes lugares e com diferentes ideologias. Percebe-se claramente conflitos entre pessoas que esperavam o bloqueio ser liberado pelos jovens do MST, a inquietação por parte dos caminhoneiros, motoristas de transporte alternativo, e afrontamento por parte da polícia que a todo custo avança para ultrapassar o bloqueio. Isso nos leva a conclusão, do que é belo e místico para o movimento pode ser incomodo para outras pessoas.

Com isso Aline Silva coloca a importância das oficinas na grade pedagógica, como é importante a externalização das práticas para a sociedade.

A oficina tem o papel de como se fosse a aula prática daquilo que aconteceu nos dias de teoria, um pouco exercitar o que tem dentro da juventude, mostrar a teoria para a prática, isso serve até para fortalecer o ato político das cinco horas, então se os jovens fizeram oficinas de teatro eles vão apresentar no ato da pista em forma de apresentar nosso projeto (Aline Silva, 21 Anos, Entrevista concedida em 19 de Julho de 2019).

Para a coordenação pedagógica essa influência mútua através das artes que resumiu em uma tarde, contemplou o significado das oficinas, os demais dias que eram oficinas se perpetuou em reuniões, rodas de conversas, e uma explanação sobre o contexto histórico do acampamento. A meu ver de pesquisador e participante, percebo que há necessidade de incorporar novas práticas, que não tirem a simbologia das oficinas de arte e cultura que exploram diversas linguagens, mas oficinas que são iminentes para contemplar o período de cada acampamento. Por exemplo: oficinas de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), ou de autodefesa, para a juventude se apropriar de instrumentos que proporcionem o embate nos meios comunicativos ou meios de defesas. Não deixando o simbólico de lado e as manifestações artísticas que também são essenciais para a interação e desenvolvimento da juventude do campo.

Os momentos que dizem respeito *arte e cultura*, especificamente explorando o campo artístico do teatro, danças, capoeira, grafite, artes plásticas etc. são contemplados dentro da programação e percebe-se que essas práticas acontecem espontaneamente, de

acordo com os espaços que vão se desenhando cotidianamente dentro dos sete dias de atividades.

3.1.2. Noites Culturais:

No Acampamento Pedagógico, onde os dias e noites são curtos para tanta disposição da juventude, as atividades culturais, assim como outras atividades, tem início, meio e fim. A animação dos jovens para uma boa noite de debate na sessão de cinema, ou na festa que se inicia às 18 horas com animação, faz cada jovem pegar seu par e celebrar São João, ainda no mês de abril, na Quadrilha Junina Só Capim Canela, que termina meia noite com o 17º Tempo Educativo “Silêncio”. Nesse momento todos os jovens se recolhem, menos a equipe que faz a segurança deles.

Assim, como já enfatizado em outros momentos, as noites culturais são muito ativas, isso permite que a juventude que está em constante atividade didática durante o dia possa se conectar com os momentos interativos, artísticos que rasgam a noite. Vale ressaltar que essas noites de interação não se restringem apenas à festas e brincadeiras.

As dinâmicas que adentram o ambiente noturno estabelecem a formação através das linguagens artísticas, e exploram campos que fortalecem a luta contra a indústria cultural, que restringe a cultura à classe baixa e exalta os meios artísticos a quem tem poder aquisitivo. Ou seja, uma cultura na perspectiva burguesa e outros dilemas que marcam o cotidiano da juventude hoje.

Os ambientes muito bem planejados fortalecem a intelectualidade dos jovens através da boa música, da leitura e de filmes. Os espaços noturnos buscam propor a diversão entre a juventude, mas também abrangem debates que são proeminentes para a mesma. Por exemplo, a distribuição de preservativos para a prevenção de doenças sexuais e a restrição a bebidas alcoólicas, que dentro do acampamento só é permitida nas noites culturais envolvendo o debate entorno do uso de drogas ilícitas.

As principais atividades culturais desenvolvidas nas noites do acampamento podem ser sintetizadas a partir dos pontos abaixo:

Quadrilha Junina Só Capim Canela: A Quadrilha Junina Só Capim Canela é criada em 2014, quando no fim do ato das 17 horas foi tocada no som do acampamento música junina. Os jovens de forma espontânea formaram pares e começaram a dançar os passos propostos pelo casal de noivos puxadores. Após o ato na pista, o momento é destinado a uma interação entre os jovens a partir do afeto, sendo que não têm pares e nem passos

específicos, nem colocação de sexo. O que mais se vê são pessoas do mesmo sexo se divertindo com a quadrilha junina;

Noite cultural: Os shows, que não acontecem por acaso dentro da programação do acampamento pedagógico, surgem sempre na culminância de algum espaço temático (Sarau literário, Cinema, Noite socialista, vigília etc.) e tem como fundamental papel a formação a partir da música e interação cultural. Esse espaço também é de suma importância para a construção de relação com os artistas externos ao MST. Muitos shows são de pessoas que se identificam com as causas do movimento e vem fazer seu trabalho através da simpatia com a causa;

Sarau Literário: Durante o acampamento uma noite é destinada ao sarau, que parte ao lado da literatura, para dar ênfase aos momentos de leitura, partindo dos princípios culturais da Biblioteca Paulo Freire existente no acampamento. Muito destinado a música, poesias e cordéis, o sarau é pensado pela equipe de cultura, e se formaliza em uma troca de experiência literária entre a juventude. Didaticamente nesse espaço é pensado para a interação entre os jovens do NB. Gessica Veloso, Coordenadora do NB Maria Zezuíta, destaca quão importante é o espaço para proporcionar o ato criativo no coletivo. “No sarau a gente faz nossos poemas [...] e foi muito interessante porque logo surgem ideias também sugeriram temas para gente, fomos fazendo nos poemas poesias e é muito interessante porque nos possibilita os nossos sentimentos fluírem e fazer proclamar poesia” (Gessica Veloso 15 de Abril de 2019).

Assim como destaca a jovem (Gessica), o sarau literário é uma prática que estimula a criação e a recitação de poesias, crônicas, cordéis entre outras linguagens que abrangem a literatura. Durante o sarau, são expostos livros e varais de poesias para os jovens disporem a recitar, e no final é costume a atração principal ser de música ao vivo;

Fia Cinefront: Um evento preparado pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (Proex) e Faculdade de Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. O cinema ocupa três noites da programação e três filmes que “abordam a realidade de regiões consideradas de fronteiras, como a Amazônia”. As sessões de filmes documentários curtos trazem aspectos da região e contam com a presença de um mediador que domina o debate central proposto durante a sessão.

Portanto, as programações do cinema na Curva do S acontecem de forma que os filmes proporcionem um debate em plenária. Assim exponho os filmes exibidos durante as sessões: Em 13 de Abril de 2019 às 20h foi exibido o filme “*Bandeiras Verdes*”, que retratava o processo de grilagem de terras na região pré-amazônica, abordando também o papel do

latifúndio no ato de grilagem e a migração no estado do Maranhão; no dia seguinte (14) no mesmo horário foi exibido o *filme “A Lenda da Terra Dourada”*, o documentário abordou a temática do trabalho escravo no sul e sudeste do Pará e como se dá o combate a esse tipo de crime; e no dia 15 de Abril o *filme “Manu: essa história não é minha só”* que contou a história de vida do ativista Manu e seu trabalho realizado na CPT na região, encerrando a sessão do Cine da edição do acampamento.

Já em sua 5ª edição, o Cinema de Fronteira leva para o acampamento pedagógico filmes que demonstram a luta pela terra na Amazônia e homenageia a Comissão Pastoral da Terra – CPT pelo trabalho desenvolvido com os trabalhadores nessa região que é vista como conflituosa;

Jornada Socialista: As jornadas socialistas têm um papel fundamental para colocar a juventude em contato à temática do socialismo, princípio que o movimento prega em todos seus espaços. As jornadas organizadas pelos jovens trazem através da mística as lutas populares em torno das lutas sociais na Amazônia: Guerrilha do Araguaia, Cabanagem. O que marca esse momento ao nome que é dado a ele é a intervenção inicial que acontece sob o cunho de uma enorme mística que encena um determinado fato escolhido. As músicas que caracteriza a noite dançante também são escolhidas com o propósito de dar ênfase a temática proposta;

Vigília: Entranhado na cultura memorial dos jovens que ali permeiam, o dia 16 se torna um dos dias mais reflexivos para quem carrega esse legado. A vigília denominada “*Aos nossos mortos nenhum minuto de silêncio, mas toda uma vida de lutas*”, marca o encerramento do acampamento. O momento também é marcado pela preparação, tanto da despedida dos “companheiros” quanto da chuva forte que cai sobre o acampamento. Que segundo relatos de jovens, através da mística a emoção e a sensação de despedida daqueles que lutaram e tombaram, é reforçada no sentido dado pelas tempestades que atingem o acampamento, dando a impressão de limpeza do chão, renovação das forças, assim como em 17 de abril de 1996, após o massacre, uma forte chuva caiu sobre a rodovia, lavando o sangue dos 19 assassinados e 69 mutilados.

Assim, elenco os momentos de arte e cultura que contempla as noites que rondam o acampamento, com o intuito de demonstrar a fundamental importância das noites na formação artística e intelectual dos jovens do MST. Posso dizer que o crepúsculo ecoa como processo de inspiração para os futuros militantes, e elevam a capacidade de demonstrar o papel da arte através de diversas linguagens que inspiram o dom da construção militante.

Ainda dentre os elementos que constroem o MST e a Juventude sem-terra, não poderia fechar meu raciocínio sem citar dois espaços que no meu ponto de vista é fundamental da expectativa de construção e desconstrução dos sujeitos jovens que permeiam aquele espaço...

3.1.3. Biblioteca Antonio Candido

O espaço assume uma ação de construção dos jovens do MST a partir da leitura. A biblioteca possui diferentes exemplares literários que possibilita aos jovens fazerem uma junção do mundo teórico com a prática, pelo contato com diferentes gêneros literários: poesias, músicas, contos entre outros que fazem parte do acervo.

A partir de conversas informais, descobri que as práticas de leitura vem sendo exercida pelos militantes desde o primeiro acampamento pedagógico a partir das rodas de leituras. Portanto, parte do incentivo da biblioteca, a constituição dos momentos de leitura que acontecem nos primeiros horários da manhã, e a exposição dos livros ficam durante todo o acampamento.

Clívia, Educadora do MST, sempre participou dos espaços literários dentro do acampamento e para ela, “levar isso para a juventude é renovador”. Em suas palavras ela destaca um acontecido que reafirma a importância desse espaço para aglutinar a vida militante dos jovens e complementar os momentos de arte e cultura: “a literatura é uma arma”, que está sempre nas mãos dos militantes.

A educadora também coloca que, mesmo antes, sem condições de obter livros para proporcionar à juventude, o trabalho militante era imprimir e levar até aos jovens a leitura. Hoje isso já se configura de um modo diferente.

Tem um ex-aluno do ensino médio que hoje está no IF, que é o Henrique, eu não esqueço a primeira vez que ele foi para o acampamento: ele não participou do acampamento, mas chegou no dia 17 e aí ele ganhou um livro, não sei como foi, mas ele ganhou um livro, esse menino ficou tão maravilhado por que ele nunca tinha ganhado um livro, nossa foi emocionante. Então assim esse espaço, que não é só um espaço de denúncia, mas é esse contato para as várias linguagens: é a arte, o teatro, as oficinas de dança é a parte da construção da poesia (Clívia Regina, entrevista concedida em 10 de Maio).

Hoje, a facilidade de adquirir materiais literários para o acampamento pedagógico, permite uma interação dos integrantes com o mundo da leitura dentro da biblioteca improvisada que tem centenas de exemplares com diversos gêneros que complementa a

formação das linguagens que a militante cita. Maria Raimunda, Dirigente do Movimento defende a tese embasada no pensamento Freiriano que o ato de ler é disputa.

Temos que entender Paulo Freire, quando ele disse que “ouvir é diferente de escutar”, escutar é um ato muito complexo que compreende um diálogo entre quem fala e quem escuta, mediado pela sua experiência de vida, mediado pelo que você sabe, pelo aquilo que você viveu, ou pelo aquilo que você leu. Então isso é disputa. (Maria Raimunda, Palestra dia 15 de Abril de 2019).

No ponto de vista da literatura de Antônio Cândido, Julia Iara, 26 anos, coordenação do MST no Maranhão, enfatiza durante sua fala que no momento leitura as pessoas se formam com as práticas de leitura mediada por vivências:

É intencional delegar à classe trabalhadora aquilo que é oral. Por que quando você sabe ler, quando você tem capacidade de ler aquilo que outros passam, inclusive esse grande bem universal que é a humanidade construiu, você abre a mente na perspectiva de absorver conhecimento social. A literatura tem uma tarefa que humaniza e inclusive de conferir uma integridade física, intelectual, na ideia da nossa mente, nosso pensamento, do bem viver. (Julia Iara, Palestra dia 13 de Abril de 2019).

Observamos que tanto a fala da interlocutora 1 quanto a 2, coloca a importância do ato de ler na visão de dois autores que o MST sustenta seus princípios. Para elas, isso estabelece uma conexão com o mundo de suas vivências. Na visão de dentro do acampamento, abandonar tal prática que complementa a formação do militante é deixar de formar cidadão consciente que estabeleça um olhar amplo das coisas.

3.1.4. Diversidade, arte e Cultura.

Portanto, sabemos que quem produz a cultura é o corpo, o tempo, as pessoas. Não poderia deixar de colocar como os sujeitos LGBTs do acampamento, utilizam do espaço para se colocarem como sujeitos empoderados na sociedade.

Ao debater a luta pela terra e a reforma agrária popular hoje, dizendo que os homens e mulheres são protagonistas dessa construção, estaríamos ferindo a integridades dos sujeitos LGBTs Sem Terra que vem se fortalecendo nas instâncias do movimento. É um debate recente dentro do MST, mas desde 2015 com o seminário nacional dos LGBTs Sem Terra que aconteceu em São Paulo, que os LGBTs vêm se colocando sujeitos ativos na construção da Reforma Agrária Popular.

O acampamento pedagógico vem aprofundando o debate em torno desse público desde 2017, com a primeira roda de conversa LGBT, que teve por objetivo promover uma

discussão em torno do papel desses indivíduos na reforma agrária popular. Porém o debate do cuidado com o corpo, gênero e da diversidade sexual permearam os espaços do acampamento.

Foto 24 – Roda de conversa LGBT



Fonte: Arquivo Pessoal (2015)

À esquerda, o Entrevistado Jorge Luís, LBGT do estado do Tocantins, participa da construção das rodas de conversa da diversidade sexual dentro do acampamento, e fortalece o discurso LGBT dentro da construção das linguagens artísticas.

Segundo o entrevistado (Jorge) o acampamento acontece, como espaço de acolhida para a diversidade, e acomoda os sujeitos criminalizados em espaços da sociedade.

Todo acampamento contribui para o empoderamento das pessoas, empoderamento e do respeito uns aos outros, e o importe é amar as pessoas, independentemente de cor, raça, orientação sexual, e aqui é muito forte o empoderamento da juventude negra e das LBGTs, por que aqui a gente consegue se libertar das coisas (...) os jovens se sentem bem aqui e com o passar do tempo a gente começa a soltar nossas cores aí.

Importante ressaltar que o debate em torno da construção das linguagens artísticas se dá na constituição das performances: recitação de poesias e músicas que representam a diversidade. Embora o debate da diversidade sexual dentro do MST seja algo recente, as construções das linguagens e a desenvoltura gay se dá também partir de uma perspectiva Drag. Jorge Luis, vulgo Mafalda Babaçu, tira proveito do espaço e do corpo para se

manifestar a partir da arte. Isso abrange aspectos para além da expressão artística, é uma linha de construção da sua própria identidade cultural.

Castells (2000), deixa claro que toda e qualquer identidade é resultante de uma construção, que tem como objetivo organizar significados que se mantenham ao longo do tempo. Embora, a identidade sexual de vários jovens ainda não se afirme dentro dos acampamentos e assentamentos por conta do preconceito, o acampamento pedagógico tem um papel importante, para fortalecer o processo formativo de desconstrução do sujeito no sentido do corpo. Ou seja, se desconstruir da visão patriarcal, ainda muito forte dentro de casa e de seus locais de moradia. E por outro lado se construir ideologicamente dentro dos princípios do MST, já aprendendo o papel dos LGBTs Sem Terra dentro do seu contexto social.

Fazer tal abordagem dentro da temática Cultura e Arte é um desafio na perspectiva de que o enfoque é raso, e precisa ser aprofundado para ser entendido como esses sujeitos de fato se colocam dentro do contexto da luta pela terra no aspecto da Reforma Agrária Popular. Que poderia inclusive ser aprofundado nos debates sobre qual o papel desses sujeitos na construção das linguagens dentro do acampamento pedagógico; porque esses sujeitos estão sempre em movimento e assumindo papéis importantes na construção da estética do MST.

Por fim, não seria uma reflexão sobre as práticas culturais desenvolvidas pela juventude do MST, se não trouxesse os dois elementos mais explorados nos processos de arte e cultura realizados na Curva do S.

O hino nacional do MST, assim como a bandeira são os elementos mais utilizados durante o acampamento. Os símbolos que representam a identidade dos jovens sem-terra estão presentes em todos os lugares e espaços, nas místicas, no alvorecer, nas noites culturais, ou seja, são elementos imprescindíveis para a construção e afirmação da identidade cultural.

Hino Nacional do MST

(Ademar Bogo)

Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Vem, lutemos punho erguido
Nossa força nos leva a edificar
Nossa pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Braço erguido ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Nossa força resgatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

Escrito por Ademar Bogo
São Paulo - 1989



Bandeira do MST - Institucionalização em 1987

Considerações Finais

A visão cultural ponderada dentro do Acampamento Pedagógico Oziel Alves Pereira não termina sua pesquisa por aqui. Embora a pesquisa tem por objetivo fazer uma análise a partir da compreensão das linguagens artísticas embasadas dentro do acampamento. Há uma necessidade de análise mais aprofundadas sobre o acampamento e seus significados para as juventudes participantes. A pesquisa, portanto, possibilitou um breve apanhado da organicidade dos jovens e como se dá realização dos momentos culturais no local pesquisado.

Vivenciar as práticas de arte cultura no acampamento pedagógico para a juventude do movimento sem terra em sua virtude é vivenciar espaços que não existiam no MST na década de 1990. Isso explicita uma conquista significativa para a juventude do movimento, para potencialização dos grupos de jovens dentro dos acampamentos e assentamentos do MST. Os espaços construídos assim como o acampamento pedagógico a partir dos anos 2000, possibilita uma ampla formação de quadros no MST a partir do alargamento da formação dos jovens e da criação dos coletivos de juventude nos territórios do movimento a partir de 2006.

As linguagens artísticas e a pedagogia do Movimento estabelecem um papel fundamental para a construção da militância jovem atuantes hoje, na realização do importante espaço realizado pelo MST. Entretanto, a criação do acampamento é uma estratégia para pautar a Reforma agrária, o desenvolvimento dos acampamentos e assentamentos e a formação dos povos do campo.

Estudar a Cultura e Arte como instrumentos que materializam significados para jovens militantes. Possibilita-nos visualizar o papel desses sujeitos com as linguagens para formação do novo movimento sem terra, que se constrói nos processos orgânicos coletivos, aguçando a sensibilidade criadora dos jovens a partir do contato com terra e a arte almejando [...] “uma cultura que se manifesta e se transforma em consciência social através da prática cotidiana destas manifestações, se preocupando em desenvolver aspectos para aperfeiçoar a construção de nossa identidade social” (Coletivo..., 2005, p. 11).

Analiso como os jovens do MST do Pará realizam as atividades culturais a partir da troca de experiência com as Juventudes dos Estados do Maranhão, Tocantins, de outros movimentos da cidade e instituições que utilizam o espaço como objeto de vivência. Essa troca se dá através da recitação de poesias, músicas; danças típicas etc.

Além de estudar os eixos *Cultura e Arte* para enfatizar os momentos culturais desenvolvidos pela juventude para complementar a formação dos mesmos, o estudo reconheceu que as linguagens artísticas transformam-se numa “arma” nas mãos da juventude,

que usa o eixo tanto para denunciar a impunidade da violência no campo quanto para celebrar o novo, e, por fim, o desenho feito mostra que a partir do contato dos jovens com a formação ideológica, política e cultural realizada na curva do S com os princípios do MST, resulta num acúmulo formativo aos jovens que possibilita fortalecer a luta pela terra.

Percebe-se que o espaço é um complemento para a formação cultural da juventude do MST, onde os jovens estão em constante formação, são nos seus locais de moradias. Nas entrevistas, percebemos claramente através dos relatos das entrevistadas, qual a importância dos espaços edificados para a organicidade dos jovens nos três estados participantes. Nos espaços pesquisados, compreendi que a expectativa do Movimento é formar a juventude para ocupar espaços importantes, como as universidades, direções de acampamentos e outros. Nessa perspectiva formativa dos jovens, vem o desafio do MST em formar seu povo para combater a cultura produzida pelo capitalismo.

O acampamento pedagógico assume um papel que desmistificar, o que é colocado para a juventude hoje, a propaganda feita pelas grandes mídias sobre o perfil da juventude: usar roupa de marca, um celular do ano, ir morar na cidade para ter acesso a educação e cultura; essa lógica é desconstruída a partir do contato da juventude com sua tradição, a partir de quando a juventude começa a entender seu local e a importância dele para construção de uma história. Portanto, o MST propõe que os sujeitos podem ter acesso a esses bens a partir da sua organicidade e construções coletivas nos acampamentos e assentamento: o contato com as músicas, as místicas, o trabalho etc. fazem eles se reconhecerem enquanto seres culturais construtores de uma história trazida pelos seus antepassados.

Entretanto, há um desafio muito grande para o MST manter participação massiva no acampamento, colocar a juventude em constante formação para permanências dos espaços e da luta em prol da reforma agrária no Pará. Percebemos o quanto a juventude do MST está se distanciando das atividades proporcionadas a formação política e acadêmica; o acampamento pedagógico por exemplo, teve uma baixa significativa na participação dos jovens esse ano referente aos anos anteriores. Assim como desafio não só para organizar a juventude, o MST no Pará também tem como tarefa reorganizar sua base para que outros sujeitos perpassem por esse processo: acampar, trabalhar, estudar e lutar pelas linhas políticas que o Movimento propõe aos trabalhadores.

Portanto, essa pesquisa não se limita em uma breve análise como essa, entendo que falar de cultura e movimento social, é um desafio que para quem busca entendê-los porque são elementos constituídos de significados e dinâmicas que estão em constante transformação

assim como os sujeitos que os compõem. Assim, deixamos em aberto a continuidade da pesquisa, merecendo aprofundamento em temáticas relevantes a ser compreendida, por exemplo: qual principal objetivo dos tempos educativos? Buscar compreender de fato como a juventude se vê na luta pela terra a partir de seu contato com a curva do S; e desenvolver estudos aprofundados de como a diversidade sexual é abordada dentro do acampamento e para fora dele, ou seja, quais as trajetórias dos LGBTs após o contato com a formação política desenvolvidas na curva do S, sobre a diversidade sexual? Entre outras questões que merecem instigar pesquisadores a dar continuidade nesse trabalho...

Referências Bibliográficas

ANJOS, Maura Pereira. Histórias de vida de educadores: elementos para formação na Educação do Campo. In Práticas contra-hegemônicas na formação de educadores: reflexões a partir do curso de Licenciatura em Educação do Campo do sul e sudeste do Pará. **Idelma Santiago da Silva, Haroldo de Souza, Nilsa Brito Ribeiro (Orgs.). Brasília: MDA, 2014.**

APARECIDA, Martins, Suely. **A formação política da juventude do movimento sem-terra no estado do Paraná.** Tese de Doutorado em Sociologia Política. Florianópolis, SC, 2009.

BARBOSA, Ana Mãe. **A imagem no ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos.** 7. Ed. Ver. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOGO, Ademar; PIZETTA, Adelar João; TROCATE, Charles. **Oziel e a Juventude do MST. Setor de Formação MST – Pará,** 2006.

_____. Mística. In. CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRANDÃO, C.R. (1984). **A participação da pesquisa no trabalho popular.** In: Brandão, C.R. (Org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, p.223-252.

BRASIL DE FATO. **20 anos do massacre: Acampamento em Eldorado dos Carajás debate novas lutas.** SINPRO, Campinas-SP. 18 de Abr. 2016. > <http://www.sinprocampinas.org.br/noticias/noticias/20-anos-do-massacre-acampamento-em-eldorado-dos-carajas-debate-novas-lutas/> > acesso em 27 de Jun. de 2019.

BRITO FILHO, Glauco. **As experiências do MST na organização de assentamentos rurais no estado do Pará.** Marabá 2006.

BRITO, Gisele, **20 anos do massacre: Acampamento em Eldorado dos Carajás debate novas lutas.** BRASIL DE FATO, São Paulo, 17 de Abr. 2016. Disponível em ><https://www.brasildefato.com.br/2016/04/17/acampamento-em-eldorado-dos-carajas-homenageia-mortos-e-debate-as-novas-lutas/> > Acesso em: 03 de Jul. de 2019.

CALDART, Roseli Salete. (org.) **Caminhos para a transformação da escola: reflexões desde práticas da Licenciatura em Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo.** ESTUDOS AVANÇADOS 15 (43), 2001.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Sem Terra com poesia: a arte de recriar história.** São Paulo: Expressão Popular, 2017.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530 p.

CASTRO, Elisa Guaraná. **JUVENTUDE RURAL, DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS: a primeira geração jovem dos movimentos sociais no Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude**. *Política & Trabalho*, n. 45, 2016.

COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a construção de uma memória histórica no MST**. *História Revista*, 2017, 22.1: 119-138.

COLETIVO de Cultura do MST. **Ensaio sobre Arte e Cultura na Formação. Rede Cultural da Terra – caderno das artes**. São Paulo: Anca, 2005.

COSTA, Gabriela M.C.; GUALDA, Dulce M.R. **Antropologia, etnografia e narrativa: caminhos que se cruzam na compreensão do processo saúde–doença**. *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, n.4, out.-dez. 2010, p.925-937.

DE LIMA, Carla Martins Henrique et al. **Jovens em movimento (s). Como se formam os sujeitos do campo?**, p. 99, 2006.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Uma história da vida rural no Brasil**. Ediouro Publicações, 2006.

DIOGO, A.; ESTEVAM, D.; STÉDILE, M. E. **A gente cultiva a terra e ela cultiva a gente**. 30 anos do MST In MST (Ed.), *Construção coletiva da turma de História ITERRA/UFFS. Veranópolis, Brasil: Instituto de Educación Josué de Castro*, 2014.

FERNANDES. & MOLINA, Mônica Castagna. **O campo da educação do campo**. Disponível: <http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/ArtigoMonicaBernardoEC5.pdf> consultado em 16 de maio de 2019.

_____. & STEDILE, J. P. (1999). **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil** - 2. ed. - São Paulo: *Expressão Popular, coedição Fundação Perseu Abramo*, 2012.

_____. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. In: *Dicionário da Educação do Campo*. CALDART, Roseli et. al. (org.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. *Expressão Popular*, 2012, pp. 496-500

_____. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

FILHO, G. B. **As experiências do MST na organização de assentamentos rurais no estado do Pará**. Marabá: 2006. (mimeo.)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GOMES, Maria Suely Ferreira. **Construção da organicidade no MST: a experiência do Assentamento 26 de Março - Pará, 2009**. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Educação), Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande.

GUERRA, Armando Denis. **O Posseiro da Fronteira: campesinato e sindicalismo no Sudeste Paraense**. Belém: UFPA/NAEA, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. 410 p. (Humanitas)

HÉBETTE, Jean; ACEVEDO, Rosa. **Colonização pra quem?** Belém: UFPA/NAIA, 1979.

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In: *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984. p. 21-62.

HIPER, Cultura. **Serra Pelada: história e fotos do maior garimpo a céu aberto do mundo**. Disponível em < <https://www.hipercultura.com/serra-pelada-historia-e-fotos/> > acesso em 15 de Dez. de 2019.

KOLLING, Edgar Jorge; VARGAS, Maria Cristina; CALDART, Roseli Salette. MST e Educação. **Dicionário da Educação do Campo**. Caldart, Roseli S.; Pereira, Isabel B, p. 500-507, 2012.

LÖWY, Michel. **A guerra dos deuses - religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAKARENKO, Anton, G. N. Filonov; Carlos Bauer, Ester Buffa (orgs.). – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MALHEIRO, Bruno; RIBEIRO, Beatriz. **Contexto, texto e intertexto: abrindo as perspectivas do olhar sobre a Educação do Campo**. In *Práticas contra-hegemônicas na formação de educadores: reflexões a partir do curso de Licenciatura em Educação do Campo do sul e sudeste do Pará*. Idelma Santiago da Silva, Haroldo de Souza, Nilsa Brito Ribeiro (Orgs.). Brasília: MDA, 2014.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. *Rio de Janeiro: UERJ*, 2001, 4-18.

MARINHO, Dalcione Lima. **Rompendo cercas e construindo saberes: a juventude na construção da educação profissional do campo no Sudeste do Pará**. Recife: Imprima, 2016.

MIRANDA, R. Rego. **(Contra) Hegemonia e território do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no sudeste paraense**. Tese de Doutorado, São Paulo, 2017.

MITTELMAN, T. (2006). **A arte no Coletivo de Cultura do MST (1996-2006)** (Doctoral dissertation, Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFF–Curso de Pós-Graduação em História).

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. Expressão Popular, 2001.

MOVIMENTO, DOSTRSEM. **"Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1990-2001."** São Paulo: Setor de Educação do MST, 2005f. (*Caderno de Educação, n. 13*). Edição especial (2005).

_____. **Cultura e Reforma Agrária Popular**. São Paulo: Coletivo Nacional de Cultura, 2018, (Caderno de Cultura, n. 01). Edição especial (2018).

_____. **Documento interno**. Marabá, 2015.

_____. **Manual de organização dos núcleos**. São Paulo: 1992.

_____. **Normas Gerais e Precipícios Organizativos do MST**. São Paulo: 2016.

NEPOMUCENO, Eric. **O massacre: Eldorado do Carajás: uma história de impunidade/** Eric Nopomuceno – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

NETTO VARGAS, Sebastião L. F. **A Mística da Resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos**. 2007. Tese (Doutorado em História). USP, São Paulo.

OLIVEIRA, Cássia Milena Nunes. **MST: a juventude como caminho**. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

PELOSO, Ranulfo. **A Força que Anima os Militantes**. São Paulo: Secretaria Nacional – MST, 1994.

PEREIRA, Airton dos Reis. **Luta pela terra no sul e sudeste do Pará: migrações, conflitos e violência no campo. 2013**. Diss. Tese (Doutorado)–Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

_____. **Do posseiro ao sem-terra: a luta pela terra no sul e sudeste do Pará**. Recife: Editora, 2015.

_____. **A participação das mulheres trabalhadoras rurais na luta pela terra no sul e sudeste do Pará**. In SILVA, Idelma Santiago et. al. Mulheres em perspectiva: trajetórias, saberes e resistências na Amazônia oriental. Belém: Paka-Tatu, 2017, pp. 23-46.

PEREIRA, Isabel Brasil, et al. **Dicionário da educação do campo**. 2012.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 2014, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

ROCHA, A. Carlos. **O MST e a Luta pela Terra no Pará**. 1ª Ed. Marabá, PA editora Iguana, 2015.

ROSA, Marcelo Carvalho. Ocupações de Terra. In: **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, Roseli et. al. (org.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012, pp. 509-512.

SILVA, Emerson Neves da. **Formação e ideário do MST**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

SOUSA, J. (2006) **Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações**. *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*, Florianópolis: v. 5 n. 8. (pp. 9-30).

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil, desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

VELHO, O. G. **Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1972. 178p.

WELCH, Clifford. Conflitos no campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, Roseli et. al. (org.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012, pp. 141-148.